

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**JULIANA CARNEIRO ALVES**

***PESSACH: A TRAVESSIA – UMA REPRESENTAÇÃO  
DA LUTA SOCIAL E DO INTELECTUAL DOS ANOS 60***

Uberlândia, julho de 2005

JULIANA CARNEIRO ALVES

***PESSACH: A TRAVESSIA – UMA REPRESENTAÇÃO  
DA LUTA SOCIAL E DO INTELECTUAL DOS ANOS 60***

Monografia de graduação apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kátia Rodrigues Paranhos.

**Uberlândia, julho de 2005.**

Alves, Juliana Carneiro (1979)

*PESSACH: a travessia – uma representação da luta social e do intelectual dos*

60. Juliana Carneiro Alves - Uberlândia, 2005

111 fls.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>Kátia Rodrigues Paranhos**

Monografia (Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia, Curso de  
Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Literatura; Engajamento; Carlos Heitor Cony

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Regma Maria dos Santos

---

Prof. Dr. Valdeci Rezende Borges

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Kátia Rodrigues Paranhos (Orientadora)

A minha mãe,  
pelo seu amor,  
dedicação e incentivo.

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade Federal de Uberlândia e ao Instituto de História pela oportunidade de realizar este curso.

À professora Kátia Rodrigues Paranhos pela orientação e constante indicação de bibliografia.

Ao meu amigo André, serei eternamente grata pela sua disponibilidade em me ajudar sempre que precisei e também, por compartilhar o seu conhecimento cultural e intelectual sobre literatura, música e cinema.

Ao meu irmão Luciano pela indicação do romance e apoio durante o início do projeto e à Thaís pelas leituras dos primeiros rascunhos e livros utilizados.

Aos amigos de graduação, em especial Eduardo, Eliene, Sandra e Miguel, pela convivência e troca de experiências que compartilhamos, seja em congressos ou em torno de mesas regadas a muito macarrão, vinho e cerveja.

Ao funcionário da coordenação João Batista pela sua atenção, carinho e principalmente, seu profissionalismo quando solicitado.

À banca examinadora por aceitar o convite para participar desta monografia.

À minha irmã Adriana, por apoiar minhas escolhas e me incentivar a ser uma pessoa cada vez mais perseverante.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>A trajetória literária de Cony e o cenário político dos anos de 1960 .....</b>	<b>12</b>
1.1 - Cony de 1961 a 1964 .....	12
1.2 - Pós-1964 – A Pátria exige sacrifícios de todos nós .....	22
1.3 - Uma longa pausa na carreira literária .....	31
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b><i>Pessach:a travessia</i> – o registro de uma época .....</b>	<b>35</b>
2.1 – Pessach - o livro, os temas e os personagens .....	35
2.2 - O alheamento político, a crise pessoal e intelectual e a identidade .....	41
2.3 - A travessia .....	65
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>111</b>

## INTRODUÇÃO

Esta monografia procura analisar o engajamento social e político da obra de Carlos Heitor Cony durante o período da ditadura brasileira pós-1964, marcado por dois movimentos paralelos: a luta armada e a resistência democrática. Sua obra *Pessach: a travessia*, publicada em 1967, apresenta esta problemática, representada pelo conflito do escritor Paulo Simões em aceitar ou não o engajamento.

A análise da historicidade de *Pessach* busca verificar como a obra de arte pode ser uma fonte documental para trabalhos que elegem temas socioculturais e que ganharam mais espaço com o advento da História Cultural ou Nova História.

No Brasil, a partir da década de 1980, houve a produção de vários trabalhos que analisaram a literatura, o cinema, o teatro e a música e a sua relação com o meio social. Mas foi na França, no século XX, que surgiu o conceito de Nova História, fruto da reunião de vários ensaios, organizados em três volumes, de autoria do francês Jacques Le Goff, que, com um pequeno grupo de historiadores reformistas, criou a *École des Annales*, agrupada em torno da revista *Annales, civilisations* de 1929, voltada para publicações sobre sociedade, economia e civilização.

A principal discussão girava em torno do modelo de análise histórica, pois até aquele momento ela era essencialmente política, considerando objetos de menor interesse temas sobre arte, ciência, cultura regional, que ficavam à margem ou excluídos da delimitação temática tradicional.

Na primeira metade do século XX, a Nova História passou a se preocupar com a história das idéias ou qualquer produção da atividade humana, com “a infância, a

morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo, a feminilidade, a leitura, a fala e até mesmo o silêncio”<sup>1</sup>.

O alicerce da Nova História parte da consideração que “a realidade é social ou culturalmente constituída”<sup>2</sup>. A principal preocupação é questionar o que é central ou periférico.

Desta forma, a história não seria vista apenas como uma narrativa sucessiva de acontecimentos, mas sim como uma análise das estruturas que compõem esta realidade, passando a exercitar uma “história vista de baixo”, ou seja, a privilegiar pessoas comuns e suas experiências sociais, ao contrário da “história vista de cima”, que se voltava para os grandes marcos históricos, de personalidade políticas e religiosas.

A ampliação das fontes é uma característica primordial da Nova História, que trabalha não apenas com documentos ou fontes oficiais e primárias. Com isso, a dicotomia entre o coletivo e o individual se torna objeto de muitos questionamentos.

Nesta perspectiva, a objetividade do paradigma científico tradicional abre espaço para a subjetividade, num fenômeno justificado pelo argumento de que, segundo Peter Burke, “nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra”<sup>3</sup>.

Lucien Febvre e Marc Bloch, responsáveis pela fundação da revista *Annales* em 1929 na França, foram figuras importantes para divulgar a renovação da história, enquanto na Grã Bretanha, nos anos 1930, Lewis Namier e R.H. Tawney também desafiavam os limites impostos pelo paradigma tradicional.

<sup>1</sup> BURKE, Peter. **A escrita na História:** novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, p. 11.

<sup>2</sup> Idem, ibidem. p. 11.

<sup>3</sup> Ibidem. p. 15.

Nas décadas de 1970 e 1980 do século XX, a expressão “nova história” acabou tendo uma reação que percorreu vários países, como Japão, Índia e América Latina.

No Brasil, os trabalhos *Literatura e sociedade*<sup>4</sup>, de Antônio Cândido, publicado em 1965, e *Literatura como missão*<sup>5</sup>, de Nicolau Sevcencko, lançado em 1985, tornaram-se importantes referências para diversos trabalhos sobre literatura e sociedade. Estas obras constroem uma relação dialética com e entre os alvos de investigação, não se restringindo à análise de um ou outro elemento observado.

A discussão entre o externo e o interno na obra de arte literária foi a questão principal que Antônio Cândido abordou em seu trabalho, a fim de unir texto e contexto de forma mais íntegra. Ele ressalta que “o **externo** (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, **interno**”<sup>6</sup>.

Desta forma, o elemento social na construção artística do livro acaba tendo um teor explicativo e não apenas ilustrativo, situando-o historicamente como uma “interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte”<sup>7</sup> e resultando em uma interpretação coerente, na qual o elemento externo ressaltado deve ser utilizado como “componente da estruturação da obra”<sup>8</sup>.

A relação entre o artista e o grupo social passa a ser um processo no qual “elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a

<sup>4</sup> CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 8<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Pulpifolha, 2000.

<sup>5</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>6</sup> CÂNDIDO, Antônio. Op. cit., p. 06.

<sup>7</sup> Ibidem. p. 08.

<sup>8</sup> Ibidem. p. 09.

necessidades coletivas; e estas agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo”<sup>9</sup>.

Neste sentido, a obra de arte deve ser tomada como resultado não apenas de individualidades ou de condições sociais, mas sim como uma junção destes dois elementos. A respeito deste assunto, Antônio Cândido questiona: “qual é a função do artista, qual a sua posição e quais os limites da sua autonomia criadora?”<sup>10</sup>.

Já a contribuição da obra de Nicolau Sevcenko para estudo de *Pessach* se traduz em reflexões sobre como o discurso de Cony aparece para avaliar as “forças e os níveis de tensões existentes no seio de uma determinada estrutura social”, para analisar a obra de maneira a não esvaziar seus significados estéticos do seu sentido social e para reconhecer que a literatura é produto artístico que não comove ou agrada sem o seu contexto sociocultural, fornecendo apenas “uma expectativa do seu vir-a-ser” – é o resultado do desejo em revelar os pontos mais ardorosos dos conflitos internos e ressentimentos que agonizam o indivíduo e por isso “seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade”<sup>11</sup>.

Com esta argumentação, Sevcenko distingue o papel do historiador e o do escritor: o primeiro “ocupa-se da realidade” e o outro “é atraído pela possibilidade”.<sup>12</sup>

Em *Literatura como missão*, Sevcenko procurou analisar a cidade do Rio de Janeiro retratada por Euclides da Cunha e Lima Barreto no limiar do século XX. Para ele, “nenhuma outra obra apresentava tantos e tão significativos elementos para a elucidação, quer das tensões históricas cruciais do período, quer dos seus dilemas culturais”<sup>13</sup>.

<sup>9</sup> Ibidem. p. 23.

<sup>10</sup> Ibidem. p. 24.

<sup>11</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. cit., p. 19-20.

<sup>12</sup> Ibidem. p. 20

<sup>13</sup> Ibidem, p. 23.

Importa destacar ainda que Cony, apesar de não ter vivido a experiência da luta armada, propôs-se a falar sobre ela e a discutir a forma de engajamento que a “esquerda” propunha e a oposição do PCB (Partido Comunista Brasileiro) à luta armada. Assim, *Pessach* pode ser pensada como uma “história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das idéias não consumidas”<sup>14</sup>.

Cony exercia, durante o período da ditadura militar, atividades de jornalista e escritor. Suas crônicas, editadas no jornal *Correio da Manhã* desde 1963, consagraram-no, a partir do dia 2 de abril de 1964, após o golpe, como um porta-voz dos abusos que o poder militar estava impondo à sociedade. Nessa mesma data foi publicada a crônica *Da salvação da pátria*<sup>15</sup>, na qual ele faz observações sobre a movimentação de tanques e militares perto do Forte de Copacabana, bairro em que morava.

O escritor explorava a coluna diária do *Correio da Manhã* intitulada *Da arte de falar mal* para denunciar prisões e torturas e “protestar contra as cassações de políticos (por muitos dos quais nunca tivera a menor simpatia) e a defender jornalistas e intelectuais perseguidos”<sup>16</sup>.

Cony saiu do *Correio da Manhã* em 1965 e lançou, em meados de 1967, o romance *Pessach: a travessia*, no qual – após uma ausência de dois anos do mundo das crônicas e romances – expõe a sua relação com a política da década de 1960 e a reação do Partido Comunista perante as ações armadas de alguns grupos guerrilheiros que nos anos de 1968 e 1969 se espalharam por vários pontos do país.

Além de uma motivação pessoal, o que levou Cony a escrever *Pessach* foi, segundo o próprio autor, uma necessidade em explorar, através da sua literatura, os momentos críticos

<sup>14</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>15</sup> CONY, Carlos Heitor. **O ato e o fato:** som e a fúria das crônicas contra o golpe de 1964. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

<sup>16</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. São Paulo: Instituto Moreira Salles, nº 12, 2001. Semestral, p. 16.

pelo qual a sociedade brasileira vinha passando com o regime militar. E sobre isto ele declara que “o fato de ser engajada não quer dizer que a arte seja melhor ou pior. A obra engajada pode ser uma maravilha ou uma porcaria. Eu considero **Antes, o verão**, que não tem nada de política, um dos meus melhores livros - e eu escrevi em 1964”<sup>17</sup>.

A questão da obra de arte engajada ganhou uma relevância maior após a revolução russa em 1917 e os questionamentos existencialistas de Sartre, na busca de um novo homem e uma linha de engajamento que defende os valores universais como justiça e liberdade em oposição às restrições que os governos impunham à sociedade.

As obras *Literatura e engajamento de Pascal a Sartre*<sup>18</sup>, de Benoit Denis, e *O que é a literatura?*<sup>19</sup>, de Jean Paul Sartre, foram de grande contribuição para o entendimento sobre a concepção de engajamento intelectual que estava sendo discutida no campo intelectual brasileiro dos anos de 1960.

Sartre afirma que “só existe arte por e para outrem”<sup>20</sup>, considerando que a arte de escrever está intrinsecamente ligada com o ato de ler e por isso deve ser um trabalho que une autor e leitor. Segundo o autor, a subjetividade criada pelo escritor somente poderá ser sentida por ele na leitura – “o universo do escritor só aparecerá em toda a sua profundidade no exame, na admiração, na indignação do leitor”<sup>21</sup>. Para ele, o ato de escrever não está separado do desejo pela liberdade e por causa disso a criação da obra de arte acaba intencionalmente ou não se engajando.

<sup>17</sup> Ibidem. p. 52.

<sup>18</sup> DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento:** de Pascal a Sartre. Bauru-SP: Edusc, 2002.

<sup>19</sup> SARTRE, Jean Paul Sartre. **O que é a literatura?** São Paulo: Ática. 1999.

<sup>20</sup> Ibidem. p. 37.

<sup>21</sup> Ibidem. p. 51.

A respeito do grau de engajamento da obra literária também é válido ressaltar a observação de Denis Benoit, para quem é preciso “reconhecer que toda obra literária é em algum grau engajada, no sentido em que ela propõe certa visão de mundo e que ela dá forma e sentido do real”<sup>22</sup>.

Benoit se refere aos debates no campo político-social ao apresentar uma definição de “literatura engajada” – expressão cujo uso se popularizou no século XX, apesar de já estar presente na *República* de Platão.

O movimento em defesa da literatura engajada surgiu após três vertentes que repensaram a função da literatura. Em 1850, durante um período que ficou conhecido como modernidade, destacou-se uma visão da literatura que preconizava que o escritor deveria criar dentro de um campo literário autônomo, focalizando apenas a atividade literária e se distanciando dos acontecimentos políticos e sociais.

Durante a transição de século XIX para o XX, a literatura procurou estabelecer uma nova função social do intelectual, que passou a não se preocupar apenas com o prestígio de sua obra, mas também com o fato de como ela poderia estar envolvida nas discussões sociais e políticas.

Por fim, a Revolução Russa, em outubro de 1917, estimulou uma análise do período entre guerras e da idéia de revolução – tendo como referência a Revolução Francesa de 1789 –, chamando os intelectuais para um processo revolucionário no qual eles passariam a ser porta-vozes e agentes históricos dentro desta nova instituição que era o Partido Comunista. Tratava-se, no entanto, de uma proposta de literatura vigiada.

A partir de então, a literatura engajada passou a ser concebida como aquela na qual o escritor consegue estabelecer uma relação com o social ou coletivo que o cerca, a ponto de produzir uma narrativa que possa responder ou refletir os questionamentos do momento em

---

<sup>22</sup> DENIS, Benoit. Op. cit., p. 10.

que ele escreve, tendo a “responsabilidade de engajar-se com a consciência de colocar a sua pessoa na linha de frente da obra literária, isso significa também que o escritor assume a hipótese de que ele possa ser julgado a partir de suas obras”<sup>23</sup>.

A literatura engajada se destina a determinado público, pois, como Sartre mesmo coloca, o escritor não escreve para si, mas para o outro. O escritor engajado “situa a sua obra socialmente, politicamente e ideologicamente, na medida em que essa eleição do público determina os fins, os temas e os meios do seu empreendimento”<sup>24</sup>. Cabe lembrar que Antônio Cândido também traz esta problemática em *Literatura e sociedade*.

Contudo, há que se considerar o grau de veracidade entre as narrativas da literatura e as da história, atribuindo à criação literária o ato de dar o “efeito de real” a algo que teria acontecido e que durante a leitura o público consegue “imaginar”, construindo uma representação do que foi narrado. Na história, a aproximação com o real é o principal objetivo, estando a produção histórica pautada em algum documento, seja ele de um arquivo oficial ou um poema.

Os argumentos até aqui apresentados servem para justificar a importância da análise apresentada nesta monografia e para evidenciar a contribuição dos autores citados na discussão em torno do engajamento social e político da obra de Carlos Heitor Cony durante o regime militar no Brasil. Interessa salientar que o presente trabalho centra atenção no romance *Pessach: a travessia*, que aborda a questão do engajamento dos intelectuais no período pós-1964, traduzida nos conflitos pessoais do protagonista, o escritor Paulo Simões, em se engajar ou ser engajado. Esta monografia analisa, paralelamente, a conduta do escritor Carlos Heitor Cony durante a construção do romance, já que o livro se inicia com a comemoração do aniversário do personagem principal em 14 de março de 1966, mesma data

---

<sup>23</sup> Ibidem. p. 46.

<sup>24</sup> Ibidem. p. 61.

de nascimento de Cony. Além disso, enfatiza o envolvimento do artista com o contexto social dos anos pós-1964 e como este ambiente está representado em *Pessach*.

Já o livro *Canibalismo dos fracos*, de Alcides Freire Ramos<sup>25</sup>, oferece a esta monografia informações importantes sobre como a alegoria é utilizada para compor a forma de representação do intelectual no filme *Os inconfidentes*, que deveria figurar tanto no tempo da Inconfidência como no período da ditadura, à qual o filme se refere de maneira sutil.

Aparentemente, o filme *Os inconfidentes*<sup>26</sup> revela preocupação apenas com o passado, no entanto, as questões sobre a postura revolucionária nele contidas se tornaram contundentes com o processo da ditadura dos anos 1960 e 1970.

A estratégia alegórica utilizada para ampliar o significado das representações históricas passa pelo aspecto figural definido por Auerbach<sup>27</sup> e explicado por Ramos em *Canibalismo dos fracos*, onde ele sublinha que um significado não exclui a realidade histórica que se quer resgatar, possibilitando compreender um momento histórico que pode remeter a outro.

Recorremos a esta discussão para entender como a alegoria está presente em *Pessach*, já que esta palavra hebraica, que significa “a passagem por cima”, remete à passagem bíblica que narra o movimento do povo judeu sendo guiado por Moisés rumo à liberdade. Depois de quarenta anos de escravidão, os judeus partem do Egito numa travessia pelo deserto em busca da “terra prometida” para estabelecerem sua religião e sua nação, num ato coletivo que fortaleceu a história do judaísmo.

O título do romance de Cony – *Pessach - a travessia* – está baseado nesta referência bíblica e é também nela que o autor se apóia para explicar o processo de adesão ou não à luta

<sup>25</sup> RAMOS, Alcides Freire Ramos. **Canibalismo dos fracos**. Bauru-SP: Edusc, 2002.

<sup>26</sup> **Os Inconfidentes** (1972, Joaquim Pedro de Andrade).

<sup>27</sup> RAMOS, Alcides Freire Ramos. Op. cit., p. 133.

armada que se apresentava como motivo de conflito para o protagonista do romance. É uma analogia à escolha que o povo judeu teve que fazer quando Moisés propôs a ida para o deserto em busca de uma nova terra. Ao mesmo tempo, Cony procura resgatar a importância do indivíduo na luta social, através dos embates que seu personagem principal coloca ao longo dos seus diálogos com o grupo guerrilheiro com o qual convive na segunda parte do romance.

Voltando a Ramos, é interessante observar que ele coloca em debate o papel dos intelectuais na sociedade e a idéia de que estes homens são pessoas que estão preocupadas com os “problemas sociais e que encontram condições plenas para a efetivação do engajamento político”<sup>28</sup>. Esta visão dos intelectuais – mais marcante nas décadas de 1960 e 1970 – passa por uma identificação deles com um grau de letramento comum a escritores, professores, poetas e jornalistas, por exemplo, e também com uma aproximação com a burguesia. Portanto, esperava-se, na década de 1960, que o intelectual deveria estar ciente que o rompimento com suas referências de mundo não seriam fáceis durante um movimento de guerrilha. Sobre esta questão, devemos considerar que

[...] os comportamentos dos intelectuais expressam contradições que dizem respeito ao fato de que não conseguem, sobretudo, agir tendo em vista interesses e objetivos que encontram-se em contradição com os de sua classe de origem e/ou formação. Isto acontece porque não conseguiram, na prática cotidiana, se livrar de uma determinada formação de classe fortemente arraigada. A consecução mesma da tarefa de crítica radical a que se propõem depende, sem dúvida, de uma constante e profunda revisão interna. Viver uma luta eterna contra si mesmo, este parece ser o destino dos intelectuais que acolheram romper com a sua condição, pois só a burguesia, no momento em que era classe revolucionária, foi capaz de produzir intelectuais orgânicos.<sup>29</sup>

Este conflito interno do intelectual se apresenta como uma questão importante a ser analisada em *Pessach*, já que o protagonista Paulo, na primeira parte do romance, manifesta este impasse, quando recebe, dos personagens Sílvio e Vera, proposta para integrar um grupo guerrilheiro. Por não acreditar nas ações desta “esquerda”, ele não demonstra muito interesse

<sup>28</sup> Ibidem, p. 90.

<sup>29</sup> Ibidem. p. 124.

pelo convite, julgando ser mais conveniente se manter na postura de mero simpatizante, participando da assinatura de manifestos ou debatendo em rodas de amigos.

Outra importante fonte de consulta é a dissertação<sup>30</sup> de Cláudia Helena Cruz, que se concentra na trajetória do homem/escritor Antônio Callado e a contribuição de seu romance *Quarup*, publicado em 1967, no contexto da criação literária e da militância política. Cruz analisa a relação entre esta obra e a década de 1960 e os movimentos sociais que estavam ocorrendo em Pernambuco.

O objetivo de Cruz é compreender como *Quarup* e a obra de Antônio Callado, incluindo *Bar Dom Juam* (1971), *Reflexos do baile*, (1976) e *Sempreviva* (1981), procuraram transmitir uma “expectativa do ideal de democracia, ou como ele denominou, ‘a revolução piloto’ que acontecia em Pernambuco”<sup>31</sup>.

A partir das leituras mencionadas, pretendemos ampliar as discussões a serem feitas sobre a obra *Pessach: a travessia* para chegar a uma análise que consiga absorver o vasto diálogo que existe entre literatura e história. Para isto, realizamos também uma leitura de fontes bibliográficas especializadas sobre o tema proposto com o objetivo de melhor estruturar os capítulos deste trabalho.

Nosso interesse é analisar, no primeiro capítulo, a trajetória literária de Carlos Heitor Cony e o cenário político dos anos de 1960. No segundo capítulo, enfatizamos o romance e sua importância como registro de uma época para, em seguida, apresentar as considerações finais.

---

<sup>30</sup> CRUZ, Cláudia Helena. **Encontros entre a criação literária e militância política:** *Quarup* (1967) de Antônio Cândido. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, 2003.

<sup>31</sup> Ibidem. p. 21.

# CAPÍTULO I

## A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE CONY E O CENÁRIO POLÍTICO DOS ANOS 1960

*Não posso falar pelos outros, só por mim. Eu fui procurar a literatura por deficiências e carências. A literatura teve sempre para mim esse lado de abrigo, de apoio.*

Carlos Heitor Cony

### 1.1 Cony de 1961 a 1964

A trajetória jornalística e literária de Cony durante os anos de 1961 a 1965, quando esteve ligado à redação do jornal Correio da Manhã, está relacionada com o quadro político e social que resultou no golpe militar de 31 de março de 1964. Durante esse período, suas crônicas passaram a explorar o fato político do momento, o que não era característica do seu trabalho até então. Ele mesmo conta que, antes dessa época, “tanto no *Jornal do Brasil* [...] como no *Correio da Manhã*, o tema dos meus artigos e crônicas eram comentários ou reflexões sobre cinema, música, literatura, história, comportamento. Cultivava um entranhado desprezo pelo fato político”<sup>32</sup>.

Durante aqueles anos, o Brasil enfrentou a renúncia de Jânio Quadros à presidência da República, em agosto de 1961 – após uma expressiva vitória em 1960 –, bem como o veto dos ministros militares à posse do vice-presidente João Goulart, que retornava de uma viagem à China. O Congresso procurou remediar esta situação,

<sup>32</sup> CONY, Carlos Heitor. **Revolução dos caranguejos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 24. (Coleção Vozes do Golpe)

tentando instaurar um regime parlamentarista, garantindo a posse de Jango em setembro, com o apoio da guarnição do Exército dos Estados da Região Sul.

A situação de insatisfação popular de vários setores sociais resultou, em 19 de março de 1964, na *Marcha da família com Deus pela liberdade*, nas ruas de São Paulo, com a participação de 300 mil pessoas. Esta manifestação foi uma resposta da classe média à proposta de reformas de base<sup>33</sup> que Goulart tentava aprovar no Congresso e que teve apoio popular no comício realizado na Central do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, em 13 de março – neste evento, compareceram 250 mil pessoas.

Em 31 de março de 1964, após dois anos e meio de governo, João Goulart foi deposto. O general Olympio Mourão Filho foi o sucessor provisório na presidência do Brasil, no dia 1º de abril, e no dia 15 assumiu o cargo máximo da República brasileira o marechal Humberto Castelo Branco. Em suas crônicas publicadas no jornal *Correio da Manhã*, esta transição de governo era denominada por Cony como a “quartelada de 1º de abril” – estas crônicas foram organizadas no livro *O ato e o fato*<sup>34</sup>.

A ameaça do comunismo ao conceito de civilidade prezado pela classe média foi outro argumento que os militares utilizaram para obter mais apoio da burguesia. No imaginário de algumas pessoas, este seria um “regime onde não havia nada para se consumir [...] um lugar marcado pela escassez de bens de consumo e pelo excesso de

<sup>33</sup> O programa das reformas de base voltava-se para os seguintes setores: *agrário*, redistribuindo terras improdutivas aos pequenos proprietários; *urbano*, desenvolvendo um planejamento para acompanhar o crescimento das cidades; *bancário*, na criação de um sistema de financiamento para os projetos nacionais; *tributário*, na intensificação no recolhimento de impostos diretos, principalmente os impostos de renda progressivos; *eleitoral*, na liberação do voto para os analfabetos, os quais, neste período, eram quase a metade da população adulta brasileira; a *reforma do estatuto do capital estrangeiro*, criando um controle para os investimentos estrangeiros no Brasil e sobre os envios dos lucros para o exterior; e, por último, a *reforma universitária*, onde o ensino e a pesquisa deveriam atender às necessidades sociais e nacionais. REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerda e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 24.

<sup>34</sup> CONY, Carlos Heitor. **O ato e o fato**: som e a fúria das crônicas contra o golpe de 1964. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

trabalho”<sup>35</sup>; difundia-se a idéia de que a sociedade brasileira estava ameaçada por “um tempo de desordem e de caos, marcado pela subversão dos princípios e dos valores, inclusive dos religiosos”<sup>36</sup>, mas a verdadeira ameaça que a classe média sentia era a da perda do seu patrimônio, já que durante os governos de Getúlio Vargas e Jânio Quadros muitos acumularam riquezas, privilégios e favores que, naquele momento, estavam ameaçados pelas reformas de base.

O quadro internacional, com algumas vitórias de grupos de esquerda, como na Revolução Cubana de 1959, na independência da Argélia em 1962 e a Guerra do Vietnã contra o imperialismo norte-americano, estimularam um levantar de bandeira pela libertação nacional, influenciando a construção do novo pensamento de esquerda brasileiro e do movimento estudantil da década de 1960.

As rebeliões estudantis nas décadas de 1960 e 1970 foram resultados do enfrentamento ao opressor, com ações inspiradas na “teoria do foco” desenvolvida por Che Guevara para instalar as guerrilhas urbana e rural em Cuba. Os partidos políticos de esquerda deixaram de ser a única opção para organizar forças de resistências. Estudantes universitários se converteram em uma importante base de “rearticulação das esquerdas, postas, todas, na clandestinidade desde abril de 1964”<sup>37</sup>.

O foco da literatura na década de 1960 também apresentou mudanças. Temas universais e nacionais clássicos que falavam da indispensável modernização industrial do país com um tom ufanista, a partir da semana de 1922 e que se acentuou na década

<sup>35</sup> FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. **Liberdade e uma calça azul velha e desbotada.** Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo: Hucitec, 1998, p. 43.

<sup>36</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão, FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerda e sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 27.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 41.

de 1930, cederam lugar para as críticas a qualquer forma de autoritarismo que o Estado impunha à sociedade – ditando regras de conduta e política e da vida cotidiana.

A discussão sobre resistência democrática, do ponto de vista político, deve-se ao fato de que o enfretamento ao governo militar de parte da classe média intelectualizada de esquerda – da qual fala Ridenti<sup>38</sup> e que Renato Franco<sup>39</sup> retoma – ter produzido não uma revolução cultural, mas sim uma contra-ideologia para combater a ideologia do poder dominante, uma vez que o regime militar procurou estabelecer uma uniformidade social à população, a fim de negar a diversidade cultural e social brasileira.

Ridenti considera que a luta da esquerda armada brasileira “não foi senão uma das manifestações mais radicais do romantismo revolucionário naqueles anos, presentes não só no campo político-cultural, na música popular, no cinema, no teatro, nas artes plásticas e na literatura”<sup>40</sup>. Ele acrescenta que esta

[...] utopia revolucionária romântica do período valorizava acima de tudo a vontade de transformação, a ação dos seres humanos para mudar a História, num processo de construção do “homem novo”, nos termos do jovem Marx, recuperados por Che Guevara. Mas o modelo para esse “homem novo” estava paradoxalmente, no passado, na idealização de um autêntico homem do povo, com raízes rurais, do interior, do “coração do Brasil”, supostamente não contaminado pela modernidade urbana capitalista.<sup>41</sup>

Nesse período, *Pessach* representava este ar de “romantismo revolucionário”<sup>42</sup> em que alguns grupos de esquerda da década de 1960, enfatizava não apenas uma

<sup>38</sup> RIDENTI, Marcelo. O romantismo revolucionário nos anos 60. In: FREIRE, Alípio, ALMADA, Izaías, e PONCE, J. A. de Graville (orgs.). **Tiradentes, um presídio da ditadura:** memórias de presos. São Paulo: Scipione, 1997.

<sup>39</sup> FRANCO, Renato. **Itinerário político do romance pós-64: a festa.** São Paulo: Ed. Unesp, 1998, p. 42.

<sup>40</sup> RIDENTI, Marcelo, op.cit, p. 414.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 414.

<sup>42</sup> A definição de romantismo revolucionário que Ridenti lança mão neste texto está pautada nas considerações de Michael Löwy e Robert Sayre, Ambos consideram que o romantismo representa uma

simples volta ao passado, mas sim o resgate de seus elementos para a construção da utopia do futuro. Para Ridenti, esta perspectiva do homem novo era

[...] romantismo, sim, mas *revolucionário*. De fato, visava-se resgatar um encantamento da vida, uma comunidade inspirada na idealização do homem do povo, cuja essência estaria no espírito do camponês e do migrante favelado a trabalhar nas cidades. Mas essa volta ao passado seria a inspiração para construir *homem novo*<sup>43</sup>.

Retornando à produção literária de Carlos Heitor Cony, cabe lembrar que ela foi bastante intensa durante o período de 1958 a 1974<sup>44</sup>. O autor adaptou obras clássicas da literatura universal<sup>45</sup> para textos infanto-juvenis e ainda uma telenovela e dois roteiros de cinema. Ingressou, em 1961, no jornal Correio da Manhã; durante os anos de 1963 a 1965, escreveu uma coluna do jornal Folha de S. Paulo, em parceria com Cecília Meireles.

Durante a época em que esteve no jornal Correio da Manhã, Cony obteve reconhecimento de público pelos seus inúmeros artigos publicados no período pós-golpe de 1964, ao mesmo tempo em que enfrentava perseguições do regime militar, o que

crítica da modernidade, ou melhor, à civilização capitalista moderna, em favor de valores e ideais do passado, resgatando alguns princípios perdidos durante o processo de modernidade como: comunidade, gratuidade, doação, harmonia com a natureza, trabalho como arte, encantamento com a vida. Este conceito ainda enfatiza “a prática, a ação, a coragem, a vontade de transformação, por vezes, em detrimento da teoria e dos limites impostos pelas circunstâncias históricas objetivas”. RIDENTI, Marcelo. Op. cit., p. 415.

<sup>43</sup> Ibidem.

<sup>44</sup> *O ventre* (1958; reeditado em 1996); *Informação ao Crucificado* (1961); *Matéria de Memória* (1962); *Antes o Verão* (1965; reeditado em 1997); e, ainda, as coletâneas de crônicas: *Da arte de falar mal* (1963); *O ato e o fato* (1964). No ano de 1964, colaborou, juntamente com outros autores, com a coletânea de crônicas *Os sete pecados capitais* e, em 1965, com a coletânea *Posto Seis; Balé Branco* (1966); publicou o conto “A ordem do dia” na coletânea *64 d.C.*, organizada por Antonio Callado (1967); *Pessach: a travessia* (1967; reeditado em 1975 e em 1997); a biografia *Quem matou Vargas* (1968; reeditada em 1974 e em 2005); o ensaio e antologia *Charles Chaplin* (1969); a coletânea de contos e novelas *Sobre todas as coisas* (1969; reeditado como *Babilônia! Babilônia*, em 1978) e *Pilatos* (1974). Cf.: KUSHNIR, Beatriz. “Depor as armas - a travessia de Cony, e a censura no Partidão. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **Intelectuais, história e política: século XIX e XX.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 226.

<sup>45</sup> Cony, traduziu textos de Mark Twain, R. L. Stevenson, Emílio Salgari, Julio Verne, Charles Kingsley, Lewis Wallace, Alain-Fournier, Herman Melville, Máximo Gorki, Alexandre Dumas e Fiodor Dostoevski. Ibidem, p. 226.

resultou em seis prisões e alguns processos embasados na Lei de Segurança Nacional (LSN) que previa “prisão perpétua em tempo de guerra e trinta anos de cadeia em tempo de paz”<sup>46</sup>.

A produção literária e jornalística de Cony, segundo o próprio escritor, foi motivada

[...] por uma certa compulsão interior, que me faz produzir constantemente. Agora, não chega a ser um grande prazer. Antes, alguns fatores influíam, como o barulho da máquina de escrever, os locais de trabalho nas redações... Flaubert tinha dificuldades. Otto Lara Resende também encontrava tamanha dificuldade em escrever. Certa vez, foi encontrado um bilhete de Otto em seus manuscritos, nos quais ele dizia que "só uma besta se mete a escrever"<sup>47</sup>.

De acordo com Cícero Sandroni, o gosto de Cony pela leitura de grandes nomes da literatura nacional e internacional continuou se intensificando após sua saída do seminário, em 1945. Sua bagagem de leitura trazia autores como Goethe, Thomas Mann, Stendhal, Balzac, Dostoevski, Joyce, Kafka, Faulkner, Sartre, Camus e García Lorca. Na literatura brasileira, era apreciador de Jorge Amado, Graciliano Ramos, os poetas Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira e ainda Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida e Lima Barreto<sup>48</sup>.

Cony comentou, nos Cadernos de Literatura Brasileira, a influência inevitável que sofreu durante a sua produção literária:

É impossível, claro, viver sem influências. Peguem aí os maiores sábios do mundo – todos eles sofrem influência de alguém. Agora, existem influências escolhidas e outras não. No meu caso, Sartre foi escolhido e Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida e Lima Barreto, três cariocas, não<sup>49</sup>.

---

<sup>46</sup> CONY, Carlos Heitor. **Revolução dos caranguejos**. Op. cit., p. 57.

<sup>47</sup> MAZZINI, Leandro. O menino de Lins de Vasconcelos – Carlos Heitor Cony. Jornal Bienal On line, Rio de Janeiro, 17 maio. 2004. Entrevista. Disponível em : <http://www.jornaldabienalonline.com.br>. Acesso em: 03 set. 2004.

<sup>48</sup> SANDRONI, Cícero. **Carlos Heitor Cony**: quase Cony. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 73.

<sup>49</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Op. cit., p. 46.

O escritor acompanhou a movimentação dos militares, no dia 31 de março de 1964, na companhia de Carlos Drummond de Andrade, que o convidou para sair de sua casa, situada na Rua Raul Pompéia, no bairro carioca de Copacabana, onde convalescia de uma cirurgia de apendicite realizada duas semanas antes. Caminharam rumo ao Posto Seis, próximo ao Forte de Copacabana, de onde observaram a manobra das forças armadas, liderada pelos generais Amaury Kruel e Olímpio Mourão Filho. Deste episódio, Cony escreveu sua primeira crônica de teor politicamente engajado, *Da salvação da pátria*<sup>50</sup>, publicada em seguida, no dia 02 de abril, no jornal Correio da Manhã.

No dia seguinte à crônica, quando o escritor retornou à redação do Correio da Manhã, não ouviu qualquer comentário sobre o texto. Como ainda não havia lido os jornais para saber das novidades, desconhecia que sua crônica era o único texto que apresentava um teor de crítica ao movimento militar. Ao retornar à sua casa, leu os jornais do dia e entendeu o clima de preocupação de alguns amigos do Correio.

Estranhei a preocupação deles e somente em casa, ao ler os jornais daquele dia, percebi que todos haviam saudado o golpe, uns com entusiasmo, outros com moderação. Por vinte e quatro horas, acredo, minha crônica ficou sendo o patinho feio da imprensa<sup>51</sup>.

A “experiência cotidiana de ser oposição”<sup>52</sup>, da qual Cony passaria a fazer parte, ganhou a adesão de uma parcela da classe média intelectualizada, a qual, segundo Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis, constituía-se por “estudantes

<sup>50</sup> CONY, Carlos Heitor, **O ato e o fato**, Op. cit., p. 11.

<sup>51</sup> CONY, Carlos Heitor, **Revolução dos caranguejos**, Op. cit., p. 27.

<sup>52</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia. T.; WEIS, L. Carro-zero e pau-de-arara: cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia M. (coord.). **História da vida privada no Brasil:** contraste da intimidade contemporânea. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 327-328.

politicamente ativos, professores universitários, profissionais liberais, artistas, jornalistas, publicitários, etc”<sup>53</sup>.

O cotidiano social destes opositores era controlado pela Lei de Segurança Nacional, que protegia o Brasil contra a “ameaça do comunismo”, tornando as eleições menos competitivas com a criação do bipartidarismo e também diminuindo a participação política do Congresso, das Assembléias Legislativas e das Câmaras Municipais. Houve também restrições no universo privado das pessoas que tivessem uma conduta não orientada em apoiar o atual governo – mantinha-se uma constante vigília aos círculos de amizades, às famílias, aos relacionamentos amorosos, à opção religiosa ou mística e, claro, ao ambiente de trabalho, estudo e lazer.

O engajamento seguia duas vias: a linha civil e a armada. Na primeira, a atuação consistia em utilizar vários meios de comunicação, como a imprensa, o espaço cultural da música, teatro, literatura, poesia e cinema, além das escolas e universidades, para criticar o retrocesso político e democrático que o regime militar impunha ao Brasil. A segunda opção era a ação armada proposta por organizações guerrilheiras de esquerda que objetivava desestabilizar o Estado através de um projeto revolucionário ofensivo; eles não pediam “licença para fazer a revolução” e somaram, segundo Ridenti, quase trinta grupos durante o regime militar<sup>54</sup>.

A relação que Cony procurou manter entre sua literatura e a política frente à crise social do pós-1964 foi a de lutar por um processo de democracia ameaçado pelo autoritarismo militar, colocando suas obras e artigos como meio de denúncia dos abusos que a ditadura impunha ao país.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 326.

<sup>54</sup> RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora da Unesp, 1993, p. 70.

A crônica *O ato e o fato*<sup>55</sup>, publicada em 11 de abril de 1964 no jornal Correio da Manhã, foi mais uma crítica conyana ao Comando Militar e à instauração do primeiro Ato Institucional, posto em vigor no dia anterior e suprimindo as liberdades públicas por meio da Lei de Segurança Nacional – um dos artigos consistia na pena de prisão “perpétua em tempo de guerra e trinta anos de cadeia em tempo de paz” para qualquer cidadão que incitasse a “animosidade entre civis e militares”<sup>56</sup>.

Em 14 de abril, Cony publicou *A revolução dos caranguejos*<sup>57</sup> - depois, também publicada em vários jornais estrangeiros –, na qual fazia uma analogia do rastejar para trás dos caranguejos para criticar a revolução do Alto Comando Militar que, ao invés de conduzir a melhorias, resultou em uma “estagnação moral e material”<sup>58</sup>.

[...] sejamos generosos: aceitamos a classificação. Mas devemos completá-la: é uma Revolução, sim, mas de caranguejos. Revolução que anda para trás. Que ignora a época, a marcha da história, e tenta regredir ao governo Dutra, ou mais longe ainda, aos tempos da Velha República, quando a probidade dos velhacos era o esconderijo da incompetência e do servilismo<sup>59</sup>.

Tal atitude resultou em ameaças a Cony e sua família, em boatos de um possível assassinato e até de sua prisão, gerando uma mobilização de parte da diretoria e de colegas do jornal Correio da Manhã que “acamparam” em sua casa até a madrugada do dia seguinte.

<sup>55</sup> CONY, Carlos Heitor, **O ato e o fato**. Op. cit., p. 26.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 57.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 28 e 30.

<sup>58</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>59</sup> Ibidem, p. 28.

O Correio da Manhã em apoio a Cony colocaram na primeira página do dia seguinte o editorial, *Ameaças e opinião*<sup>60</sup>, no qual expuseram a indignação que sentiam por tais ameaças, bem como pela presença de militares em sua casa, com a identificação “de oficiais do Exército”, com o intuito de interrogar os empregados sobre os hábitos e horários de Cony.

O fechamento do jornal Correio da Manhã, em 1974, foi resultado de um colapso oriundo das constantes visitas dos censores e das dificuldades financeiras causadas pelas restrições de crédito que o governo militar impunha aos opositores – tratava-se de crédito para a modernização da imprensa – após constantes publicações de artigos e crônicas questionando e criticando o abuso e o autoritarismo dos militares.

As crônicas do Correio da Manhã tinham como pontos básicos “informar e fazer pensar”, ou seja, “transmitir ao público os fatos que contavam, com precisão e objetividade, e as diversas idéias que pudesse iluminá-los”<sup>61</sup> sobre as restrições que o regime militar estava impondo à sociedade através dos atos institucionais.

Em 04 de junho de 1964, Cony publicou mais uma crônica, *O sangue e a pólvora*<sup>62</sup>, criticando a sucessão de quebra de palavras do presidente Castelo Branco, desde sua posse em 15 de abril de 1964: o marechal não suspendeu o AI de 09 de abril, prorrogou o seu próprio mandato e adiou o processo eleitoral previsto para 1965, quebrando a promessa de respeitar as candidaturas de “Carlos Lacerda, pela UDN, e a de Juscelino Kubitschek, pelo PSD – esta segunda, inclusive, já homologada pela convenção partidária”<sup>63</sup>.

<sup>60</sup> CONY, Carlos Heitor. “Ameaça e Opinião”. In: \_\_\_\_\_. **O ato e o fato**. Op. cit., p. 31-32.

<sup>61</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia. T.; WEIS, L. Op. cit., p. 358.

<sup>62</sup> CONY, Carlos Heitor. **O ato e o fato**. Op. cit., p. 107.

<sup>63</sup> Ibidem.

Kubitschek teve sua candidatura retirada pelos militares convencidos pelos udenistas de que ele era uma ameaça ao Brasil e ao atual governo. Com isso, o processo eleitoral não prosseguiu e, caso tivesse continuidade, seria feito através de candidatos escolhidos pelo regime militar. Esta manobra política recebeu a seguinte crítica de Cony:

Ora, realizar uma eleição com candidatos homogêneos, representantes dos mesmos grupos e ideologias, é uma tapeação primária que pretendem copiar dos Estados fascistas<sup>64</sup>.

A quebra deste direito político democrático foi a prova clara do nível de ditadura que o Brasil passaria a enfrentar nos próximos vinte anos, até as movimentações da campanha *Diretas Já*, em 1985.

Este quadro social de 1964 fez parte também do repertório de vários outros romancistas contemporâneos a Carlos Heitor Cony, como Antônio Callado com *Quarup* (1967), Inácio de Loyola Brandão e seu *Bebel que a cidade comeu* (1968), Esdras do Nascimento com os romances, *Engenharia do casamento* (1968) e *Paixão temperada* (1970) e ainda Rui Brandão com *Curral dos crucificados* (1971), entre outras histórias que, segundo Renato Franco, fizeram parte dos romances da “desilusão urbana”<sup>65</sup>.

## 1.2 Pós-1964 – A pátria exige sacrifícios de todos nós

*O meu adversário não está na direita ou na esquerda. O meu inimigo é aquele que, em nome de uma ideologia, em nome de uma tática, uma estratégia, uma ética ou uma estética, viola o ser humano, o animal homem que merece respeito e dignidade, sobretudo quando na sua bela condição de*

---

<sup>64</sup> Ibidem, p. 109.

<sup>65</sup> FRANCO, Renato. **Itinerário político do romance pós-64: a festa.** São Paulo: Ed. Unesp, 1998, p. 28.

*animal, comete erros, cai em contradições, segue uma trilha equivocada.*

Carlos Heitor Cony

No ano de 1965, Cony e outros intelectuais protestaram contra o governo Marechal Castello Branco numa manifestação em frente ao Hotel Glória, na cidade do Rio de Janeiro, onde ocorria uma reunião de chanceleres dos países da Organização dos Estados Americanos, cuja data já estava marcada antes do golpe.

Nessa ocasião, o escritor foi preso, junto de Mário Carneiro, Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, o embaixador Jaime Azevedo Rodrigues, o diretor teatral Flávio Rangel e os jornalistas Antônio Callado e Márcio Moreira Alves. O grupo, que ficou conhecido como os “Oito do Glória”, foi detido pela Polícia do Exército, em cujo quartel ficou prisioneiro. Este episódio influenciou Cony na criação da personagem Sílvio, que no romance *Pessach* é amigo de Paulo Simões, personagem responsável pelo processo de transição entre ser engajado ou se engajar.

A prisão do grupo dos “Oito do Glória” foi uma dentre várias outras. Segundo a pesquisa do livro *Brasil: nunca mais*<sup>66</sup>, foram 6.256 casos, sendo que 84% deles não foram informados ao juiz, conforme orientação da Lei; 12% destas prisões foram feitas após o prazo legal. Os opositores do autoritarismo do regime militar se expunham, sabendo que o risco de serem maltratados por alguma forma de tortura era o preço a pagar por não silenciarem frente ao que acontecia no cotidiano social e político brasileiro.

Sobre esta prisão, Cony, em 1997, fez o seguinte comentário:

---

<sup>66</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: nunca mais** – um relato para a história. 30<sup>a</sup> ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999, p. 87.

O oficial de dia nos chamou aos pares, ele [Glauber Rocha] e eu fomos os primeiros a ser fichados a inspeção preliminar consistiu num vexame. Ficamos nus, segurando nossas roubas e sapatos, em posição de sentido. Essa cerimônia – segundo me explicaram depois – ajudava a desmoronar o que restava do moral dos presos. Ainda estávamos nus, olhando um para o outro, e sendo examinados pelo oficial de dia, quando o telefone tocou. Era alguém do Ministério da Justiça recomendando que tivéssemos um tratamento diferenciado dos demais prisioneiros. Os outros foram dispensados da cerimônia.<sup>67</sup>

Em fevereiro de 2004, o escritor rememorou este fato em sua coluna, *Pensata*, no jornal Folha de S. Paulo, comentando a tradição hoteleira do Hotel Glória em receber políticos nacionais e estrangeiros, em algumas conferências já realizadas em seu interior.<sup>68</sup>

[...] Em 1965, durante o regime militar, por ocasião de uma assembléia da Organização dos Estados Americanos (OEA), houve também uma manifestação pedindo liberdade e justiça. Não havia muita gente, somente nove gatos pingados, que foram presos e ameaçados de confinamento em Fernando de Noronha. Fiz parte desses gatos pingados, ao lado de Antônio Callado, Márcio Moreira Alves, Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Flávio Rangel, Thiago de Mello, Mário Carneiro e Jaime Azevedo Rodrigues, que deixou a embaixada da ONU para ser preso conosco. [...] Aqui no Brasil, a imprensa foi lacônica no noticiário, limitou-se a dizer que nós estávamos impedindo o trânsito dos carros oficiais que traziam o presidente, marechal Castelo Branco, e os chanceleres das três Américas. [...] Mas um jornal argentino deu na manchete: “Patearam el mariscal” (“Vaiaram o marechal”). Para mim bastou isso para ter valido a pena.<sup>69</sup>

O episódio da vaia ao presidente Castelo Branco, segundo Daniel Aarão Reis Filho, influenciou a temática comum que apareceu nas obras de Glauber Rocha – este redigiu as últimas cenas do filme *Terra em transe* durante o período de cárcere –, Antônio Callado e Cony que continuaram a escrever, respectivamente, *Quarup* e

<sup>67</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia. T.; WEIS, L. Op. cit., p. 390.

<sup>68</sup> Na semana anterior a esta crônica – citada em parte, a seguir – o atual partido do governo, o PT (Partido dos Trabalhadores) comemorava o aniversário de sua fundação. No entanto, houve o confronto entre policiais e manifestantes, descontentes com a política desenvolvida nestes primeiros meses do governo Lula. CONY, Carlos Heitor. Vaiaram o Marechal. **Folha Online – Pensata**. São Paulo, 17 fevereiro 2004. Crônica. Disponível em: <<http://www.jornaldabienalonline.com.br>> Acesso em: 03 set. 2004.

<sup>69</sup> Ibidem.

*Pessach: a travessia*; durante o período de um mês, Glauber, Callado e Cony finalizaram suas obras, cujo tema comum foi a “questão da guerrilha e da luta armada como solução para o panorama político do país naquele momento”<sup>70</sup>.

Nesse mesmo ano, Cony escreveu uma crônica de enfrentamento ao Ato Institucional nº 2.<sup>71</sup> Tal episódio gerou um atrito entre a direção do jornal Correio da Manhã e a redação. Após sair do Correio foi convidado pela TV Rio para escrever uma novela sobre a baixa classe média do carioca. O programa foi ao ar entre março e abril daquele ano, contando com Eva Wilma e John Herbert à frente do elenco e com a direção de Antônio Seabra. Após 37 capítulos, problemas com a censura fizeram com que o escritor fosse substituído por Oduvaldo Vianna Filho.

No ano de 1966, Carlos Heitor Cony participou da coletânea *64 D.C.*<sup>72</sup> (o título, indiretamente, dizia respeito ao ano de 1964, “depois de Castello”, primeiro militar a governar o país após a “revolução” de 1964), ao lado de Antônio Callado, Hermano Alves, Marques Rebelo e Sérgio Porto.

O texto de Cony, *Ordem do dia*<sup>73</sup>, faz referência às lembranças que um coronel tem durante um discurso à sua tropa, após 1º de abril de 1964. O tom da narrativa abusa da ironia e do sarcasmo com os quais a personagem do coronel encarara a movimentação do dia anterior ao golpe. Este personagem procurava analisar a confusão nacional pela confusão interna do prédio onde morava e, por isso, não conseguia entender o entusiasmo do general Quincas ao acordá-lo na noite do dia 31 de março de

<sup>70</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. Op. cit., p. 225.

<sup>71</sup> O AI-2 foi decretado em outubro de 1965, pelo presidente Castello Branco, e foi responsável por dissolver os partidos, implementar as eleições presidenciais indiretas e, ainda, colocar os crimes políticos sob o julgamento da Justiça Militar. Cf.: GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 384.

<sup>72</sup> CALLADO, Antonio et al. **64 d.C.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

<sup>73</sup> CONY, Carlos Heitor. *Ordem do dia*. In: CALLADO, Antonio. Op. cit., p. 45-71.

1964 para participar da queda do governo. A satirização da figura do coronel acontece em vários momentos: nas reuniões do condomínio, onde não é respeitado, mas humilhado e ofendido; na dificuldade de estabelecer uma estratégia com sua tropa, que foi participar da tomada do poder; na falta de continuidade do discurso da Ordem do Dia; na submissão aos insultos de sua esposa e no uso do prestígio das Forças Armadas para resolver a expulsão de um morador do prédio que teve um caso com sua esposa.

Neste texto, Cony critica a postura dos militares, representados pelo marechal Castelo Branco, e como tomavam suas decisões ao governarem o país, uma vez que o inimigo – ou perigo à ordem estabelecida – estava em qualquer pessoa que pudesse contrapor à moral em suas vidas particulares e, em um segundo plano, à condição político-social do país.

As eleições legislativas de 1966 foram um exemplo do caráter ditatorial do regime militar, já que Castello Branco não queria aceitar a candidatura do ministro do Exército, Costa e Silva, procurando aprovar novas leis no Congresso que o beneficiasse.

As eleições de 1966 aconteceram com a disputa entre os partidos, ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e MDB (Movimento Democrático Brasileiro), formados após a “peneira” das cassações de mandatos políticos dos opositores do regime.

O romance *Pessach* foi lançado em 1967 – com reedições em 1975 e 1997 sem nenhuma modificação para republicar – e, em seguida, Cony embarcou para Cuba, onde permaneceu por quase um ano. Simultâneo a isto, o romance *Matéria de memória* começou a ser adaptado para o cinema por Paulo Gil Soares, projeto que só seria terminado em 1968 por Fernando Coni Campos<sup>74</sup>.

---

<sup>74</sup> O filme, com o título de *Um homem e sua jaula*, teve no elenco os atores Helena Ignez e Hugo Carvana. **CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA**. Op. cit., p. 11.

Nos *Cadernos de Literatura Brasileira*, Cony falou sobre o contexto da produção de *Pessach*:

Eu quis tentar imaginar, dentro daquele cenário conturbado, qual seria a reação do Partido Comunista, que era contra a luta armada, se determinados grupos partissem, como acabariam partindo, para a guerrilha<sup>75</sup>.

No mesmo ano, outras manifestações artísticas marcaram o tom de oposição e críticas ao governo de Castello Branco, como a música de protesto de Geraldo Vandré e Chico Buarque, Caetano Veloso e o movimento tropicalista; no cinema, podemos citar *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha, marcando uma cinematografia de “resistência engajada”<sup>76</sup> que ficaria conhecida como Cinema Novo.

Após retornar de Cuba, em 1968, Cony foi preso por três dias e, assim que foi libertado, recebeu o convite de Adolfo Bloch para dirigir a revista masculina Ele e Ela – período este em que se considerava “um prisioneiro, de uma prisão de luxo, afastado da literatura para evitar problemas para os editores”. Depois de *Pessach*<sup>77</sup>, concordando em não assinar ou se envolver com nenhum texto sobre assuntos políticos, dedicou-se às biografias de JK e de Getúlio Vargas e artigos com enfoque na música – sobre Maria Bethânia e Roberto Carlos – e sobre cinema e situações cotidianas deste ambiente artístico-social.

Mas enquanto Cony se afastava do diálogo entre a política e sua literatura, em 1968, outros setores continuavam a se mobilizar como frente de resistência ao governo do presidente Costa e Silva, como o movimento estudantil, que já se destacava como o único movimento social ativo desde o golpe de 1964, visto que as organizações de esquerda estavam na ilegalidade.

<sup>75</sup> Ibidem. p. 52.

<sup>76</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. Op. cit., p. 47.

<sup>77</sup> MORAES, Renato. O pêndulo de Cony. **Imprensa**. São Paulo: n.193, ago. 2004, p. 13.

O movimento estudantil universitário contava com o apoio de “escritores, religiosos, professores, músicos, cantores, cineastas, além de outros setores estudantis, como os secundaristas”<sup>78</sup>. Este fortalecimento da resistência ao regime militar resultou na “Passeata dos Cem Mil”, no Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 1968.

Nesse mesmo ano, Cony publicou *Sobre todas as coisas*, uma coletânea de contos – reeditada em 1978 com o título, *Babilônia! Babilônia!*. Passou então a publicar seus textos de não-ficção pela Bloch Editores, como *Quem matou Vargas*, em 1972, uma biografia do ex-presidente do Brasil inspirada em série que escrevera para a revista *Manchete* em anos anteriores.

No dia 13 de dezembro de 1968, data da decretação do Ato Institucional nº 5<sup>79</sup>, Cony foi mais uma vez preso, ficando detido por quase um mês; enquanto isto, o romance *Antes, o verão* foi adaptado para o cinema por Gerson Tavares, com Norma Benguel e Jardel Filho como protagonistas<sup>80</sup>.

Durante os anos de 1969 a 1972, as ações de luta armada se dividiram em guerrilha urbana, nos grandes centros, e rural; no entanto, esta tentativa de resistência não foi vencedora: os focos guerrilheiros que se encontravam na região do Araguaia (divisa do Pará, Maranhão e Goiás) foram desarticulados pela presença da polícia militar, resultando em várias mortes; as intervenções militares nos “aparelhos” urbanos ocorreram no mesmo período, com várias prisões, aplicação de tortura, exílio e mortes de inúmeros militantes.

<sup>78</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. Op. cit., p. 49.

<sup>79</sup> Com a criação do Ato Institucional nº 5, decretado em 13 de dezembro de 1968, vários intelectuais, jornalistas, artistas e estudantes seriam perseguidos e punidos com torturas, mortes e prisões, redações de jornais foram invadidas, livros, peças e canções censuradas, caso o conteúdo fosse de cunho político subversivo e contrário ao regime. O fechamento do Congresso foi o ponto final para que o terror da ditadura fosse exercido com ampla impunidade, sendo que esta decisão veio após o discurso do deputado Márcio Moreira Alves no Congresso, onde as Forças Armadas se sentiram ofendidas e não tiveram sucesso no processo para puni-lo. Cf.: Ibidem, p. 43.

<sup>80</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Op. cit., p. 11-12.

O abandono da pena para pegar em armas não foi a postura tomada por Cony, que, em 1971, começou a escrever o seu nono romance, *Pilatos*<sup>81</sup>, publicado em 1974 – uma obra que não aborda a situação e o clima de repressão do início dos anos 1970. Este livro é uma metáfora da castração e emasculação que a situação de repressão militar lhe impôs, tanto enquanto cidadão quanto intelectual.<sup>82</sup> O drama do personagem principal, Álvaro Picadura, que tem seu falo castrado após um acidente de ônibus – ele é a representação de um anti-herói – é, segundo Cony, uma forma de “dar uma banana para a literatura e para a moral, para os bons costumes, para a condição humana. Lavei as mãos. Não só da vida política, mas da vida-vida”<sup>83</sup>.

Após esta castração involuntária, Álvaro guarda seu pênis num pote com álcool e iodo para conservá-lo e carregá-lo, tornando-o um antagonista de várias situações que lhe renderam algum dinheiro para sua sobrevivência, como duas filmagens para cenas de filmes nacionais, o aluguel para uma velha virgem com o interesse de tocar e adorar sem qualquer sentimento de culpa religioso ou social.

Em *Pilatos*, Cony deixa claro que diante das pressões e do clima de perseguição, tanto por parte de membros<sup>84</sup> do Partido Comunista quanto dos militares, restava-lhe lavar as mãos e produzir um livro que demonstrasse o seu desprezo pela vida de escritor, através de uma linguagem desinibida, pornográfica e repulsiva, se

<sup>81</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pilatos**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>82</sup> MORAES, Renato. Op. cit., p. 14.

<sup>83</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Op. cit., p. 29.

<sup>84</sup> Cony se refere a Leandro Konder – ex-militante do partido e membro do Comitê Cultural do PCB – responsável pela orelha da primeira edição – e Ferreira Gullar –organizador do Comitê que solicitou aos membros do partido que comprassem o livro apesar da crítica comunista, no entanto, Cony considera que o apoio se reverteu em um boicote já que a primeira edição estava ficando empoeirada em vários sebos. KUSHNIR, Beatriz. “Depor as armas – A travessia de Cony, e a Censura do Partidão”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **Intelectuais, história e política:** séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

associando a Rabelais, Miguel de Cervantes, Gil Vicente, Bocage ou Malasartes<sup>85</sup>. Esta obra não discute os ares políticos dos anos de 1970 e nem a postura política, demonstra o tom de desprezo ao falar do ser humano e dos valores burgueses, caracterizando-se como uma ruptura na escrita de Cony, que então procurou explorar um sentido para a castração que fosse além de uma mutilação física, que significasse uma limitação intelectual, já que estava sendo impedido de escrever textos de conteúdo político.

A linguagem que Cony explorou em *Pilatos*, além de manifestar suas motivações pessoais, tinha como objetivo pôr em discussão os rumos do romance como gênero literário – questão que ele procurou analisar desde a década de 1950 e que abordou no artigo intitulado *Funeral do romance*, publicado no suplemento dominical do Jornal do Brasil. Nele, Cony considerava o romance do século XX

[...] um ângulo reto, tendo na vertical Joyce e na horizontal Kafka. Na linha do Joyce, haveria uma linguagem toda desarticulada, com uma história articulada. Na vertente do Kafka, o contrário, uma linguagem articulada e um conteúdo completamente louco. Aí surgiu um Willian Faulkner, por exemplo, que fechou o triângulo, fez a hipotenusa, [...] porque às vezes ele é Joyce e em outras é tipicamente Kafka. A partir daí todo romance ficou preso nesse triângulo. Você não consegue sair disso. *Pilatos* é um romance com princípio, meio e fim, não tem nenhuma agressão ao tempo, mas a história é completamente louca, inviável. Meu limite estava ali. Era o romance que eu queria fazer. É verdade que alguns tentaram escapar do triângulo. Alain Robbel-Grillet, por exemplo. Mas tudo o que ele fez foi colocar um olho vendo esse triângulo – e não virou nada<sup>86</sup>.

Após *Pilatos*, o escritor demonstrava um certo “nojo” da literatura que ele explica da seguinte forma:

Eu, em pouco tempo, tive tudo. Era totalmente desconhecido no meio literário, fiz o meu primeiro livro e comecei a ganhar prêmios. Veio o editor mais importante da época e quis publicar o primeiro romance que escrevi na vida. Depois veio o jornalismo. Em 1964 eu assumi uma posição extremamente crítica em relação ao regime militar. Durante algum tempo, o *Correio da Manhã*, o jornal onde eu trabalhava, foi o único que se bateu

<sup>85</sup> SANDRONI, Cícero. **Carlos Heitor Cony**: quase Cony. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 118-119.

<sup>86</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Op. cit., p. 37.

contra a ditadura. Lá, eu era o opositor mais violento – acabei preso e processado pelo Costa e Silva [ministro da Guerra na época]. Quando me casei com uma mulher bem mais jovem, comecei a sentir um desprezo pela vida de escritor que foi se tornando cada vez maior. Quis então descarregar esse sentimento num livro antiliterário, num romance que demonstrasse esse desapego, esse nojo que eu estava sentindo pela literatura. Aí, como se sabe, escrevi *Pilatos*, que considero conforme já falei tantas vezes, o meu melhor livro – e anunciei que abandonava a ficção<sup>87</sup>.

### **1.3 Uma longa pausa na carreira literária**

*Aos poucos, nos conformávamos com uma vida menos miserável, mas lastimável, porque nos dava a perspectiva para julgá-la. Cada vez que lavava as mãos pensava nisso. E me absolia.*

Pilatos

A seguinte opinião de Cony, a respeito de sua ausência da literatura a partir de 1974 e publicada em 1996 no jornal a Folha de São Paulo, auxilia-nos a entender sua postura de afastamento, após *Pilatos*: “[...] a partir de um determinado momento você só tinha duas saídas: pegar o violão ou o fuzil. Eu, como não toco violão, toco piano, e não gosto de fuzil, porque me repugna a violência, tive que parar mesmo”<sup>88</sup>.

*O caso Lou*, livro-reportagem de Carlos Heitor Cony, foi publicado em 1975 e, nos anos 1980, dirigiu *JK, a voz da História*, programa da rede Manchete de Televisão. Ainda para o grupo Bloch, cobriu a visita do papa João Paulo II ao Brasil, na Revista Manchete, repetindo este trabalho 11 anos depois. Em 1982, lançou *Nos passos de João de Deus*, outro livro-reportagem. Após alguns anos, voltou à TV com a novela *Kananga do Japão* em 1989, da Rede Manchete, escrita por Wilson Aguiar e dirigida por Tisuka

---

<sup>87</sup> Ibidem.

<sup>88</sup> *Na prisão com Glauber e Callado*. Folha de S. Paulo. 28/07/1996.

Yamasaki, baseada em projeto e sinopse da autoria de Cony e de Adolpho Bloch. No ano de 1989, o escritor carioca saiu da empresa Bloch. Retornou à imprensa diária em 1993, assumindo a coluna Rio, no jornal Folha de S. Paulo, em substituição a Otto Lara Resende, falecido no ano anterior. A partir de 1996, Cony passou a escrever aos sábados no caderno Ilustrada e a integrar o Conselho Editorial do jornal<sup>89</sup>. Esta mudança, para Cony, foi uma maneira de ele sair da “paralisia crítica” na qual estava desde 1974.

Em 2004, Cony comentou, em entrevista, sobre a liberdade de criação que podia ter na coluna do jornal Folha de S. Paulo.

Eu não podia mais permanecer naquele estado de inércia. Na Folha me senti em casa, livre e dono de mim mesmo, cuja consequência imediata foi a volta à ficção<sup>90</sup>.

O retorno à literatura aconteceu após 21 anos de afastamento<sup>91</sup>, com *Quase memória* (1995), dedicado à sua cadela Mila que o acompanhava havia 13 anos e inspirado nas lembranças que tinha do pai; este retorno comporta, ainda, três romances solicitados pela editora Companhia das Letras<sup>92</sup>.

Em março de 2000 Carlos Heitor Cony foi eleito, com 25 dos 37 votos possíveis, para a cadeira de número 3 da Academia Brasileira de Letras, da qual tomou posse em 31 de maio daquele ano.

<sup>89</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Op. cit., p. 13.

<sup>90</sup> MORAES, Renato. Op. cit., p.14.

<sup>91</sup> O retorno à escrita pelo jornal Folha de São Paulo em 1993 coincide com um momento do país em que a imprensa não é censurada por suas críticas ao governo e sim, um termômetro da opinião pública,

<sup>92</sup> Após seu retorno à literatura, em 1995, Cony publicou, a pedido da editora Companhia das Letras, **Quase Memória**. (1995); **O piano e a orquestra**. (1996); **Romance sem palavras**. (1999); e **O Harém das Bananeiras**. (1999).

A produção literária<sup>93</sup> de Cony continuou intensa após tornar-se um imortal das letras, lançando o seu décimo quarto romance, *O indigitado*, em 2001, por encomenda da Editora Objetiva. O escritor inaugurou a coleção *Cinco dedos de prosa*, em 2002, e nesse mesmo ano escreveu *A tarde de sua ausência* e, em parceria com Anna Lee, em 2003, o romance-reportagem *O Beijo da morte*, no qual analisa as causas da morte de Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e Getúlio Vargas.

O jornalista Cony se dedica hoje a escrever um artigo para coluna semanal Ilustrada e uma crônica diária, *Pensata*, ambas no jornal Folha de S. Paulo. Também participa do programa “Liberdade de Expressão”<sup>94</sup> – da rádio CBN, em parceria com os jornalistas Arthur Xexéo e Heródoto Barbeiro – neste programa, os temas levantados são, em sua maioria, de teor político.

O tom de ironia e crítica na escrita literária conyana também está presente nos temas abordados em suas crônicas do jornal Folha de S. Paulo, evidenciando a sua oposição ao governo atual, de Luís Inácio “Lula” da Silva, e ao anterior, a gestão de Fernando Henrique Cardoso. Mas deve-se ressaltar que Cony mantém esta postura desde 1964, com a coluna ***Da arte de falar mal***, no jornal O Correio da Manhã. O seu retorno em 1993 e o convite da Folha lhe garantiram total liberdade de imprensa para fazer comentários sobre promessas políticas, eleições, política exterior, economia, comportamento social, futebol, violência e todos os temas presentes no cotidiano social brasileiro e no cenário internacional.

Cony considera que seu envolvimento político e social na década de 1960 não foi intelectual ou político, mas fisiológico, pois apenas condenou a situação de acordo

---

<sup>93</sup> Este levantamento tem por interesse complementar a relação anteriormente citada. **O indigitado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001; **A tarde da sua ausência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; **O beijo da morte**. São Paulo: Objetiva, 2003.

<sup>94</sup> Alguns debates destes programas foram publicados recentemente. CONY, Carlos Heitor; BARBEIRO, Heródoto; XEXEO, Arthur. **Liberdade de Expressão**. São Paulo: Futura, 2004.

com o abuso de poder que os militares estavam impondo à sociedade brasileira, conforme demonstra o seguinte trecho: “Combati a força e o arbítrio. Para mim, não estava em nenhuma causa política, mas o ser humano violentado”<sup>95</sup>.

Recentemente, no ano de 2004, Cony escreveu os livros infanto-juvenis *Mistério das jóias coloniais*, *A corda e volta por cima* e *Contos de pânico*<sup>96</sup>; participou da coleção *Vozes do golpe*<sup>97</sup>; relançou a coletânea de crônicas *O ato e o fato*<sup>98</sup> e editou *Tudo ou nada 101 crônicas*<sup>99</sup>, livro organizado em homenagem à sua coluna diária no jornal Folha de S. Paulo, *Pensata*, desde que saiu do grupo Bloch.

Assim, Carlos Heitor Cony escreve com o interesse de dar seu testemunho e não o de fazer política de maneira partidária. Em termos de ficção, procura condenar “a hipocrisia política, a hipocrisia sexual, a hipocrisia social, a hipocrisia religiosa”<sup>100</sup>, com as quais uma parcela da burguesia brasileira age frente a certos acontecimentos sociais.

O ponto de vista que defendemos é que *Pessach* conseguiu cumprir a função de ser uma obra engajada, demonstrando as mudanças de postura política e pessoal do período do regime militar, como veremos na análise da obra, a partir dos vários pontos que representam as experiências cotidianas de Cony e que influenciaram seu debate sobre a luta armada, o Partido Comunista e as organizações guerrilheiras.

<sup>95</sup> CONY, Carlos Heitor. O fato político e o ato fisiológico. **Folha Online**, São Paulo, 16 março, 2004. Pensata. Disponível em: <<http://www.folhaonline.com.br>>. Acesso em: 03 set. 2004.

<sup>96</sup> **Mistério das jóias coloniais**. São Paulo: Salamandra, 2004; **A corda e a volta por cima**. São Paulo: Ediouro, 2004; **Contos de Pânico**. São Paulo: Marco Zero, 2004.

<sup>97</sup> CONY, Carlos Heitor, **Revolução dos caranguejos**. Op. cit.

<sup>98</sup> CONY, Carlos Heitor, **O ato e o fato**. Op. cit.

<sup>99</sup> CONY, Carlos Heitor. **Tudo ou nada 101 crônicas**. São Paulo: Publifolha, 2004.

<sup>100</sup> CONY, Carlos Heitor. O sangue e a Palhaçada. In: \_\_\_\_\_. **O ato e o fato**. Op. cit., p. 20-22.

## CAPÍTULO II

### ***PESSACH: A TRAVESSIA - O REGISTRO DE UMA ÉPOCA***

*Um escritor só é responsável pelo seu texto até o final. O mundo que o texto vai encontrar depois do ponto final – o mundo de leitores, dos críticos, do comércio e das repercussões – escapa ao seu controle.*

Luis Fernando Veríssimo

#### **2.1 *Pessach* - o livro, os temas e os personagens.**

*Pessach: a travessia* foi publicado pela editora Civilização Brasileira em 1967 e reeditado em 1975 – ambas as edições começam com a informação: “Hoje faço quarenta anos”, sem alusão à data. Já a terceira edição, de 1997, editada pela Companhia das Letras, traz no início o seguinte texto: “Hoje, 14 de março de 1966, faço quarenta anos” – data do aniversário de Cony –, inaugurando o caráter autobiográfico da obra logo na abertura do romance.

*Pessach* coincide com um momento político que influenciou o movimento literário da década de 1960 e que direcionava os novos romances para uma tendência política que esteve presente nos anos de 1964 a 1968. As obras dessa época ajudam a analisar a oposição dos intelectuais ao governo<sup>101</sup>, mesmo que isto significasse um sacrifício do estilo no qual o autor havia se consagrado.

---

<sup>101</sup> A censura e as campanhas antiterrorismo, durante o regime autoritário instaurado em 1964, conseguiram proibir cerca de quinhentos livros, a maioria por causa de referências sexuais explícitas, o que não evitou um crescimento da literatura ficcional e da criatividade na escrita, que utilizava-se cada vez mais da alegoria para não falar diretamente do seu próprio momento histórico, a exemplo de *Pessach*

A produção literária desse momento estava voltada para as seguintes temáticas de publicação: romance de impulso político e romance da “desilusão urbana”. Na primeira vertente, Renato Franco<sup>102</sup> cita as obras *Pessach: a travessia* e *Quarup*. A segunda tendência é representada por *Engenharia de casamento* (1968) e *Paixão bem temperada* (1970), de Esdras do Nascimento, *Bebel que a cidade comeu* de Ignácio de Loyola Brandão (1968) e *Curral dos crucificados* (1971) de Rui Brandão, entre outras.

A ênfase do envolvimento político de Paulo Simões está presente em *Pessach* nas duas opções do personagem: engajar ou ser engajado pelo amigo Sílvio, que o convida, no dia do seu aniversário, a participar de uma organização revolucionária. A primeira parte do romance, a *pessach*, palavra hebraica que significa transição, revela o cotidiano alienado do escritor Paulo Simões. Já a segunda parte, a *travessia*, marca o momento em que ele começa a se envolver com o movimento armado.

A referência bíblica<sup>103</sup> é densa, sendo um recurso alegórico<sup>104</sup> que remete ao trecho do êxodo do povo judeu do Egito para conquistar a liberdade, sob a liderança de Moisés, a caminho da “terra prometida” – região onde hoje se encontra Israel. No começo de *Pessach*, Paulo manifesta a vontade de continuar um romance sobre o povo judeu com base nos apontamentos que sua ex-esposa, Laura, havia entregado durante uma visita. A retomada do romance tem como inspiração o pânico que o pai de Paulo

- *a travessia* , de Carlos Heitor Cony, e *64 D.C.*, organizada por Antonio Callado, ambos de 1967, que não fazem menção direta à ditadura militar brasileira.

<sup>102</sup> FRANCO, Renato. **Itinerário político do romance pós-64: a festa.** São Paulo: Ed. Unesp, 1998, p. 28.

<sup>103</sup> A palavra *pessach* refere-se à passagem bíblica sobre o êxodo do povo hebreu pelo deserto, durante quarenta anos, até a Terra Prometida (o guia desta travessia é o profeta Moisés) a fim de livrarem-se da escravidão do faraó do Egito. Durante esta caminhada há a travessia do Mar Vermelho, que se “abre” a pedido do profeta; no entanto, a longa travessia do deserto para se chegar à nova pátria resulta do castigo de Deus, por Moisés ter duvidado de sua palavra.

<sup>104</sup> “Alegoria” é um recurso literário pelo qual procura-se exprimir uma idéia de forma figurada, e nesta o objeto representado sempre remete à idéia de outro. Para uma discussão mais aprofundada sobre alegoria, consultar RAMOS, Alcides Freire. Op. cit.

tem de perseguição aos judeus e que refletiu na educação que o tornou um judeu assimilado, desprezando toda a doutrina judaica, seus hábitos e seus costumes. Mas como seu pai suicidou e o envolvimento com a ação armada se intensificou, a idéia foi deixada de lado temporariamente.

*Pessach* também é sinônimo de passar por cima, numa alusão à passagem de um anjo pelas casas dos primogênitos hebreus que foram poupadados no Egito, após Deus ter enviado dez pragas ao faraó no intuito de forçá-lo a libertar seus escravos.

A conotação da palavra *pessach* é tanto positiva, quando se refere à transformação através da luta (no romance a luta armada), ou negativa, na opção de passar por cima quando se trata da alienação política.

Na segunda parte, a alegoria ao êxodo é analisada por Paulo Simões e Macedo, a partir da caminhada que eles e a companheira de guerrilha, Vera, fazem para chegar à fronteira do Uruguai e não serem presos pelo Exército, que já havia atacado Capão Seco (a 25 quilômetros dali), um vilarejo que as organizações iriam render no sul do país, bem como o vilarejo de Stela Maris e outros.

Macedo informa que é preciso andar 10 quilômetros e eles se escondem em novo abrigo para, na noite seguinte, poderem atravessar a fronteira. É nesse momento que Macedo faz referência à passagem bíblica da travessia do Mar Vermelho, lembrando como Moisés conduziu o povo hebreu na longa caminhada de 40 anos pelo deserto em busca da “terra prometida”.

Paulo complementa o comentário de Macedo, dizendo que ele parece um “Moisés esculpido em carne”, mas Macedo rebate com a seguinte frase: “Carne queimada [...] Nenhum homem mutilado como eu pode ser um Moisés. Que cada um faça a sua própria travessia. O importante é continuar a luta”<sup>105</sup>.

---

<sup>105</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach** – a travessia. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 305.

A *travessia*, como é intitulada a segunda parte, acrescenta um novo significado à passagem do êxodo, pois a terra prometida agora é a fronteira do Uruguai; o governo opressor são os militares, o rio da fronteira remete ao Mar Vermelho e a figura de Moisés, para Macedo, por ser representada por qualquer pessoa que estivesse interessada em modificar a sua postura de vida frente às mazelas sociais.

A nova direção que a vida de Paulo tomara – também remetendo a uma representação de Moisés – demonstra uma travessia para um mundo que antes ele recusava e negava, mas que agora faz parte de sua vida. Significa que ele aceita pactuar com a com a aventura e até com a possibilidade de morte.

O romance tem como centro de ação o cotidiano do narrador-protagonista Paulo Simões, um escritor pequeno burguês individualista que, ao completar seus quarenta anos, escreve de acordo com as encomendas do seu editor. Os personagens secundários influenciam na “travessia” que ele vivencia para seguir uma nova vida pessoal e intelectual após um convite para participar de uma organização revolucionária, com destaque para Vera, uma jovem de classe média, filha de diplomata, ex-militante do PCB e membro de uma organização guerrilheira ; Sílvio, amigo de Paulo durante o período de serviço militar obrigatório na CPOR<sup>106</sup> (Curso de Preparação de Oficiais da Reserva) e participante do mesmo grupo que Vera; Boneca, militante homossexual responsável por levar um camarada ferido a Rezende; Macedo, responsável pelo treinamento dos membros da organização da fazenda localizada em Rezende; o Capitão, ex-oficial que mantém um grupo em Capão Seco; e ainda dois homens, Edmundo e Migo (Mig ou Amigo), que se deslocaram com Vera , Paulo e Macedo para a fronteira do Uruguai. Outras personagens femininas que aparecem no romance são Ana Maria, sua filha de dezesseis anos que estuda em um colégio de freiras; Teresa, uma mulher

---

<sup>106</sup> Cony, a partir de 1948, serviu a CPOR durante dois anos, na arma de Infantaria. **CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA**. Op. cit., 09.

casada e amante de Paulo; Débora, médica recém-formada que presta assistência aos feridos da fazenda e que tem um breve caso como Paulo. As personagens femininas são retratadas como *adúlteras, interesseiras e manipuladoras* (características mais atribuídas a Laura), *espertas* (Vera) e *obviamente sedutoras* (Débora). Trata-se de uma postura machadiana baseadas na leitura que Cony faz das obras *Esaú e Jacó, Dom Casmurro e Memórias póstumas de Brás de Cubas*<sup>107</sup>. Mas é Vera quem decide o destino de Paulo Simões.

Cada um destes antagonistas que Cony criou reflete o perfil de militantes que as organizações mantinham, já que, antes do período anterior a março de 1964, eram estudantes, intelectuais ou profissionais liberais, com presença de grande número de jornalistas. Após o golpe, este perfil foi modificado para homens de meia idade, com formação/experiência militar. Figuras comumente tidas por fragilizadas, como mulheres, homossexuais e intelectuais, tiveram papel secundário ou absorveram o próprio modelo. Houve ainda aqueles que enfrentaram inúmeros percalços o até foram retirados e/ou barrados das organizações. Deu-se a eleição de uma moralidade própria dentro da esquerda armada, afinal, “engajamento político e o desejo de poder desempenham um papel muito importante na afirmação da virilidade dos militantes”<sup>108</sup>.

Frei Betto afirmou, em *Cadernos de Literatura Brasileira*, que “há uma forte carga afetiva no momento” em que Cony descreve seus personagens, “como se o autor tivesse uma ligação atávica com eles, dando a impressão de que – para usar uma

<sup>107</sup> A escrita de Cony é avaliada por Malcom Silverman por uma tendência *para a narrativa em primeira pessoa, e com tom claramente autobiográfico. Ele cultiva um cinismo machadiano feroz, beirando o grotesco, e o tempera com um senso cômico do ridículo. O resultado às vezes parece um híbrido entre a picarescas tradição espanhola e a crônica contemporânea brasileira: ambas tendem a alvejar incidentes humorísticos, triviais e desagradáveis do tipo que abunda no ambiente de classe média urbana, corruptora e corrompida, encontrado e atacado nas diáatribes ficcionais (e não ficcionais) de Cony.* SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o novo romance brasileiro.** 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 132.

<sup>108</sup> TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso -** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record. p. 85.

expressão da moda – clonou-os do real para a ficção”<sup>109</sup>. Este tom biográfico ao qual Frei Betto se referiu, de acordo com Cony, está presente em 80% dos romances e em *Pessach* “ todos os personagens têm por trás deles uma figura real”<sup>110</sup>

Na segunda parte, o conflito interior oscila entre continuar sendo um escritor burguês depravado ou se transformar num militante, assumir a origem judaica ou continuar omitindo.

Além de apresentar a crítica de Cony à posição que o Partido Comunista Brasileiro (PCB) teve frente à luta armada – não apoiando-a e ainda lutando contra ela – *Pessach* discute questões polêmicas como a censura à imprensa, a desintegração familiar e a alegoria bíblica do Êxodo. Também tece críticas à classe média burguesa – em específico a carioca – e põe em debate o trabalho intelectual que naquele momento também passava a ser orientado por duas vertentes: as exigências do mercado que a indústria cultural queria atingir e a opção da arte engajada. A segunda parte conduz a personagem principal, o escritor Paulo Simões, para uma série de envolvimentos alheios à sua vontade, mas que, no entanto, vai ajudá-lo a resolver alguns dilemas pessoais como, por exemplo, a presença de Vera, que influencia muito suas decisões ao longo do romance e que representa um novo perfil de comportamento feminino, transgressor, já que se afastava dos valores morais conservadores da época.

As mudanças são narradas na primeira pessoa, remetendo o leitor a um “tempo presente, assim reforçando tanto o sentido de imediatismo, implícito em memórias, como a impressão, que tem o leitor, de estar acompanhando o protagonista no próprio momento das decisões, grandes e pequenas”<sup>111</sup>.

---

<sup>109</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Op. cit., p. 49.

<sup>110</sup> Ibidem.

<sup>111</sup> SILVERMAN, Malcolm. Op. cit., p.291.

A respeito deste padrão de personagens, José Augusto Carvalho<sup>112</sup> diz que, em sua criação literária, Cony trabalha “quase sempre com os mesmos personagens de apenas quatro ou cinco tipos caracterológicos diferentes, e com os mesmos problemas, anseios e aspirações”. O denominador comum de estarem sempre em uma mesma camada social independente das épocas, apresentando sempre um “conflito eterno, monótono e frio”; as figuras conyanas “são impuras, mesmo em sua pureza, além de amorais, indiferentes à vida que, para elas, não tem nenhum sentido”.

## **2.2 O alheamento político, a crise pessoal e intelectual e a identidade.**

*Continuo assim. Sei pegar num fuzil e sei contra que lado devo atirar. Ninguém me mudou. Acima de qualquer compromisso para comigo mesmo. E é em nome desse compromisso que continuarei sendo o que sou – independentemente do aplauso, da vaia da glória ou da miséria.*

Carlos Heitor Cony

O romance inicia no apartamento de classe média de Paulo, no bairro carioca de Copacabana – local onde vivia só e recebendo visitas esporádicas de sua amante casada, Teresa –, no dia em que completava quarenta anos. Nesse mesmo apartamento ele recebe, mais tarde, a visita de Vera e seu amigo Sílvio.

O tédio e a monotonia do cotidiano de Paulo já aparecem na primeira página do romance, quando ele procura fazer um breve balanço da sua vida.

Hoje, 14 de março de 1966, faço quarenta anos. A data não me irrita, nem me surpreende. Isso não quer dizer que eu estou preparado para ela. Apenas, recebo-a sem emoção, sem tédio. Sinto suficientemente maduro para aceitá-la com honestidade e coragem, mas não estou pronto, ainda, para assimilá-la

---

<sup>112</sup> CARVALHO, J. A. O submundo de Cony. In: RIBEIRO, Darcy. et alli. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

como um fato de rotina, inexorável. A prova disso – de que lhe dou importância talvez exagerada – é que estou preocupado com ela. Tudo corre bem. Não tenho amigos nem dívidas – duas coisas que incomodam. Laura portou-se com muita dignidade, renunciou à pensão que eu lhe pagava, antes de se casar outra vez. Meus livros vendem bem, dá para manter um padrão de vida simples e confortável. Os críticos não chegaram a um acordo sobre aquilo que com alguma imodéstia poderia chamar de “minha obra”. Mas isso é problema deles.

Se tivesse coragem de começar a vida novamente, é possível que não repetisse alguns enganos e acertos, mas, de qualquer forma gostaria de repetir esta disponibilidade em que estou agora, no vértice da outra metade. Há otimismo em chamar de *metade* os quarenta anos. Dificilmente chegarei aos oitenta, mas a *metade* talvez não seja cronológica, e sim intemporal, interior. Pelo menos, é assim que me sinto. Ainda que morra amanhã, essas vinte e quatro horas deverão ser densas, densas como as passas estragadas são densas de açúcar. Há equilíbrio em minha vida e esse equilíbrio é que a torna monótona<sup>113</sup>.

A postura política que Paulo Simões assume inicialmente é a de alheamento das questões políticas do momento, ou seja, ele é tido como alienado e desinteressado tanto pelo seu editor como por seus amigos. Mostra disso é que sua preocupação naquele período de repressão militar era encontrar inspiração para escrever um conto erótico encomendado por sua editora e que fará parte de uma antologia do gênero.

A produção entregue por Paulo incluía trabalhos como um prefácio para um livro de Gorki, a tradução de um pequeno ensaio de Mirleau-Ponty para uma revista de São Paulo, além de duas crônicas para uma publicação feminina que iria lançar uma nova linha de anágua. A motivação para produzir novos romances era traduzida apenas pelo valor que o editor pagaria pelos originais, mesmo desapontando a crítica. Importava como poderia viver nos cinco ou seis meses seguintes com o dinheiro pago pela editora.

Nesta parte ainda encontramos o conflito que o narrador-escritor enfrenta em busca de um tema propício para escrever um grande romance, ou seja, sua preocupação em produzir algo que seja aclamado pelo público leitor e que ainda represente uma grande contribuição para a literatura do momento.

---

<sup>113</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 7.

O Cony existente em Paulo Simões é marcado por importantes mudanças que o escritor experimentou durante o regime militar: o momento em que passou da literatura para a luta armada, publicando fortes críticas por meio de suas crônicas e romances; a chegada aos quarenta anos em 14 de março de 1966 – fato que dá à obra um tom biográfico<sup>114</sup> ou talvez até autobiográfico<sup>115</sup>; e a aceitação de sua origem judaica que o levou, assim como vários intelectuais desse período, a procurar o seu lugar numa sociedade submetida cada vez mais às diretrizes de um governo ditador e autoritário. Do mesmo modo, que Paulo Simões, Cony acentuou esta mudança estética, individual e literária no livro *Pessach: a travessia*, que rompeu com o estilo de ficção que se baseava, apenas nos conflitos cotidianos da burguesia carioca e passou a focar questões sociais e políticas.

Paulo é um escritor iconoclasta e alienado que até determinado momento procura mostrar certo desprezo pelo padrão de vida burguês que o cerca, mantendo uma produção literária fútil e obscena. Considera-se um escritor profissional que realiza apenas trabalhos solicitados por seu editor. Na tarde de seu aniversário, ele vai até a editora e recebe o pedido para escrever um conto para uma coletânea de artigos sobre a virgindade da mulher. Pensa num título: *Biografia precoce de um bidê comprehensivo*<sup>116</sup>, que denuncia seu ângulo de percepção sobre o tema. Ele assume ser um ex-marido desatento, um pai abnegado, um filho provocador.

---

<sup>114</sup> O conceito de biografia para Pierre Bourdieu, que Beatriz Kushnir retoma, centra-se na preocupação em analisar a vida social de um sujeito além do seu nome próprio, buscando entender as diferentes relações em que ele está inserido na sociedade. Apud KUSHNIR, Beatriz. “Depor as armas – A travessia de Cony, e a Censura do Partidão”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 219.

<sup>115</sup> Malcolm Silverman, faz as seguintes considerações: *Pessach: a travessia* (1967) é um romance semi-autobiográfico, onde “a oposição armada à ditadura pelo menos oferece gratificação pessoal e recuperação do amor-próprio”. SILVERMAN, Malcolm. Op. cit., p. 134.

<sup>116</sup> O título do conto aparece desta forma no romance para causar ênfase e impacto. CONY, Carlos Heitor. *Pessach: a travessia*. Op. cit., p. 100.

Após se abrigar numa fazenda até a liberação de Macedo, Paulo acaba simpatizando com o cotidiano dos guerrilheiros e esquerdistas que estão em treinamento militar, o que o estimula a participar do grupo. Depois do enfretamento com forças militares, na tentativa de atravessar a fronteira do Uruguai até que o governo militar brasileiro amenizasse as prisões e torturas, ficando sozinho e próximo à fronteira, prefere voltar e continuar a luta.

Um problema que aparece na produção literária no período de repressão é o enfraquecimento do romance como instrumento de conhecimento da realidade social do país – ele se torna porta-voz das exigências do mercado cultural<sup>117</sup>.

Cabe observar que a literatura foi um dos setores culturais que sofreu, durante os anos 1967 e 1968, com a ausência de prestígio social, devido à concorrência da imagem e ao poder de alcance da televisão. No mesmo contexto, a radicalização que já ocorria no âmbito político começou a imperar também na cultura. Houve uma revisão do papel do intelectual, que era questionado sobre como as suas obras poderiam demonstrar a adesão a determinados movimentos político-sociais.

Todo este panorama de mudanças foi influenciado principalmente, na opinião de Silviano Santiago, pela intolerância do regime militar instalado após o golpe de 1964 e pela violência dela resultante – elementos inibidores de toda e qualquer tentativa de engajamento a grupos de oposição ao governo, da livre expressão do pensamento e, por consequência, repressores de manifestações artísticas (incluindo as literárias) de indignação e contrariedade ao sistema de governo imposto à sociedade brasileira.

[...] o escritor brasileiro pós-1964 coloca em segundo plano nos seus textos a dramatização dos grandes temas universais e utópicos da modernidade, da mesma forma como guarda distância dos temas nacionais clássicos, e ainda

---

<sup>117</sup> As discussões acerca de “mercado cultural” e/ou “indústria cultural” são mais bem desenvolvidas em trabalhos específicos sobre o tema, como **Segundo a canção**, de Marcos Napolitano (São Paulo: Annablume, 2001), **O que é indústria cultural**, de José Teixeira Coelho Netto (São Paulo: Brasiliense, 1996), e **Cultura e política**, de Roberto Schwarz (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000).

discute sem piedade os temas oriundos de 1922 que falavam da indispensável modernização industrial do país<sup>118</sup>.

O autor ressalta ainda que a literatura, a partir de 1964, questionava a violência que o Estado utilizava em nome da modernização e industrialização que vinham sendo feitas

[...] à custa de tiros de metralhadora e golpes de cassetete, espancamento e mortes, numa escalada de violência militar e policial sem precedentes na história deste país, já fora dos padrões universais de justiça por efeito de uma colonização européia que se valeu de meios de transformação hoje reconhecidamente discutíveis<sup>119</sup>.

Os fatos evidenciados por Santiago podem servir para justificar a indiferença que Paulo Simões mantinha em relação à vida política, colocando em primeiro lugar a integração de sua obra ao mercado editorial, mesmo que a crítica avaliasse negativamente seu trabalho. Este é um dos pontos de conflito em *Pessach* e que aponta para a discussão do papel do intelectual num panorama político e social marcado pela repressão, pelo medo e pelo rígido controle das condutas sociais e pelo controle que o governo insistia em ter sobre as atividades artísticas e culturais.

A produção cultural passou a ser vista como um fenômeno que Walnice Nogueira Galvão define como um “ensaio geral da socialização da cultura” pautado em três objetivos: “transformar as relações culturais, mudar o Brasil e mudar o mundo”<sup>120</sup>.

Esse momento foi marcado pelo rompimento e esse foi visto e sentido nas cisões dos Partidos Comunistas no mundo inteiro; nas lutas e conquistas sexuais; nas buscas por quebras de autoridade, etc. Ou seja, na ambição de sair do imobilismo, catalisado por alguns grupos de vanguarda<sup>121</sup>.

---

<sup>118</sup> SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 16.

<sup>119</sup> Ibidem. p. 17.

<sup>120</sup> Apud KUSHNIR, Beatriz. Nem bandidos, nem heróis: os militantes judeus de esquerda mortos sob tortura no Brasil (1969-1975). In: \_\_\_\_ (org.). **Perfis cruzados:** trajetórias e militância política no Brasil. São Paulo: Imago, 2002. (transcrição exige o número da página)

<sup>121</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira apud KUSHNIR, Beatriz. Op. cit., p. 217.

Apesar de toda vigilância e de toda opressão, muitos intelectuais ligados ao cinema, ao teatro, à música, à literatura e às artes plásticas criaram focos de resistência ao regime militar, renovando sua produção para engajá-la às campanhas de oposição ao governo vigente. Surgia assim uma proposta de criação e expressão artística voltada para a realidade nacional e não apenas para o indivíduo<sup>122</sup>.

Mas a indefinição política demonstrada por alguns intelectuais do pós-64 se acentuou após a instituição do Ato Institucional número 5, de dezembro de 1968<sup>123</sup>, que determinou rígida censura e se estabeleceu como instrumento legal para sufocar e controlar as produções de conteúdo “subversivo” ou “contestador”.

Como se não bastasse tantas transformações, vários escritores, preocupados em encontrar meios de comunicação mais imediata com o público, aderiram à linguagem jornalística e não reelaboraram a linguagem literária.

<sup>122</sup> Heloisa Buarque de Hollanda e Marcos Augusto Gonçalves sintetizaram este comportamento através das seguintes considerações: “configurava-se toda uma área de afinidades no campo da produção cultural, envolvendo uma geração sensibilizada pelo desejo de fazer da arte não mais o instrumento repetitivo e previsível de uma veiculação política direta, mas um espaço aberto à invenção, à provocação, à procura de novas possibilidades expressivas, culturais, existenciais. O redimensionamento da relação com o público, a crítica à militância conscientizadora, a valorização das realidades "menores" ligadas à experiência cotidiana e a recusa do ideário nacionalista-populista, em favor de uma brasiliade renovada (que buscava em Oswald de Andrade um ponto de referência) definem, em linhas gerais, essa nova disposição”. HOLANDA, Heloisa Buarque de e GONÇALVES, Marcos Augusto. Itaú Cultural-Panorama Poesia e Crônica. São Paulo. Disponível em: <<http://www.itaucultural.com.br>> Acesso: 03 set. 2004.

<sup>123</sup> O Ato Institucional número 5 (AI-5) foi responsável por um período em que os militares conduziram o Brasil com mãos de ferro, já que vários de seus artigos deram plenos poderes para o governo militar que *pôs o Congresso Nacional em recesso* (art. 2º- O presidente da República poderá decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, por ato complementar, em estado de sítio ou fora dele), *suspendeu o recurso jurídico de habeas-corpus* (art. 10º - Fica suspensa a garantia de habeas-corpus, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social) e *iniciou uma infundável leva de cassações políticas* (art. 5º - A suspensão dos direitos políticos, com base neste ato, importa simultaneamente em: I- cessação de privilégio de forro por prerrogativa de função; II – suspensão do direito de votar e de se votado nas eleições sindicais; III – proibição de atividades ou manifestações sobre assunto de natureza política; IV- aplicação, quando necessário, das seguintes medidas de segurança: a) liberdade vigiada; b) proibição de freqüentar determinados lugares; c) domicílio determinado. ALTMAN, Fábio. 13 de dezembro de 1968 - O dia do AI-5. *Época*. São Paulo: Edição Especial, dez. 1998, p. 75.

Outra marca do período pós-golpe é a busca por uma identidade pessoal que ganhou destaque nos romances da época. Em *Pessach*, Paulo Simões vive o conflito de assumir a origem judaica omitida desde os vinte anos, quando prestou serviço militar. Para seu amigo Sílvio, esta seria uma forma que Paulo encontrou para fugir do passado de seu povo, para não se sentir perseguido ou membro de uma minoria discriminada.

Regina Dalcastagnè pontua que esta crise de identidade intelectual foi influenciada pelo pensamento de esquerda e o seu conceito de engajamento baseado em Lukács, Sartre, Adorno e Mikhail Bakhtin. Ela salienta que as obras são consideradas engajadas quando representam um meio ou canal de denúncia social, “acolhendo a dor de suas vítimas, como espaços onde a história dos vencidos continua se fazendo, lugar onde a memória é resguardada para exemplo e vergonhas das gerações futuras<sup>124</sup>.

Paulo Simões expressa bem esta crise de identidade que o acomete exatamente no dia do seu quadragésimo aniversário. A primeira visita que recebe é a de sua amante Teresa, mas naquele momento não sente desejo algum por ela. Em seguida recepciona Sílvio, lembrando que os dois, no estágio de oficial de reserva do Exército, participavam juntos de missões de imobilizações nas quais havia apenas um inimigo imaginário.

Paulo observa o visual burguês de Sílvio e constata que é um disfarce para quem se propõe a enfrentar um regime militar. Sílvio observa as estantes de livros de Paulo e comenta: “Você se corrompeu, Paulo! Olha os livros que você tem, e o que é pior, os livros que você escreve! Adúlteras, homens angustiados: tudo isso fede a mofo, a século passado. Você se perdeu à toa!”<sup>125</sup>

Sílvio diz a Paulo que a produção do amigo deveria estar focada na análise dos problemas humanos, em temas que pertencessem a todos. E ressalta: “Nunca pergunte

<sup>124</sup> DALCASTAGNÈ. Regina. **O espaço da dor**. Brasília: Editora UNB, 1996. p. 24-25.

<sup>125</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach: a travessia**. Op. cit., p. 25.

qual é o problema do homem. Pergunte: qual é o seu problema, o meu problema, o nosso problema, o problema de todos”<sup>126</sup>.

Na fala de Sílvio, Cony introduz a frase “A pátria exige sacrifícios de todos nós!”<sup>127</sup>, que faz parte do discurso de outro personagem, o Coronel Sarmento – alusão ao comandante do I Exército, coronel Sizeno Sarmento, que pediu a prisão de Cony em 1966<sup>128</sup>. Mas em *Pessach*, ela é proferida por um integrante de organização de esquerda, um homem disposto à luta armada, um guerrilheiro que tenta recrutar o antigo companheiro de treinamento militar para ações contra órgãos governamentais.

A formação militar que Sílvio elogiava tanto em Paulo, revelada por informações contidas em ficha do CPOR, à qual Sílvio teve acesso, era um currículo de habilidades necessárias para o grupo.

Ao ressaltar a importância do preparo militar de Paulo, Sílvio faz lembrar o *leque de virtudes*<sup>129</sup> levantado por Daniel Aarão Reis Filho e que traça o perfil de militantes revolucionários bolcheviques e cubanos (homens militarizados, masculinizados).

Paulo não cede aos argumentos de Sílvio e afirma que não tem interesse em ser patriótico e não sente remorso por “desagradar a uns” ou “agradar a outros”<sup>130</sup>. Ele enfatiza que pode contribuir, mas apenas com a assinatura de manifestos a favor de

<sup>126</sup> Ibidem. p. 26.

<sup>127</sup> Ibidem. p. 13.

<sup>128</sup> CONY, Carlos Heitor. *O AI-5 visto pelo meu umbigo*. Folha de São Paulo, 13/12/1997, Cad. 1, p. 2. In: ALMEIDA, Maria Hermínia. T.; WEIS, L. Carro-zero e pau-de-arara: cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: NOVAIS, Fernando (Coord.); SCHWARCZ, Lilia M. **História da vida privada no Brasil:** contraste da intimidade contemporânea vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.387-388.

<sup>129</sup> Apud. REIS FILHO, Daniel Aarão. “As organizações comunistas: estados maiores revolucionários”. In: **A revolução faltou ao encontro**. São Paulo: Brasiliense, 1990.p. 105.

<sup>130</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 14.

qualquer tipo de causa. Deixa claro, para Sílvio e Vera (que chega logo depois), que não aceita pegar em fuzil.

Mas Sílvio não se intimida diante da recusa e reforça a necessidade de confronto direto com governo.

[...] Ou faremos alguma coisa de concreto contra isso que aí está, ou seremos cúmplices passivos ou ativos do aviltamento que a ditadura instalou. Pois muito bem: um grupo de pessoas, de diferentes ideologias, padres, comunistas, militares, vigaristas, estudantes, mulheres, lavradores, bancários, está disposto a lutar. Chegou-se à conclusão de que sem algum derramamento de sangue não haverá solução. Restava saber se havia condições objetivas para que esse sangue derramado, de um e de outro lado, não o fosse em vão. Pois bem, a hora chegou. Há condições objetivas, concretas. Mais tarde, você será colocado, gradualmente, a par da organização que já temos. Por ora, aqui em sua sala, só posso afirmar uma coisa: quem der o primeiro tiro ganha a guerra. Pois daremos nós o primeiro tiro<sup>131</sup>.

Sílvio fala da organização e das estratégias planejadas, de forma a evidenciar como a presença militar de outros membros é grande, destacando os militares de reserva que poderão agir somente após alguma ação fora dos quartéis.

Os militares que usaremos são quase todos da reserva. Os que estão na ativa não podem aparecer nessa primeira fase. Ficam para o segundo estágio, muito mais importante, por sinal: o da conciliação. Ilustrando o caso: temos duzentos homens dispostos a tomar um quartel em determinada cidade do interior. Dentro do quartel, evidentemente, há um grupo de soldados, sargentos e oficiais do nosso lado. Eles não podem tomar o quartel, são minoria. O ataque tem de vir de fora. E para comandar esses duzentos homens precisamos de gente que saiba ao menos os rudimentos de comando. Se fôssemos apelar para os oficiais de carreira, facilmente despertaríamos suspeitas: o governo estranharia a concentração ou a coincidência de tantos militares em determinados lugares e isso poderia estragar tudo<sup>132</sup>.

A participação militar citada em *Pessach* aparece no trabalho *Brasil: nunca mais*, de D. Paulo Evaristo Arns, que apresenta um levantamento dos atingidos pelos processos da Justiça Militar Brasileira entre abril de 1964 e março de 1979 e que traz à tona o tema da tortura. Arns revela que entre os 263 processos reunidos para a pesquisa,

---

<sup>131</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>132</sup> Ibidem. p. 33.

nada menos que 38 “voltavam-se contra membros da Marinha, do Exército, da Aeronáutica e, num caso, da Brigada Militar do Rio Grande do Sul”<sup>133</sup>.

A repressão no setor militar se deve, segundo Arns, ao interesse de retirar completamente das “corporações militares todos os elementos identificados com o governo deposto e seu projeto nacionalista”<sup>134</sup>.

Para convencer Paulo, Sílvio recorre a argumentos retirados do primeiro livro escrito pelo amigo. Nele, Paulo diz que a única certeza que tem é a de sua morte e que não gostaria de chegar à velhice e ter que esperar por ela.

A única certeza que possuo é essa: a da minha morte. Não sei se acabo de dar o laço desta gravata, não sei se chego ao fim deste dia, não sei se amanhã estou na cama com a rainha da Inglaterra ou se tomo conta dos cachorros do dalai-lama. Só de uma coisa sei: vou morrer. Aceito a morte, seria burrice fugir dela, ou não assimilá-la. Se é a minha única certeza, tenho de preparar-me para ela, ou, se possível, de prepará-la para mim. Não quero morrer de velhice ou de moléstia. Os samurais japoneses consideravam a morte natural, a morte por moléstia, como nódoa infame, abominável. Tampouco terei motivos para o suicídio. Mas não suportarei a morte na cama, a próstata inflamada, urinas presas ou soltas, sondas, algodões embebidos em éter, escarro, a repugnante liturgia da morte. Não vou esperar pelo câncer do reto do piloro, nem o insulto cerebral. Antes que a vida me insulte, eu insultarei a vida: me engajo numa luta – não há cruzadas para defender o túmulo do Salvador, é pena – e a nela me entrego com ferocidade. Talvez consiga ser herói<sup>135</sup>.

Ao comentar a leitura deste trecho feita por Sílvio, Paulo se limitou a afirmar que não é a favor de um governo opressor, mas declarou: “Politicamente sou anarquista, mas, sobretudo sou comodista!... O fato político não me preocupa, é tudo”<sup>136</sup>.

A concepção que Cony tem da morte não se distancia muito da de Paulo Simões.

<sup>133</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Op. cit, p. 11.

<sup>134</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 117.

<sup>135</sup> Ibidem. p. 36.

<sup>136</sup> Ibidem. p. 37

Bem, a morte, como sabemos, é o grande problema, a única coisa inevitável para todo mundo, é óbvio. Mas saber disso não nos consola. Para mim, dá um certo grau de responsabilidade – eu vou morrer porque estou vivo; tenho muitas contas a prestar. Na minha fase atual, a morte não é um problema metafísico, é apenas físico. O que me preocupa é como será a minha morte. Eu me faço sempre essa pergunta. Como morrer? Vou cair da janela de um hotel, vou morrer de câncer? Essa incerteza da certeza é que me preocupa, me dá medo. Mas insisto: é um medo estritamente físico<sup>137</sup>.

Sílvio ainda indaga Paulo sobre a assinatura de seus manifestos e ele responde:

Isso é fácil. Assino-os aqui mesmo, no meu gabinete, de short, o ar refrigerado, o cachimbo. Entra aqui uma atriz de teatro ou da televisão, um estudante, mostra o manifesto, as assinaturas já apanhadas, assino e pronto. Faça um manifesto pedindo todo o poder ao povo e eu assino agora mesmo. Faça manifesto mandando o governo à merda e eu também assino<sup>138</sup>.

O medo do nazismo que o pai de Paulo sentia, mesmo já tendo acabado a Segunda Guerra Mundial, é lembrado na conversa. Sílvio fala de uma perseguição que toda sociedade pode sofrer em breve, fazendo menção a campos de olaria que serviriam como local para presos políticos. Mas nenhum argumento convence Paulo a aderir à causa de Sílvio e de Vera. O escritor repete que a única certeza que tem é do distanciamento que terá do presente.

Depois do longo diálogo, o protagonista de *Pessach* deixa o apartamento e vai visitar a filha, Ana Maria, no colégio. Lá descobre que sua literatura é censurada na escola por ser considerada uma “influência mais perigosa do que a própria pornografia”<sup>139</sup>, devido ao tom cético e amargo que os enredos carregam com relação aos valores morais e sociais tradicionais. Também é informado que Ana Maria está concorrendo a uma bolsa de estudos na França e isto, diz a diretora, evitaria que ao final

<sup>137</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Op. cit., 45.

<sup>138</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 38.

<sup>139</sup> Ibidem. p. 46.

do curso fundamental ela tivesse problemas em decidir para onde deveria ir, ressaltando que filhos de pais desquitados “não tem lar”<sup>140</sup>.

Durante a visita à filha, Paulo ainda descobre que ela quer estudar sociologia e faz parte de um grupo de esquerda, dentro do convento no qual estuda, que improvisa um rodízio de leituras de autores como Sartre, Faulkner e Miller. Este comportamento era considerado pelas freiras como atividade comunista. “No duro. As freiras chamam a gente de comunistas. Somos contra o governo e a favor dos pobres”, declara Ana Maria, criticando o pai por sua alienação diante do cenário político brasileiro.

– Isso não chega a ser um pensamento de esquerda. Contra o governo muita gente é, a favor dos pobres, todo mundo é, inclusive as freiras. O problema é não se aceitar a miséria num mundo que bem administrado daria para todos.  
 – Pode deixar que já estudei isso. O pai de uma garota daqui está exilado no Chile. Ela recebe literatura subversiva, já li muita coisa. Papai, eu acho você um bocado alienado<sup>141</sup>.

As leituras referenciadas pela filha de Paulo Simões remetem à iniciação política que os militantes, a maioria universitários, tinham a partir do contato com obras internacionais que influenciam os vários movimentos de esquerdas pelo mundo. Uma estudante de Letras citada por Maria Hermínia e Luís Weis comenta:

Líamos Brecht, Marcuse e Lukács, a revista *Civilização Brasileira e a Paz e Terra*. Mais tarde, *Teoria e Prática*. E os teóricos brasileiros: Gullar (de *Cultura posta em questão*) e Glauber Rocha (*Por uma estética da fome*, que nos ajudava a refletir sobre seus próprios filmes: ‘a mais nobre manifestação da fome é a violência’...). Era também o momento de abertura para a América Latina: ao lado do fascínio pelas figuras políticas (‘Che’ Guevara, Debraym Camilo Torres) começávamos a descobrir poetas e ficcionistas latino-americanos (Carlos Fuentes, Neruda, Nicolás Guillén, Miguel Angel Astúrias, Cortázar, Octávio Paz e Borges viriam depois)<sup>142</sup>.

---

<sup>140</sup> Ibidem. p.47.

<sup>141</sup> Ibidem. p. 52.

<sup>142</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia. T.; WEIS, Op. cit, p. 365.

O escritor Zuenir Ventura também acrescenta que a lista dos livros mais vendidos de 1968 do Rio de Janeiro reunia vários destes autores e que, apesar de serem obras pertencentes à bibliografia de cursos acadêmicos, tinham como principais consumidores os alunos politicamente ativos.

Marx, Mao, Guevara, Lukács, Gramsci e Marcuse estiveram na lista dos **best sellers**, no Rio de Janeiro, ao lado de Norman Mailer, James Joyce e Hermann Hesse. Ressalta o impacto causado por *A revolução brasileira*, de Caio Prado Jr., pela primeira edição completa em português de *O capital*, de Karl Marx; pelo lançamento da trilogia *O profeta desarmado* e *O profeta banido*, (se é uma trilogia, são três livros, três títulos) de Isaac Deutscher, sobre Trótsky, e de *O Vietnam segundo Giap*<sup>143</sup>.

Ana Maria indaga Paulo sobre a origem do sobrenome Simon que a família omite e Paulo pede a ela que não se preocupe, pois não são judeus, mas ao contrário do pai e do avô, Ana não tem vergonha ou medo de ser perseguida.

– Não é medo pai, é... responsabilidade. Você sempre me prometeu explicar essa troca de nomes, porque sou Simon nos papéis oficiais e Simões no dia-a-dia. Mamãe diz que você é semijudeu porque nunca teve coragem para nada, nem mesmo para ser judeu<sup>144</sup>.

A responsabilidade da qual Ana Maria fala em relação à valorização de ser judia vai ao encontro do comportamento que jovens de ascendência judaica tiveram durante o período militar e que esteve presente nas várias formações de esquerda. Segundo Beatriz Kushnir, muitos morreram em busca de uma nova identidade judaico-brasileira. “[...] eram brasileiros lutando por seu país e não sionistas” preocupados em apoiar a luta dos movimentos palestinos que queriam fundar um estado israelita autônomo. Tratava-se de “uma geração posterior à fundação do Estado de Israel que não

---

<sup>143</sup> Ibidem.

<sup>144</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 53.

estava preocupada com a pátria para o povo judeu, e sim com a terra para onde seus avôs vieram havia meio século”<sup>145</sup>.

Paulo diz à filha que, aos quarenta anos, o apoio que encontra é na literatura, agora encarada como uma profissão. Ainda no convento, é abordado por uma freira que pede uma contribuição para a campanha missionária para os pagãos da Manchúria. Paulo se nega a ajudar porque não acreditava nem se interessava por essas missões, além de não ser católico. Fala à freira que ela deveria se preocupar com o Nordeste brasileiro que tem milhões de pessoas batizadas que morrem de fome. Ela rebate, comentando que estes problemas foram resolvidos pelo Marechal e que não tem mais que se preocupar com os comunistas. Paulo replica de maneira impiedosa.

No final da visita, afirma para Ana Maria que a única preocupação que tem no dia de seu aniversário é com o passado.

[...] o que fiz durante esses quarenta anos, ou melhor, o que esses quarenta anos fizeram de mim. Mas, é preocupação limitada, amanhã estou novamente em mim, preso ao presente, sem passado, sem futuro. Mas hoje decretei, por conta própria, um pique, um recreio<sup>146</sup>.

O ciclo de visitas que Paulo havia programado se altera com o deslocamento ao apartamento de sua ex-mulher Laura, aonde não ia desde o desquite, cinco anos atrás, para comunicar a decisão de Ana Maria de ir para a França.

O ar de constrangimento entre Laura e seu atual marido é notado por Paulo, assim como o acervo literário existente no apartamento. Ele ainda esboça certa atração pela ex-esposa até o momento em que ela lhe conta sobre o filho que teve e que Ana Maria não aceitou.

<sup>145</sup> KUSHNIR, Beatriz . Nem bandidos, nem heróis: os militantes judeus de esquerda mortos sob a tortura no Brasil (1969-1975). In: KUSHNIR, Beatriz. (org.). **Perfis cruzados:** trajetórias e militância política no Brasil. Rio de Janeiro: Imago , 2002. p. 216.

<sup>146</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 58.

Paulo comenta sobre a viagem de Ana Maria para a França e, para seu espanto, descobre que a decisão da filha recebe todo o apoio da mãe. Então, sente nojo pelo filho que ela teve após a separação. A visita a Laura pelo menos resulta na entrega de algumas anotações sobre um romance que ele iniciou vários anos atrás e ao qual não deu andamento. Apesar de haver escrito apenas quarenta páginas, ainda demonstra interesse pelo assunto.

Apanho a pasta. Em letras grandes, esmaecidas pelo tempo, imitando caracteres do falso gótico, a palavra *pessach*.

– Não me lembrava dele.

E é verdade. Em lugar algum de minha memória ou de minha carne ficaram vestígios daquele romance iniciado fazia tanto tempo. Havia o plano, que anualmente adiava, de escrever uma paráfrase mais ou menos épica sobre o êxodo do povo hebreu, a geração que preferiu a fome e a morte no deserto a continuar escrava. O assunto está em mim, há muito, mas não me lembrava de ter escrito nada<sup>147</sup>.

Em seguida, Paulo vai para a Zona Norte do Rio de Janeiro para visitar seus pais e percebe que eles esqueceram seu aniversário – a surpresa mais dolorosa de seu dia.

Em quarenta anos, é a primeira vez que isso acontece. Poderia não perdoá-los por isso, não que esteja dando exagerada importância ao aniversário, mas a data é mais deles que minha, o esquecimento é mais do que ofensa, é abandono<sup>148</sup>.

A única preocupação do casal é com a suspeita de a mulher estar desenvolvendo um câncer. Mas o mal-estar da mãe era apenas resultado de uma pequena queda de bexiga que poderia ser corrigida com uma cirurgia que o médico não recomendava devido à idade avançada da paciente que não ajudaria na recuperação.

Durante a conversa com Paulo no escritório, o pai reconhece o medo constante que tem de uma nova perseguição aos judeus, algo que o assusta. Sua obsessão chega ao

<sup>147</sup> Ibidem. p. 75.

<sup>148</sup> Ibidem. p. 95-96.

extremo de ele considerar que uma ditadura está sempre à procura de inimigos e que a vez dos judeus chegará mais cedo ou mais tarde.

A tradição da família de Paulo em ocultar sua origem judaica é recordada por seu pai. Paulo lembra que os apontamentos do romance foram inspirados, dez anos atrás, em seu pai, “o homem que traíra suas origens”<sup>149</sup> e que agora fala sobre o *Yom Kippur*, celebração judaica do arrependimento conhecida como “dia do perdão” e que tem sua descrição na Bíblia, no capítulo 16 de Levítico – leitura que recomenda a Paulo para que ele se torne um judeu menos assimilado.

Paulo recebe do pai um presente no mínimo inusitado: um comprimido de cianureto, com a orientação de que ele deve ser consumido no momento em que houver nova perseguição aos judeus, evitando assim a dor e o sofrimento que as prisões causariam.

Em outra visita, à editora, Paulo faz uma breve análise do perfil dos profissionais de outras áreas que também produzem textos. Enquanto aguarda seu editor, acompanha discussões sobre teatro e a teoria do distanciamento de Brecht e sobre a ascensão da economia chinesa que em no máximo vinte e cinco anos terá engolido todas as nações do mundo, mas nada disso o interessa. Está ali apenas para receber mais uma encomenda, o que, segundo o editor, é necessário para fazer girar um capital mais rápido e manter a programação básica de lançamentos. Paulo recebe a informação que o romance que pretende escrever será publicado apenas em abril de 1967, depois da venda de livros didáticos – aqui, Cony faz uma analogia ao lançamento de *Pessach*, que já estava sendo escrito.

Já sei que você vai reclamar. Mas temos de pensar na indústria do livro, na vida comercial da editora, é óbvio. Muitos de nossos livros foram confiscados e apreendidos, os prejuízos foram grandes. Nossa programação

---

<sup>149</sup> Ibidem. p. 88.

habitual é boa, mas de vendagem lenta. Precisamos de livros de impacto, que vendam logo, e façam o capital investido girar e regressar. Só assim podemos cumprir sem riscos a nossa programação básica<sup>150</sup>.

O editor fala da participação do escritor em uma nova coletânea de contos que deve ser entregue em três dias e diz que depois disso vai liberar Paulo para que ele se dedique ao novo romance sobre o povo hebreu – um espanto para o editor, que pensava se tratar de um projeto sobre a história de um padre. Esta é outra alusão ao plano de Cony de escrever um livro que seria parte de um projeto maior que se transformou no romance *Informação ao crucificado* e que não época o autor intitulou *A paixão segundo Mateus*, uma trilogia cujo segundo volume seria *Missa para o papa Marcello*<sup>151</sup>. O terceiro título não foi definido porque Cony, em função de outros livros, abortou o projeto que pretende retomar.

O editor tem duas outras preocupações: a necessidade de intervalo de pelo menos um ano entre um e outro lançamento e o alheamento dos temas explorados por Paulo. Ele comenta que o escritor não se compromete e não se engaja. Respondendo às críticas, Paulo diz que as pessoas que reclamam de sua alienação deveriam sair dando tiros contra o governo.

O confrontamento civil, por meio da união de todos os descontentamentos, para pressionar o governo a negociar sua saída, é apoiado pelo editor, enquanto a ação armada é por ele considerada uma atitude que contribuirá apenas para enriquecer

<sup>150</sup> Ibidem. p. 99.

<sup>151</sup> Na entrevista que Cony faz para *Cadernos de literatura Brasileira Brasileira* nº 12, temos uma breve definição da referência histórica sobre a qual o projeto de *A Missa para o papa Marcello* irá tratar. O título faz menção à *Missa Papae Marcelli* [c.1561] do romano Giovani Pierluigi da Palestrina [c. 1525-1594]. “Em suas poucas semanas de papado, Marcelo II revelou o desejo de reformar a música clássica, de maneira que se chegou a dizer que a composição de Palestrina teria sido escrita para persuadir o Concílio Trento a não banir a polifonia”. **CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA**. Op. cit., p. 48.

biografias: como o episódio do Hotel Glória<sup>152</sup>. Paulo informa que foi convidado para uma “espécie de guerrilha” e o editor reforça a opinião sobre uma postura de utilizar a editora como “trincheira”<sup>153</sup>.)

O editor incentiva o engajamento de Paulo por meio de sua obra e não por meio de um fuzil, escrevendo, segundo ele, sobre algo sério, “que denuncie, que traga uma problemática útil à realidade”<sup>154</sup>. O diálogo continua, com ênfase na temática existencial e não social dos trabalhos de Paulo.

– ... Mas teria orgulho de você se...  
 – Mande o seu orgulho às favas. Eu não escrevo nem para o meu orgulho, quanto mais pra o orgulho dos outros.  
 – Mesmo assim, eu teria muito orgulho em saber que você se rende à vida e aceita o homem. Negá-lo, como você vem fazendo até agora, pode ser cômodo, comercial, mas não ajuda a ninguém.  
 – Não escrevo para ajudar ninguém<sup>155</sup>.

Enquanto isso, na sala de espera da editora, o poeta Ataíde comenta sobre a represália do governo que constitui um “fascismo ortodoxo” às custas de prisões, mortes, torturas, censura, fechamento de jornais e do Congresso. A perseguição da polícia aos opositores do governo havia se intensificado após alguns atentados em Recife, bombas foram lançadas em repartições federais, “o governo está disposto a tirar a máscara e aceitar o fato consumado”<sup>156</sup>.

Paulo ainda acompanha a leitura de um jornal clandestino por alguém da turma intelectualizada que está na sala de espera. As notícias lhe causam raiva: “Generais dão

<sup>152</sup> Refere-se a participação de Cony, em 1965 a uma manifestação contra o governo Castello Branco, no Rio de Janeiro, em frente ao Hotel Glória, onde acontecia uma reunião com os representantes dos países que fazem parte da Organização dos Estados Americanos.

<sup>153</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 102

<sup>154</sup> Ibidem. p. 103.

<sup>155</sup> Ibidem.

<sup>156</sup> Ibidem. p. 104.

palpites sobre todos os assuntos, fome em diversas regiões do país, pobreza das classes intermediárias, miséria nas classes. Tudo isso nas manchetes da primeira página”<sup>157</sup>.

A dicotomia de clima no ambiente também espanta Paulo, pois o grupinho lá no fundo continua o debate sobre Brecht, enquanto outros discutem cinema e a secretaria apresenta uma serenidade que incomoda.

Esta observação feita por Paulo reflete o processo de experimentalismo que o campo cultural estava vivendo paralelamente à experiência guerrilheira, seja no teatro, no cinema, na literatura, na música e nas artes plásticas. No teatro, ganhava destaque à arte política com uma linguagem teatral definida como “estranhamento”, influenciada por Brecht e que prevê uma encenação interrompida para que o espectador analise os fatos que estão acontecendo no momento atual. Renato Franco aponta que este fenômeno estético foi resultado

da rígida censura que o Estado militar impôs à vida cultural, a qual parecia mesmo desejar suprimir. Para evitar que do destino de suas obras fosse afetado pela atitude indiscriminada da censura, cujo prazer era o de mutilar seus corpos tão delicados, muitos autores se distanciaram da substância histórica ou da vida política – o que era a exigência oficial do momento – e recorreram ao experimentalismo<sup>158</sup>.

No cinema, podemos citar os filmes *Terra em transe* e *O desafio*, que destacam a urgência da revolução como única tentativa de combate à ditadura.

O Teatro Oficina e o tropicalismo musical apresentaram mudanças de linguagem influenciadas pelas discussões de Brecht. No teatro, as peças dirigidas por Celso Martinez praticavam um “teatro de agressão”, abandonando o estilo pedagógico e político para se lançar numa atuação:

[...] agressiva dos atores que, ao efetuarem a representação, provocaram acintosamente o público, na esperança de que este, enfim, fosse capaz de

<sup>157</sup> Ibidem. p. 105.

<sup>158</sup> FRANCO, Renato. Op. cit., p. 68–69.

reagir a tal violência: essa reação, esperava-se então, não se restringia ao espaço do teatro, mas, ao contrário, deveria se propagar para fora dele, alimentando assim a resistência política da sociedade civil à ditadura.<sup>159</sup>

Após sair da editora, Paulo percebe que está sendo seguido. Enquanto prepara seu cachimbo, sente uma comichão na nuca que, extremamente sensível, tem o poder de revelar coisas. A caminho de seu carro, tem novamente a sensação de perseguição e faz uma autocrítica:

[...] Estou me dando demasiada importância, quem teria interesse em me seguir? Ou estaria, agora que entro na meia idade, repetindo a história do pai com suas manias e seus pânicos?<sup>160</sup>

Retornando para casa, no final do dia de seu aniversário, o personagem de *Pessach* enfrenta um engarrafamento próximo ao Aterro que o faz refletir que o importante não é ter pressa e sim “ter um destino, iniciar a travessia”<sup>161</sup>, mas quando chega à rua do prédio onde mora se depara com um grupo de pessoas observando o corpo de um suicida.

Em casa, enquanto prepara um banho frio para aliviar a tensão, Paulo faz um resumo de seu dia “estragado”: a conversa com Sílvio, a ida ao colégio, os pagões da Manchúria, a ex-esposa com seus doces e seu marido de tórax inchado, a visita aos pais. Analisa que, ao contrário do povo hebreu que durante quarenta anos caminhou em busca da “terra prometida”, ele tem apenas como missão escrever sobre um bidê.

Neste momento, pensa que o suicídio poderia ser uma maneira de se livrar desta condição – pode se afogar na banheira, diante do bidê que será comprensivo com sua problemática existencial, diferentemente de seu editor e Sílvio que insistirem na falta de temas com problemática social. É hora de ler Lukács e Goldman.

<sup>159</sup> Ibidem. p. 66.

<sup>160</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 106.

<sup>161</sup> Ibidem. p. 108.

Este estado de espírito é uma das características que os personagens de Cony apresentam, oscilando entre a “liberdade e a fatalidade. Sendo livres, os personagens de Cony não se apegam a nada”.<sup>162</sup>

Paulo sai do apartamento após receber Laura que, junto do filho, o procura depois de uma briga que teve com Luís, seu atual marido, após a visita do escritor naquele dia. Caminha até um restaurante próximo, pede uma bebida e vê um vulto entrando no local – volta o comichão na nuca. Levanta-se rápido e contorna a rua para desmascará-lo. Era Vera.

A presença de Vera o assusta de início, mas, em seguida, Paulo procura saber o real motivo de tal perseguição e descobre que está sendo vigiado. A moça explica que o grupo do qual faz parte teme ser denunciado pelo escritor.

– Você foi comunicado de um plano. Fui contra e muitos outros foram contra a idéia do Sílvio. Mas ele tem crédito. Garantiu que você toparia, que seria elemento útil, e, mesmo que não topasse, não teríamos nada a temer de você. Acertou apenas em parte<sup>163</sup>.

Paulo comenta que falou ao seu editor sobre o plano e que este aprovou sua recusa e ainda achou imbecil a estratégia. Vera não se surpreende, pois o próprio Partido não aprovara a participação dela no grupo de Sílvio, o que a levou a deixá-lo. A pedido de Paulo, a mulher relata como se deu o seu envolvimento com uma organização de esquerda.

– Há dois anos que ando entupida. Meu pai está no exílio, ele era diplomata, representou o Brasil em Genebra, em Haia, circulei pela Europa, bebi bons vinhos. Mas no Partido me acusaram de desvio pequeno-burguês e eu dei o fora. Entrei agora no brinquedo por conta própria, sabendo os riscos que corro. Não quero ficar de braços cruzados. Sou individualista, ainda, nem o Partido conseguiu modificar-me. Mas não pense que eu sou *como* você.<sup>164</sup>

---

<sup>162</sup> “O submundo de Cony.” CARVALHO, J. A. In: **Encontros com a Civilização Brasileira**. RIBEIRO, Darcy. et alli. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

<sup>163</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach: a travessia**. Op. cit., p. 124.

<sup>164</sup> Ibidem. p. 125.

O desvio pequeno-burguês de Vera, resultado de sua saída do PCB, é explicado por Alcides Freires Ramos no trabalho *Canibalismo dos fracos: cinema e história do Brasil*<sup>165</sup>, com base nas considerações de Daniel Aarão Reis Filho sobre *Os 16 pontos* do Partido Comunista do Brasil – Ala Vermelha – PC do B-Av:

Diante das investidas da contra-revolução *as correntes revolucionárias pequeno-burguesas* lançam atividades militares isoladas das massas. Estas correntes estão fadadas ao fracasso, por desprezarem o potencial de luta das massas, por não reconhecerem neste o único recurso seguro para o êxito da revolução. O erro clássico das correntes vanguardistas, militaristas, reside em não aplicar uma linha de massas, em não considerar a revolução como luta de classes. Confundem o papel de vanguarda, que significa fazer a revolução pelas massas, em seu lugar.<sup>166</sup>

A crítica de Cony ao Partido Comunista se direciona às diretrizes do PC, formuladas em 1965 para enfrentar os anos de ditadura militar e orientadoras de um movimento conhecido como Frente Democrática, que foi delineado no VI Congresso do partido realizado em dezembro de 1967. O boicote que os membros do partido fizeram a *Pessach*, após a primeira edição, não impediu a reedição do livro em 1975.

Beatriz Kushnir cita o comentário de Cony para o Jornal O Globo, em 27 de março de 1997, sobre a confirmação de sua hipótese de membros do partido não comprarem *Pessach*:

[...] a única atividade do partido, à época, era a desenvolvida por aquele comitê, que “[...] atuava somente no varejo, patrulhando as manifestações no jornalismo, nas editoras, nas gravadoras, na produção de shows, do teatro, do cinema e da MPB”. [...] segundo Cony, Gullar teria lhe confidenciado que pediu para a “turma” – referência aos militantes – que comprasse seus livros no pós-1964.<sup>167</sup>

<sup>165</sup> RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos fracos:** cinema e história do Brasil. Bauru-SP: Edusc, 2002.

<sup>166</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão; SÁ, J. F. de. (Orgs.). **Imagens da revolução:** documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961 a 1971. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.p. 283.

<sup>167</sup> KUSHNIR, Beatriz. “Depor as armas – A travessia de Cony, e a Censura do Partidão”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **Intelectuais, história e política:** séculos XIX e XX. Op. cit., p. 237.

A proposta que prevalecia nas *Teses* do PCB era a de uma derrota da ditadura a partir de uma aliança entre a burguesia e os dirigentes do partido, na busca de consenso para realizar uma revolução.

Sobre a movimentação que o partido fez antes do IV Congresso e que resultou nas “*Teses para discussão no sexto congresso*”, publicadas no jornal do PCB, *Voz Operária* (clandestino desde o golpe), censurando a ação armada, Jacob Gorender comenta:

[...] as reivindicações de reforma da Constituição e advogando o congelamento das relações sociais e da situação política como remédio para evitar o golpe militar direitista. Difícil imaginar algo mais oposto ao marxismo do que este reacionário. Não dependia do PCB, ou de qualquer das correntes de esquerda, impedir o agravamento objetivo da luta de classes, nem a conspiração das forças conservadoras apoiadas pelo imperialismo norte-americano. A partir dessa recusa à capitulação diante dos conflitos políticos, verdadeira *síndrome do golpismo*, que hoje o domina completamente e já alcançou o grau de paranóia.<sup>168</sup>

A censura do Partido a *Pessach* é melhor debatida por Beatriz Kushnir em *Depor as armas – A travessia de Cony e a censura do Partidão*, obra na qual a autora menciona os “orelhadores” do livro: Leandro Konder – ex-militante do Partido e membro do Comitê Cultural do PCB, no Rio de Janeiro, que estava exilado desde 1972 na Alemanha – e o jornalista e escritor Paulo Francis que era, segundo Énio da Silveira (dono da editora Civilização Brasileira e também militante do PCB), “uma das pessoas mais entusiasmadas pelo livro e que via lá uma espécie de visão antecipada da tragédia da luta armada”. A segunda orelha<sup>169</sup>, elaborada por Francis, foi mantida nas duas edições seguintes sem modificação alguma.

---

<sup>168</sup> GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas – a esquerda brasileira:** das ilusões perdidas a luta armada. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 99.

<sup>169</sup> “Segue citação da orelha de *Pessach* da segunda e terceira edições, escritas por Paulo Francis para analisar o grau de modificação: “O subdesenvolvimento é antes de tudo, um vácuo social, onde gestos civilizados são fúteis e levemente fantasmagóricos, só ganhando consistência as manifestações primitivas do poder. A inaptidão do intelectual comum para essa forma de comportamento está entranhada na narrativa de Carlos Heitor Cony, assim como as fantasias a que ele se agarra para fugir ao comprometimento com a violência”.

Na orelha da primeira edição, Konder louva a primeira parte da obra e comenta a escolha do tema que, segundo ele, Cony “não domina por nunca ter sido do partido, ele projeta alguns fantasmas [no que seriam as atividades] de militância”<sup>170</sup>.

[...] ao abandonar o “pequeno mundo” privado e ao lançar-se resolutamente à abordagem de questões mais difíceis de serem tratadas em termos ficcionais, Cony mostrou que a sua experiência já realizada como romancista não matou nele a inquietação, a audácia na busca de caminhos novos. Ao meu ver, a audácia acarretou um certo prejuízo para a unidade, o equilíbrio da obra.<sup>171</sup>

Beatriz Kushnir ainda cita o comentário que Cony fez em entrevista à Folha de São Paulo em 28 de julho de 1996, enquanto preparava a reedição de 1997: “Não é porque eu critico o vencedor que estou dando razão ao vencido”<sup>172</sup>. Como consequência desta posição, mantém na nova edição “duas difíceis questões ao PCB. Expõe a hipótese que teria o partido, além da opção contra a guerrilha lutando contra ela de maneira real e

O intelectual sofre bastante com sua consciência profunda do subdesenvolvimento. Não pode aderir aos poderes vigentes sem trair-se a si próprio. A maioria evita o dilema de maneira menos dramática. Assina um manifesto aqui, outro acolá, vocifera contra o fascismo entre um chope e outro, faz má literatura sobre a pobreza dos pobres ou passa a descobrir virtudes sociológicas na música popular.

Cony estabelece a absoluta incompatibilidade com as linhas mestras da sociedade brasileira. Seu protagonista, antes de decidir-se (relutantemente) pela violência, vive, na primeira parte da obra, a noite tenebrosa da alma de que nos falam são João da Cruz e Scott Fitzgerald. Diante da solução revolucionária que lhe é proposta por dois tipos a quem despreza pessoalmente, o personagem manifesta tédio cético, fundado não só em razões de temperamento como na descrença da viabilidade dos esquemas em ação da esquerda local. Há quem considere que o tempo é de lamber feridas e não de procurar-lhes a causa. Nessas avestruzes, **Pessach - a travessia** provocará ressentimento e hostilidade.

O romance não é, bem entendido, um tratado político. Pode e deve ser julgado em termos criadores. O autor usou o **ethos** da esquerda como metáfora do subdesenvolvimento, da nossa sufocante insatisfação cultural, que se estende à individualidade de cada um.

O intelectual brasileiro assumiu uma posição de certo destaque depois do 1º de abril de 1964. O papel de Carlos Heitor Cony nessa forma de luta dispensa comentários. Foi nesse período que Cony entrou na arena com a força de um miúra.

Depois de seu destemor como panfletário, seria confortável para Cony aposentar-se com o título de herói das galerias. Preferiu, entretanto, trazer o tema da indignação moral, inédito em sua literatura, a um exame artístico, ou seja, a um âmbito de experiência onde as simplificações ideológicas do panfleto não resistem à menor análise. **Pessach :a travessia** é o resultado dessa atitude”.

<sup>170</sup> KUSHNIR, Beatriz. Op., cit., p.233-236.

<sup>171</sup> Ibidem. p. 233.

<sup>172</sup> Ibidem. p. 234.

concreta. Também acusa alguns membros do partido e/ou os militantes mais engajados de uma censura<sup>173</sup> aos intelectuais que não seguissem as diretrizes do PCB”<sup>174</sup>.

Paulo sente raiva ao voltar ao apartamento e constatar que Laura foi embora, deixando um bilhete para confessar seu mea-culpa em relação ao marido Luís. Procura se desfazer de todos os vestígios das visitas que recebeu durante o dia e em parte da noite, amassa o papel assinado pela ex-esposa e se dirige ao gabinete para jogá-lo no lixeiro, onde já estão as cinzas do cigarro que Vera fumara e um cartão com o telefone de Sílvio. Conclui que “todos estão onde deveriam estar: no lixo”<sup>175</sup>.

Na cama, procura o sono, relendo os apontamentos do romance sobre o povo judeu para entender qual era seu objetivo. O primeiro trecho ocupa duas páginas e está no Êxodo.

Houve uma noite, há muitos anos, em que um povo foi deitar escravo. Seguindo a rotina da escravidão, todos foram dormir cedo. No dia seguinte, voltariam a seus trabalhos. Súbito, um jovem aparece no meio deles. É aproveitar aquela noite, sono dos guardas, fugir. O deserto os espera. O Anjo do Senhor fez a passagem por cima dos tetos hebreus e agora cabe aos homens fazer a travessia. Quarenta anos de pedra e maná, fome e revolta. Os velhos morrerão na areia, os jovens talvez sobrevivam e talvez em outra –, todos terão de tomar a decisão: a escravidão ou liberdade. E o povo todo – um povo inteiro –, com seus utensílios, suas ferramentas, seus rebanhos, aproveita a escuridão e foge para o deserto. Levam pão sem fermento, não houve tempo de fermentá-lo, com a luz do dia os soldados rondariam os acampamentos, os açoites castigariam a carne escrava. E em silêncio todo um povo abandona suas casas e vai para o deserto.<sup>176</sup>

### 2.3 A travessia

*Eu mudara, agora fazia parte de um mundo que aceitava o pacto com a morte, com a aventura, o mundo que eu sempre recusara que sempre negara à minha vida.*

Pessach: a travessia

---

<sup>173</sup> Os livros da edição de 1967, segundo Ruy Castro, ainda enchiam os depósitos dos sebos do Rio de Janeiro, muitos sem manuseio. Ibidem. p. 237.

<sup>174</sup> Ibidem. p. 234-235.

<sup>175</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 128.

<sup>176</sup> Ibidem. p. 129.

Amanheceu. Paulo se direciona ao carro e, ao abri-lo, depara-se com Vera dormindo no banco de trás. A travessia começa neste momento, com a moça lhe pedindo uma carona para sair do Rio devido ao panorama de perseguição instalado após os atentados de Recife<sup>177</sup>. Durante a viagem, Vera analisa o clima de censura, acompanhando a programação de rádio no carro, o que surpreende Paulo.

– Percebe como? Você acha que vão permitir notícias?  
 – Não. Mas podemos perceber a censura. Você, com a idade que tem, com os golpes de Estado que já presenciou, deveria estar habituado. Pois eu, com menos idade que você, conheço a lengalenga de sempre. As estações começam a transmitir música, hinos patrióticos. De vez em quando o locutor lê o aviso do Ministério da Justiça dizendo que reina ordem em todo o país. Então a gente fica sabendo que a coisa está pegando fogo.<sup>178</sup>

Apesar do clima de aparente tranqüilidade, Vera se preocupa com as barreiras ao longo da estrada para fiscalizar os documentos de quem está saindo do Rio e, como ela era filiada ao Partido Comunista (sua saída do partido não havia sido registrada) e fichada no DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social),, isso poderia causar sua prisão. A preocupação de Vera tinha motivo: um grupo de “porras-loucas” havia quebrado algumas vidraças da embaixada dos Estados Unidos, o que acabou comprometendo a segurança dos demais grupos de esquerda que esperavam um sinal para agirem juntos.

O histórico de prisões de Vera facilitaria o seu reconhecimento pela polícia, por isso a pressa em fugir e se esconder no carro de Paulo, o único lugar desconhecido pelos outros membros do grupo e também fora da lista dos oficiais do DOPS.

---

<sup>177</sup> Em 25 de junho de 1966, ocorreram três atentados em Pernambuco, um deles no Aeroporto de Guararapes. ALTMAN, Fábio. 13 de Dezembro de 1968- O dia do AI-5. *Época*. São Paulo: Edição especial., dez. 1998, p. 82

<sup>178</sup> Ibidem. p. 136.

Paulo fica intrigado com estas declarações e pergunta por que ele inspira tamanha confiança nela. Vera responde que ele parecia ser inofensivo e que não procuraria a polícia para denunciar.

A clandestinidade vivida no romance por Vera caracteriza o processo de vida que boa parte da esquerda vivenciou até a anistia em 1978. A rotina de vários militantes impunha um modo diferenciado “de se relacionar com a cidade. A pessoa comum pode atravessar a cidade semvê-la. O ativista precisa dominá-la, conhecê-la intimamente para permanecer anônimo e seguro”<sup>179</sup>.

O atentado na embaixada americana é observado e analisado por Paulo como uma brincadeira, sem grande impacto para o fortalecimento da esquerda, pois, após duas horas, as vidraças haviam sido trocadas. A missão de Vera agora não é mais fugir e sim levar um rapaz que estava machucado no carro que Boneca, outro militante, conduzia para uma fazenda localizada na região de Rezende, próxima da divisa do Rio com São Paulo.

Paulo aceita levar o passageiro ferido, no entanto, quando chega ao local, começa a analisar a estrutura que o grupo utiliza para suas missões e suas condições: o carro enguiçado, o rapaz machucado e torturado que é colocado num galpão junto com outros feridos, a ajuda médica e remédios que vêm do Rio de Janeiro, os cuidados apenas na fazenda, as vestimentas surradas que realçam o traço de miséria, a homossexualidade de Boneca.

O episódio da embaixada continua sendo noticiado como uma “brincadeira de rapazes”, versão que a embaixada adotou e que a polícia ajudou a propagar. Paulo pergunta a Vera quem é o “camarada que fede e dorme” no seu carro e ela detalha a participação dele na organização para que Paulo entenda o motivo de seus ferimentos.

---

<sup>179</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia T.; WEIS, L. Op. cit., p. 382.

– O homem é do grupo de Sílvio. Serviu, há pouco, num regimento da Polícia Militar, deixou lá alguns amigos. O grupo de Sílvio precisa de armas, embora o grosso delas venha de fora. Para as pequenas missões, não podem empregar armamento vindo do exterior, os trabalhos preparatórios são efetuados com armas daqui mesmo, em caso de fracasso ninguém suspeitará que há armamento estranho metido no negócio, pois o camarada estabeleceu um elo com soldados do regimento, meteu-se com o grupo que protegia uma quadrilha de ladrões de carros, conseguiu desviar algumas metralhadoras. Até que houve o assalto a um supermercado com metralhadoras usadas pela polícia. Foi a pista. Alguém denunciou o camarada como elo da corrente, para salvar o nosso movimento ele teve de admitir suas relações com o pessoal do assalto, foi torturado para dar nomes e locais, a turma do Sílvio acabou se metendo antes que o camarada contasse tudo. Conseguiram subornar os guardas, tiraram o sujeito da cela e providenciaram local seguro para protegê-lo. Boneca o levaria a esse local.<sup>180</sup>

Após o esclarecimento, Paulo comenta sobre a confusão em que se meteu em poucas horas, envolvendo-se com pessoas procuradas por roubos e assaltos. Logo chegam ao rio próximo à fazenda e Paulo o compara ao Mar Vermelho que Moisés atravessou durante a passagem do povo hebreu. Esta comparação faz Vera comentar sobre a origem judaica de Paulo e, por isso, a analogia. No entanto, ele procura negar e pergunta se ela não quer ver se ele é circuncidado.

Agora estão próximos à cancela da fazenda e a tranqüilidade que Paulo vê o incomoda, porque ele esperava encontrar não um deserto, mas sim um grande número de pessoas. Vera diz que as pessoas estão camufladas ao redor deles: “– Deserto? Tem mais de 500 pessoas em volta da gente!”<sup>181</sup>.

Outra situação inesperada para Paulo é o momento em que o comandante Macedo, líder do grupo, impede o escritor de sair da fazenda por motivos de segurança. Isto o deixa descontente e irritado, já que não estava interessado em participar de uma organização guerrilheira quando aceitou ajudar Vera. Uma cabana a alguns metros da casa da fazenda passa a ser seu espaço particular, onde tentará escrever o conto

---

<sup>180</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 149.

<sup>181</sup> Ibidem. p. 151.

encomendado por seu editor, terá uma noite de amor com Vera e outra com a médica carioca Débora.

Este envolvimento acabará fortalecendo a organização guerrilheira e resultando também em uma mudança de Paulo frente às suas decisões pessoais, ou seja, ele acaba rompendo sua condição de escritor sob encomenda, em função de estar a serviço do ideal revolucionário, unindo-se ao grupo para realizar a missão de invadir a região sul. Vale lembrar que o interesse maior desta guerrilha era incomodar os militares e conseguir estabelecer negociações com o poder militar para a alteração da situação vigente.

O projeto guerrilheiro, a partir deste momento, passa a ser um tema presente no romance e, claro, na mentalidade daqueles que apostavam na idéia da luta armada no final da década de 1960. Havia uma forte crença de que a revolução garantiria a mudança social, algo que perpassa todo o romance.

No momento em que almoçam, Vera alerta Paulo para fugir antes que Macedo interfira, pois ele não aceitaria ninguém sair da fazenda sem seu consentimento. Paulo hesita em fugir, com pena de deixar Vera, apesar de ela tê-lo envolvido numa enrascada perigosa demais. Ao chegar ao carro, verifica que o distribuidor foi retirado por Macedo, que o espera na Casa Grande para conversarem sobre sua situação de prisioneiro por medida de segurança.

– Para início de conversa, serei franco. Você não poderá sair daqui tão cedo. Só depois que não oferecer perigo. Afinal, há mais de ano e meio estamos organizando um movimento clandestino, perigoso, conseguimos articular uma rede que inclui campos de treinamento, depósitos de armas, equipes de segurança e de aliciamento, uma coisa complexa como um... – como um polvo. Mil braços, em torno de um núcleo central. Aqui não é o núcleo central, mas é um dos braços importantes da engrenagem. Você não sabe o susto que levamos quando ouvimos o barulho de seu carro subindo a rampa que dá para aqui. Tomamos cautelas, esperamos sempre pelo pior. Uma denúncia, uma suspeita, um descuido, e teremos a batida policial ou militar que nos matará a todos. Mas além do susto, você me deu outra surpresa: quando reconheci Vera, percebi que se tratava de uma emergência. Mas vi você: eu o conheço mal, sei que seria o último homem a se engajar no tipo de luta como a nossa. Nunca li nada seu, somente alguns artigos publicados

em jornais, vejo o seu nome nos manifestos, você não chega a ser reacionário, não passa de um liberal. Não desprezo essa turma, mas não a aprecio.<sup>182</sup>

Macedo acrescenta que Paulo pode utilizar a estadia para escrever seu romance e volta a dizer que esta atitude foi uma medida de cautela, já que ele conhece o mapa da mina. Paulo questiona o fato de estas medidas de segurança não terem evitado a pedrada na embaixada e também se preocupa com a opinião de Sílvio sobre sua presença na fazenda.

Vera comenta que de certo modo ela também é uma prisioneira, porque seu papel é apenas de aliciadora e tem que esperar a presença de Sílvio para receber novas coordenadas. Também se preocupa com a conversa entre Paulo e Macedo e procura relatar a Paulo uma breve história sobre como Macedo adquiriu as cicatrizes que lhe impressionaram, marca da tortura – utilizaram maçarico – depois que foi preso em Recife, após o golpe. Durante a conversa, Paulo é informado por Vera que Sílvio não pertence ao grupo de Macedo e sim a outro, o que pode tornar a situação de Paulo complicada.

Macedo pergunta o significado de *pessach* para Paulo depois de ler os apontamentos, pois considera de mal gosto utilizar uma palavra que ninguém entende. Paulo procura esclarecer que existem vários significados, explicando a “passagem do Anjo que poupou os primogênitos hebreus. O anjo que passou por cima”. Macedo prefere este significado, apesar de ter pouco conhecimento sobre passagens bíblicas.

No dia seguinte, Paulo acorda e procura sua mala para se vestir após um banho frio que desperta seu corpo depois de uma noite mal dormida. Enquanto procura uma roupa adequada para a situação, nota que seus shorts, blusões coloridos, duas calças esportes e a roupa branca não o deixam desprevenido, mas estão longe de ser

---

<sup>182</sup> Ibidem. p. 157-158

adequadas. Esperava ir para um hotel e não se tornar um misto de prisioneiro e conspirador. Suas roupas causarão escândalo uma vez que o uniforme oficial da conspiração é uma ruína de fardas antigas e misturadas. Há roupas da Marinha e de mata-mosquitos no meio de macacões de operários. Só o chefe usa roupas normais, mas tão sujas que, não fora a solenidade que lhe dão os óculos e a função, seria tão insignificante quanto os demais.

Paulo caminha rumo aos estábulos, onde Macedo se encontra com outros homens, e considera que a cena não lembra uma organização de esquerda e sim um feitor com seus colonos.

Macedo e Paulo começam a conversar sobre a situação da organização e suas ações que não funcionam, como a pedrada na embaixada, que Vera considerou como bomba, e Boneca com a missão de proteger um camarada procurado pela polícia com um carro sem condições de chegar à fazenda em Rezende. Paulo pergunta como remeteria a encomenda do seu editor para o Rio e Macedo informa que será através de Sílvio.

A conversa segue e Macedo explica como os erros individuais, as cisões internas, as divergências de táticas ou estratégias acabam comprometendo a complexidade das missões das organizações revolucionária.

– Não podemos evitar nem prever os erros individuais, como o de Sílvio, por exemplo, ao convidar você. Grosso modo, a coisa funciona. Pelo menos na prática. O que nos estraga, e aqui vai uma confidência, são as cisões internas, divergências de tática ou de estratégia, coisas muito complicadas para um leigo. Acredito que o movimento dará certo. E como não podemos controlar a complexidade global, ficamos limitados, cada um, a cumprir a sua tarefa. Aqui, no nosso campo, sob a minha responsabilidade, tudo vai bem. Embora, pessoalmente, eu discorde de detalhes do conjunto.<sup>183</sup>

---

<sup>183</sup> Ibidem. p. 178.

A presença de um ex-major da campanha da Itália é ressaltada por Macedo quando passam por um grupo que acabou de fazer educação física e está sendo encaminhado para receber instrução militar. Paulo começa a questionar sobre a participação do partido e Macedo diz que nenhum membro apóia o movimento – consideram-no individualista, romântico, capaz de causar uma reação mais severa do governo – por isso não aceita a posição deles, que querem agir por meio de uma “pregação pedagógica, burocrática”, esperando que “a ditadura se desmorone por si mesma”<sup>184</sup>. Macedo desaprova o posicionamento do partido de “esperar, esperar, esperar...”<sup>185</sup>.

A preparação militar e o armamento que o grupo dispõe são descritos por Macedo, que demonstra a escassez de munição, o que torna os exercícios de tiro simbólicos. Ele comenta que ainda que a organização tem de dedicar parte do tempo a tarefas de produção de leite na fazenda, a fim de manter o disfarce e não despertar a desconfiança da cooperativa que recolhe quarenta a sessenta litros de leite diariamente.

O ex-major se chama Ivan e, de acordo com a observação de Paulo é baixo, troncudo, de longe parece jovem, mas de perto é um cinqüentão, grisalho, com dentes mal cuidados. Apesar de a farda estar esfarrapada, mantém uma postura ereta que preserva seu porte militar, numa permanente posição de sentido. Tem três dedos mutilados por causa de uma garrafa de coquetel Molotov que explodiu nas mãos dele. Paulo observa também o treinamento militar de outro grupo com recursos escassos, sendo que alguns homens se exercitavam nus e outros de cuecas. Macedo justifica a falta de roupas pela necessidade de conservá-las para as saídas em missão.

---

<sup>184</sup> Ibidem. p. 179.

<sup>185</sup> Ibidem. p. 180.

– Não repare. Temos falta de roupa. Às vezes, é mais fácil conseguir um fuzil que um terno.<sup>186</sup>

A impaciência de Paulo em retornar para o Rio e se distanciar desta realidade o incomoda durante todo o percurso que faz para conhecer a fazenda e a organização. Macedo acrescenta que as missões armadas demoram muito porque eles só podem agir depois que as últimas ações isoladas tiverem esfriado, não comprometendo, assim, a segurança de outros grupos que aguardam um sinal para agirem em conjunto. As ações individuais e sem apoio, como o lançamento do coquetel Molotov na embaixada dos Estados Unidos, é um dos principais problemas para o grupo.

O cuidado com possíveis denúncias do Partido é outra declaração que Macedo faz para que Paulo entenda até que ponto chega a falta de apoio e o risco que o Partido representa para o movimento armado. O estranhamento do grupo com a presença de Paulo é assunto entre ele e Vera após o retorno da caminhada pela fazenda com Macedo. Vera diz que esta atitude de Macedo foi uma tática para Paulo e seus privilégios não causassem constrangimentos e boatos.

Todo mundo dá duro e está disposto a dar a vida pela causa, já deram tudo abandonando negócios, profissões, família, amigos. Só falta mesmo dar a vida e, de repente, chega um estranho com roupas coloridas, com candelabro de 7 velas...<sup>187</sup>.

As divergências de opinião entre Vera e Macedo também são comentadas por ela quando Paulo fala sobre a estrutura que a organização tem para declarar uma guerrilha. O apoio internacional que o Brasil recebeu dos Estados Unidos quando o golpe militar foi instaurado entra na conversa. Vera critica o afastamento da União Soviética depois do episódio da luta.

<sup>186</sup> Ibidem. p. 181.

<sup>187</sup> Ibidem. p. 185.

— .... Você ignora muita coisa, Paulo, viveu sempre num mundo distante, preocupado com angústias, problemas existenciais, mulheres. Resultado: não sabe de nada. O Partido já não é o mesmo, desde que a União Soviética abandonou a América Latina à própria sorte. Foi pouco depois do episódio de Cuba, quando Kennedy ia invadir a ilha. A União Soviética dividiu o mundo com os Estados Unidos, metade para cada um, o tratado de Tordesilhas, de novo. O Brasil, como a América Latina toda, coube aos Estados Unidos. A União Soviética não quer mais nada com a gente. Até ajudar a esta ditadura já ajudou: outro dia, o embaixador soviético firmou acordo com os militares, cem milhões de dólares. Que é que você acha? Nós aqui dando duro para varrer essa cambada do poder e os nossos amigos socialistas entrando com dólares para que os militares nos torturem e matem.<sup>188</sup>

Vera deixa claro que a alternativa é a ação armada, mesmo que não tenha o apoio do Partido, e que foi por pensar assim que ela decidiu abandonar o Partido. Macedo, ao contrário, defende a hipótese de pequenas insurreições pelo país – baseada na teoria foquista – porque uma guerra direta atrairia o apoio do governo dos EUA por meio do fornecimento de armas, soldados e munições que poderiam arrasar qualquer tipo de movimento armado.

Por esta estratégia foquista<sup>189</sup>, Macedo procuraria acabar com a ditadura com o mínimo possível de luta e derramamento de sangue, ou seja, com uma revolução baseada nos moldes socialistas que a esquerda armada brasileira tinha a partir das experiências vitoriosas com a revolução bolchevique na Rússia e a revolução cubana.

Vera explica:

[..] É favorável à preparação de turmas que possam não iniciar uma guerrilha de fato, mas tomar alguns pontos-chaves no interior do país. Um

<sup>188</sup> Ibidem. p. 185-186.

<sup>189</sup> A experiência cubana ressaltava impossibilidade do êxito da luta revolucionária nas cidades, onde o inimigo concentrava o poder. O local almejado para estas ações revolucionárias era o campo, onde o adversário seria forçado a se afastar em várias direções, enquanto os revolucionários teriam o apoio dos camponeses para as ações de guerrilhas, atacando o inimigo pela retaguarda, cortando suas linhas de comunicação e destruindo seus suprimentos. A partir destas ações é que foram determinados os conceitos definido o conceito de *foquismo*, *teoria do foco e foco guerrilheiro* e que a Revolução Cubana se tornou um ícone para o pensamento de esquerda da América Latina por meios dos escritos de Ernesto Che Guevara. DEBRAY, Regis. **Revolução na Revolução**. São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, 1976.

núcleo que pode até ser pequeno, como Sierra Maestra<sup>190</sup>. Formado esse núcleo, ele admite que as negociações políticas terão maiores chances. Assim, o derramamento de sangue será mínimo. Para evitar a famosa luta entre irmãos, os políticos e militares mais liberais procurarão um acordo. Ele não pensa em instalar um regime revolucionário, quer apenas acabar com a ditadura, ainda que seja necessário retornar ao estado burguês e liberal de antes. O raciocínio é tão ou mais romântico do que o nosso.<sup>191</sup>

O ambiente da fazenda causa outra forma de tensão em Paulo. Ele imagina um possível envolvimento entre Macedo e Vera, após ela ter confidenciado a Paulo o beijo forçado que Macedo lhe dera na noite anterior, depois de uma discussão que tiveram. Este *flashback* passava na mente de Paulo durante todo o almoço, enquanto os três se olhavam, fazendo o ambiente ser mais duro do que a carne que estava à mesa.

Este período de inércia – chamado por Paulo de ignomínia – incomoda o escritor, que sente certa inveja daqueles que preferem morrer a suportar esta condição. Paulo se confronta com a obrigação de produzir o texto encomendado do editor sobre bidês, em detrimento de sua vontade de escrever sobre o povo judeu. Esta hesitação entre bidês e *pessach* segue Paulo até o momento do cochilo, que para ele é uma forma barata de “passar por cima”.

A noite chega e Paulo é acordado pelo crioulo da copa, como é chamado por ele. Ambos caminham rumo ao jantar que está sendo servido na Casa Grande e durante a refeição ele é informado que Sílvio está chegando do Rio, trazendo um médico e mantimentos – eles não podem levantar suspeitas, comprando em grande quantidade, por isso tudo o que consomem vem da fazenda ou do Rio de Janeiro. Após a refeição, retorna para sua cabana e aproveita para escrever um bilhete que mandará para seu editor. Como a mensagem será lida por Sílvio e por membros de escalões superiores da

<sup>190</sup> O mito de que a Revolução Cubana chegou à vitória pelo poder mágico de 12 ou 17 sobreviventes da luta na Sierra Maestra a partir do nada, de um punhado de homens comandado por Fidel Castro, influenciou vários grupos armados, mas é questionável até hoje.

<sup>191</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 186-187.

organização, ele solicita apenas maior prazo para entregar a encomenda e informa que também estará fora da cidade por alguns dias.

Meu caro

Aconteceram alguns imprevistos. Você cairia duro se eu contasse tudo. Não assuste, que estou bem. Só não posso ainda é escrever o que você encomendou. Quando puder remeterei o trabalho, o mundo pode esperar pelo bidê – que é mais seu que meu. Passarei uns dias fora do Rio, conforme lhe avisei. Estou trabalhando, com um frade medieval, embora não existissem bidês na Idade Média. Abraço do Paulo<sup>192</sup>.

A falta de sono após escrever o bilhete leva Paulo a fazer uma caminhada pelos arredores da fazenda. Quando está quase se decidindo a retornar para a cabana, vê que o quarto de Macedo está com a luz acesa e lhe vem a imagem de Vera no quarto ao lado. Paulo entra na casa com cautela e se aproxima do quarto de Macedo, onde ouve um ruído que aumenta cada vez mais. Ele não consegue identificar o barulho, espera e desta vez ouve outro mais violento e reconhece a voz de Vera.

A primeira reação de Paulo é pensar que Vera mentiu sobre a tortura do maçarico que Macedo recebeu entre as pernas, mas, em seguida, ouve uma chicotada e um grito abafado de Vera. Então toma distância e arromba a porta. Diante dele se desenrola uma cena que ele já esperava, mas com algumas surpresas: Macedo está nu, com o chicote na mão, e entre as pernas tem uma coisa esturricada, disforme e sem cor. Na cama, o crioulo, também nu, possui Vera. Há pedaços da batina vermelha em volta do leito e o lençol está sujo de sangue.

Paulo e o crioulo começam a lutar e após vários golpes o escritor sente vontade de vomitar. O outro homem se aproxima com um casco quebrado e, para proteger Paulo, Macedo atinge o crioulo com um tiro certeiro. Depois tenta explicar o estupro de Vera, buscando justificativa na bebedeira e num estado de loucura que o levou a obrigar o crioulo a possuir Vera no lugar dele.

---

<sup>192</sup> Ibidem. p. 192.

Na chegada de Sílvio à fazenda, uma nova surpresa aguarda Paulo. Ao saber que Macedo não autorizou a saída de Paulo da fazenda e o seu retorno ao Rio, Sílvio pede a ele um pouco de compreensão e cautela com a situação.

Paulo acata a sugestão de Sílvio e concorda em ficar mais algum tempo na fazenda. Sílvio percebe que isso pode estar relacionado ao interesse de Paulo por Vera, mas este se defende, dizendo que não dormiu com a moça para que algum desejo tivesse sido produzido e afirmando que ela não faz o seu tipo. A afirmação agrada Sílvio, que comenta sobre a preservação da virgindade de Vera.

Paulo critica as opiniões do amigo sobre o comportamento sexual de Vera, sobre o grupo e outras questões, fazendo com que ele se lembre da manhã do seu aniversário. Sílvio lhe pedira para não receber Vera só de shorts, por considerar que seria uma atitude obscena, condenando Paulo por ter uma amante, ter desejo por sua ex-esposa e, pior, por escrever sobre elas.

Sílvio diz que Paulo não pode voltar para o Rio porque a situação se agravou e que isso compromete a situação de Vera, devido ao seu desligamento do Partido não ter sido ainda oficializado. Informa também ao amigo como o movimento de luta armada pretende promover uma ação defensiva, mesmo não recebendo nenhuma ajuda, seguindo a seguinte estratégia:

No Rio Grande do Sul há, hoje, condições para iniciarmos o movimento. Você está num campo de treinamento, deve ter andado por aí e viu a seriedade com que nos preparamos. Pois, bem: há cinco campos iguais a esses, alguns até maiores e melhores. Várias turmas já foram preparadas e estão em posição. Basta a ordem da Comissão e podemos, com um mínimo de luta, tomar diversos povoados em diferentes regiões do país. Evidente, a maior concentração de forças no Sul, temos, ali, uma retaguarda protegida, que é o Uruguai. Se a coisa der certo ótimo. Se fracassar, estaremos todos a um ponto que não vai além de oitenta, cem quilômetros de fronteira. Podemos ir a pé. Caminhando durante a noite, em etapas, em três ou quatro noites podemos atravessá-la. O importante é derramar o mínimo de sangue, de ambos os lados. A sangueira geral pode colocar a opinião pública contra nós. E sem apoio da opinião pública, da sociedade civil, nada poderá ser feito. Nem mesmo adianta fazer nada. Compreende? Eu estou sendo claro,

revelei muita coisa que talvez não merecesse ser dita a você. Saiba, é um privilégio.<sup>193</sup>

Sílvio define esta estratégia como de hipóteses ou perspectivas defensivas. Já a ofensiva estava focada em táticas para tomarem um determinado número de posições dentro do território nacional. A partir deste ponto, o Partido poderia participar, já que esta mobilização estaria reunindo descontentamentos, formando uma “frente que consiga, em termos políticos, derrubar a ditadura”<sup>194</sup>. Ele ainda explica que a ocupação de pequenas cidades deve ocorrer de forma a manter “respeito às decantadas qualidades do povo: a paciência, a cordura, o não-derramamento de sangue”<sup>195</sup>.

O Uruguai, mapeado na estratégia de fuga, já havia servido para vários exilados políticos após 1º de abril de 1964, entre eles o sociólogo Betinho, que afirma que durante 1964 e 1985 o território uruguai foi espaço de “reencontro de toda liderança do movimento popular” num período em que foram feitas várias reuniões da Frente de Mobilização Popular.<sup>196</sup> Betinho acrescenta que destas discussões surgiu a possibilidade de uma insurreição com participação de forças do Rio Grande do Sul, de Goiás, do nordeste e de oficiais nacionalistas das Forças Armadas. A ação seria desenvolvida com duas estratégias:

Uma, a estratégia do levantamento, da insurreição. Só que essa insurreição tinha que ser feita no sul. Uma insurreição supunha o sigilo, a surpresa, uma série de fatores que nunca se davam. Então, após se marcar umas 200 datas para a insurreição, sempre você tinha chance de que um dos fatores não funcionava. E a outra estratégia que nasceu nesse período foi a guerra de guerrilha, daí a serra de Caparaó. A linha alternativa da AP era a versão da segunda estratégia.<sup>197</sup>

<sup>193</sup> Ibidem. p. 210.

<sup>194</sup> Ibidem. p. 210.

<sup>195</sup> Ibidem. p. 211.

<sup>196</sup> CAVALCANTI, P.C.U.; RAMOS, J. (Orgs.). **Memórias do exílio**. São Paulo: Livramento, 1976. p. 79.

<sup>197</sup> Ibidem. p. 81.

A naturalidade com que Paulo fala sobre seu lábio inchado, resultado da briga com o crioulo, surpreende Sílvio. Ele comenta sua postura de dois dias atrás, quando foi visitá-lo e diz parecer agora estar encontrando o homem que se esconde dentro de si mesmo.

Sílvio salienta que enquanto Paulo estiver com o grupo, deverá segui-los por onde forem, tendo duas opções: continuar agindo como prisioneiro e buscar todos os meios de fugir ou aceitar o jogo e entrar na brincadeira.

As referências e influências que Paulo demonstrou em seu primeiro livro são comentadas por Sílvio para ressaltar o sentimento de liberdade contido na frase que ele leu e releu: “A coisa mais inglória da vida é a gente ser livre e não ter nada o que fazer com a liberdade!”<sup>198</sup>.

Paulo evita admitir que a frase seja sua e afirma que ela é oriunda das leituras de Sartre e Gide. Sílvio não acredita, pois a frase não está entre aspas, mas Paulo ainda insiste que pode ser proveniente das traições da memória. Argumenta que desde Homero nada de novo havia sob o sol, mas mesmo assim Sílvio mantém o questionamento e Paulo responde que sua atual situação não é de liberdade, porque ele é mantido prisioneiro, e se ele não é livre, não tem problemas sobre o que fazer com a liberdade.

O tom de fatalidade com o qual Paulo se refere à sua existência é resultado de um existencialismo sartriano que “nega, praticamente, os valores substanciais fora da subjetividade. O que conta é, sobretudo, nossa predestinação, nossa vocação ao sofrimento”<sup>199</sup>.

---

<sup>198</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 214.

<sup>199</sup> CARVALHO, José A. O submundo de Cony.. Op. cit, p. 140.

Os grandes temas sartrianos que influenciaram o cenário internacional e o cenário brasileiro na década de 1960 estão relacionados a questões existencialistas, da consciência, da liberdade, da má-fé e ao problema da moral.<sup>200</sup>

Sílvio diz que Paulo pode ficar com o grupo de Macedo ou em outro grupo. Ele prefere a segunda opção, porque o ódio que sente de toda a situação, em especial de Macedo, torna-se um estímulo para que ele siga em frente. Sílvio surpreende-se, por não estar acostumado a membros que possuam motivos pessoais ou emocionais para aderirem ao movimento.

Mas Sílvio sabe que as motivações de Paulo são baseadas na mistura de ódio e amor que nutre por determinadas pessoas, o que para ele ainda é pouco para uma luta onde existe risco de vida. O retorno à cabana faz Paulo relembrar qual o motivo ou pretexto que usou para escrever os apontamentos sobre o povo judeu. Percebe que o que para ele era um assunto impessoal, hoje é um episódio que carrega uma beleza em si: Moisés, criado na casa do faraó depois de ter sido tirado das águas do Nilo, ainda na infância convivia com a escravidão de seu povo. O opressor era aquele que lhe dava proteção e pão. Mas um dia, “um determinado escravo, um determinado açoite”<sup>201</sup>, foi o bastante para a decisão de liderar seu povo pelo deserto em busca da “terra prometida”.

---

<sup>200</sup> A filosofia sartriana buscava um pensamento que não fosse dogmático, procurando discutir a questão da existência entre três níveis: em-si, para-si e para-outrem. Assim, a existência humana está ligada à liberdade, ou seja, “o homem não pode ser ora livre ora escravo: ele é inteiramente e sempre livre ou não é”. Além disso, toda escolha passa a ser a escolha do mundo e que é sempre incondicionada, pois, “não nos tornamos livres, nós o somos espontânea, natural, imediatamente”. O tema do outro, tornou-se para Sartre. Uma das dificuldades do pensamento sartreano é o problema da “relação de minha liberdade com a de outrem”. A recusa em existir no sentido pleno da palavra é considerada como uma conduta de “má-fé”, ou seja, vive-se uma “aparência enganosa, de inexistência”. A moral existencialista da filosofia sartriana defende “que o homem se ‘faz; ele não está feito inicialmente, ele se faz **escolhendo sua moral**, ele não pode não escolher uma moral’”. Desta forma, conseguiu construir um pensamento sem antecessores e até o momento, sem sucessores, conseguindo fundar um pensamento que não têm vínculo com nenhuma outra filosofia anterior. (grifos do autor). HUISMAN, Denis, LE BLANC, Sabine (Colab.). **História do existencialismo**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2001.

<sup>201</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach: a travessia**. Op. cit., p. 219.

A motivação pessoal de Moisés cedeu espaço à motivação social. Durante a travessia na qual se lançou, o exílio interior que experimentou o fez solucionar rapidamente seus conflitos familiares, de sobrevivência, e seus amores.

Os elementos que Paulo destaca no romance o remetem à figura de seu pai que, como Moisés, tinha uma vida obscura e triste e se sentia frágil e fatigado, mas orbitava dentro de um cosmo repleto de reflexões e questionamentos existenciais comuns a um grande homem, porque há que se considerar que “num grande homem há um universo onde todos os homens pequenos se reúnem e se compreendem”<sup>202</sup>.

O histórico da vida de Débora apresenta experiências de esquerda que surpreendem Paulo. Ela tem 34 anos e um marido exilado no México desde abril de 1964 – ele era advogado e líder de sindicato. Após o golpe, foi demitida do Hospital Distrital de Brasília. Como não pôde acompanhar o marido, ficou no Brasil e engrossa a fileira dos que lutam. Ela conta que uma noite foi chamada pela Comissão para atender uma moça que havia sido torturada pela polícia e que morreu logo depois. Esse episódio mostrou a Débora até que ponto a ditadura havia chegado. Desde então, ela se colocou à disposição da Comissão para qualquer ação.

A presença de Débora no grupo confirmava as estatísticas que revelavam o envolvimento de vários setores da classe média em organizações guerrilheiras e a baixa participação feminina – no grupo de Macedo, eram apenas ela e Vera. De acordo com Arns, em *Brasil nunca mais*, os homens formavam a grande maioria de pessoas acusadas de subversão pelo regime militar: “88% dos réus eram do sexo masculino e apenas 12% eram mulheres”<sup>203</sup>. Quanto à ocupação daqueles que foram processados

<sup>202</sup> Ibidem. p. 220.

<sup>203</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: nunca mais** – um relato para a história. 30<sup>a</sup> ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999, p. 85.

durante a ditadura, Maria Hermínia e Luiz Weis destacam, referenciando a obra de Arns como fonte:

[...] 4.124 pessoas foram processadas durante o regime militar. Das 3.698 cuja ocupação é conhecida, 906 – praticamente uma em cada quatro do total, formando o maior grupo – eram estudantes. Seguem-se os 599 profissionais liberais com formação superior (16,2%) e os 319 professores representando 8,6% do conjunto. Conforme o mesmo autor, dos 9.549 envolvidos em processos – como denunciados, indicados ou testemunhas –, para os quais há informações sobre escolaridade, em torno de 60% tinham curso universitário, quase divididos por igual entre (falta alguma coisa aqui) e os que ainda estavam na graduação.<sup>204</sup>

Na fazenda, o grupo se prepara para viajar, enquanto repercutem episódios ocorridos em Recife – em 1966 ocorreram três atentados, sendo um dos alvos o Aeroporto dos Guararapes<sup>205</sup>. O destino é São Paulo e depois o Sul do país. Após desembarcarem em Porto Alegre, o trajeto deve ser feito em um caminhão. Vera, Débora e Paulo se acomodam na carroceria e Macedo na cabine. Paulo discorda da decisão de Macedo de obrigar-lo a se deslocar com o grupo, pois o combinado foi ele ir embora com Sílvio, mas só aí fica sabendo que Sílvio foi preso. A primeira parada é na estrada que dá acesso à rodovia Rio-São Paulo. Nas proximidades do quilômetro 305, eles resolvem almoçam em um restaurante ao lado de um posto de gasolina. Antes de entrar, Macedo pede aos companheiros para arrumarem suas roupas que estão empoeiradas para não levantar suspeitas.

Na chegada a São Paulo, o grupo procura um hotel para se hospedar e depois seguir viagem para o Sul. Paulo deixa as malas no quarto que dividirá com Débora e sai para providenciar dinheiro e passagens para ele, Débora e Vera. Enquanto caminha, pensa em suas ações durante a fuga do grupo e como isto se tornou importante. Pela primeira vez, há sentido em seus passos. Compradas as passagens, Paulo procura a filial

---

<sup>204</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia. T.; WEIS, L. Op. cit., p. 326.

<sup>205</sup> ALTMAN, Fábio. 13 de Dezembro de 1968- O dia do AI-5. **Época**. São Paulo: Edição especial., dez. 1998, p. 82.

da editora para pegar um adiantamento e compra jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro.

As notícias, inclusive aquelas sobre o atentado no Recife – louvam o regime, o governo. No quadro internacional, os americanos ameaçam utilizar armas químicas. No campo religioso, o Papa dedicou “o mês de outubro ao Santo Rosário, e pede que a cristandade reze o terço em intenção da paz”<sup>206</sup>.

A falta de informações claras sobre o clima político nos jornais que o grupo compra – também para saber a respeito das últimas prisões – reflete a situação vivida pela imprensa de oposição desde o início do regime, com a presença da censura nas redações. Dentre os maiores jornais, o Correio da Manhã, do Rio de Janeiro – onde Cony, desde o golpe, estampou várias crônicas de crítica até sua saída em fevereiro de 1965 – tornou-se porta-voz da parte da classe média oposicionista. Em junho de 1974, o jornal teve sua redação fechada por causa da crise financeira provocada pelo corte de linhas de crédito administradas pelo governo.

Na visita à filial da editora, Paulo é encaminhado à sala do diretor, que quer falar com ele. Recebe um envelope grande, denso e frio, enviado pela matriz, no Rio de Janeiro. O conteúdo intriga: são recortes das sessões de livros de vários jornais. Alguns elogiam e outros criticam seu trabalho como escritor. Mas um recorte chama a atenção: traz notícia sobre um casal de velhos encontrados mortos no bairro da Tijuca, informando que foi um duplo suicídio causado por ingestão de cianureto.

O suicídio dos pais de Paulo caracteriza a sedução pela morte como meio de escapar do sofrimento que seu pai vinha presenciando desde a 2ª Guerra Mundial com a perseguição aos judeus e que ele previa que iria se repetir no período de ditadura. Este comportamento suicida era compartilhado por alguns presos políticos que viam neste

---

<sup>206</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 251.

recurso uma forma de manter “a fidelidade às suas próprias convicções, diante de um inimigo revestido da autoridade do Estado e que tinha a seu favor o tempo, a crueldade dos modos e dos instrumentos de suplício, e a impunidade”<sup>207</sup>.

As providências fúnebres foram tomadas por um velho amigo da família. O nome de Paulo não fora mencionado nenhuma vez porque ninguém sabia que Joachim Goldberg Simon era seu pai. Antes de sair da sala do diretor, ele escreve dois bilhetes, um para o editor e outro para sua filha Ana Maria, informando sobre a morte dos avós e sobre o testamento que estaria à disposição dela.

O dinheiro conseguido por Paulo é depositado em um banco com filiais em todas as cidades do Rio Grande do Sul. Ele logo retorna ao hotel em busca de descanso, mas a notícia da morte de seus pais lhe tira o sono. Para ajudá-lo, Débora oferece um calmante, mas quando ele resolve tomá-lo, recorda-se do comprimido de cianureto que seu pai lhe dera para ingerir a qualquer sinal de perseguição aos judeus pelo governo.

Paulo comenta com Débora que a tranqüilidade que o grupo está vivendo o incomoda e ela responde que a situação é grave, mas não é medida pelos jornais.

No dia seguinte, Débora já havia retornado ao Rio e Paulo e Vera seguem para o Sul. No aeroporto, antes de embarcarem, compram mais jornais para verificarem alguma novidade. Na sala de embarque eles observam a presença de policiais disfarçados de executivos.

A chegada em Porto Alegre traz nova surpresa. Macedo, que estava sempre à vista, desaparece enquanto Paulo e Vera esperam suas malas. A sensação de segurança que ele inspira está presente. Próximo a eles, uma discussão referente à demora das malas entre um padre e um funcionário da companhia chama a atenção de Paulo, que se aproxima para ouvir o bate-boca.

---

<sup>207</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Op. cit., p. 219.

Vera repreende a atitude, explicando que essas situações fazem com que as pessoas que estão brigando ou assistindo acabem guardando a fisionomia dos que estão no “bolo”. Ainda ressalta que Porto Alegre é uma das cidades com maior quantidade de policiais do Serviço Secreto e que de cada cem pessoas que circulam pelas ruas, uma é policial disfarçado.

O processo de fuga relatado por Paulo Simões rendeu vários depoimentos de ex-exilados que, ao retornarem ao Brasil, contribuíram para as publicações referentes a este período. Entre elas podemos destacar o livro *Memórias do exílio*<sup>208</sup>, uma reunião de relatos da experiência revolucionária de vinte e cinco militantes que compõem uma “história das memórias do exílio”, como denominaram Pedro C.U. Cavalcanti e Jovelino Ramos.

Quando Paulo e Vera deixam o aeroporto rumo ao estacionamento para pegar um táxi, um carro escuro pára ao lado deles. Entram rapidamente no táxi e colocam as malas no banco da frente. A porta traseira está semi-aberta e deitado no assoalho do carro está Macedo. Ele diz a Vera que o restante do pessoal deve estar se deslocando de trem, de navio, de avião, de carro, de carroça, e que o grupo de Santa Catarina está fazendo o trajeto a pé para se juntar aos demais na divisa com o Uruguai.

A Vila Boqueirão é a primeira parada para jantarem e em seguida seguirem viagem até a fronteira com o Uruguai. O motorista informa que Pelotas será a última grande cidade antes de chegarem à fronteira, depois seriam apenas zonas de lagunas<sup>209</sup>, simples povoados e vilas.

Paulo percebe uma reação estranha de Vera ao falarem sobre Pelotas, mas ela se recusa a comentar o assunto naquele momento. Capão Seco é o ponto de chegada do

<sup>208</sup> CAVALCANTI, P.C.U.; Ramos, J. (Orgs.). **Memórias do exílio**. São Paulo: Livramento, 1976.

<sup>209</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 264.

grupo. Depois de percorrem mais de três quilômetros, param diante de uma casa e, antes de saírem do carro, o motorista pisca o farol três vezes seguidas. Como resposta, as luzes da casa se acendem.

A recepção não é eufórica, mas há ansiedade pela chegada do grupo. Sem apresentações, apenas seguem rumo ao sul da casa. Parado junto à porta, um homem que parece ser o líder do grupo cumprimenta Macedo e estende a mão para Paulo.

O balanço das últimas circunstâncias com as quais se envolvera, feito por Paulo antes de dormir, ajuda-o a tomar uma decisão. Ele se sente mais humilde e obstinado. “Fraco, mas pela primeira vez, forte para fazer uma escolha”<sup>210</sup>.

O conceito de tempo também é avaliado por ele, que conclui que a necessidade de medição por anos, pelos calendários e relógios é um disfarce para aqueles que vivem “fora do tempo”<sup>211</sup> e por isso precisam medi-lo.

O dia amanhece e Paulo é convidado a se apresentar para o novo capitão, o mesmo que havia se interessado na sua decisão em participar ou não da organização.

A prisão de Sílvio representa um risco para o grupo, pois caso o torturem e ele revele a pequena parcela do plano que sabe, pode prejudicar toda a organização. Os meios de tortura<sup>212</sup> empregados causam impactos sobre a personalidade dos prisioneiros e conseguem arrancar deles informações em troca da garantia de mantê-los vivos.

<sup>210</sup> Ibidem. p. 268.

<sup>211</sup> Ibidem. p. 269.

<sup>212</sup> A lista de instrumentos utilizados pelos torturadores incluiu o pau-de-arara, o choque elétrico, a pimentinha (caixa geradora de eletricidade de baixa voltagem e alta amperagem), afogamento de diversas maneiras, caldeirão de dragão (uma cadeira onde esticava-se as pernas do torturado, além de submetê-lo às choques); geladeira (manter o torturado nu ou semi-nu em ambiente de baixíssima temperatura), tortura com insetos e animais (onde o torturado era deixado em cubículos na companhia de ratos, cobras e lagartixas ou se introduziam insetos e animais em diversas partes do corpo, principalmente no ânus), palmatória; enforcamento e esticamento do corpo; torturas sexuais, “churrasquinho” (acender sob o corpo ou aplicar papel retorcido no ânus da vítima preso no pau-de-arara e incendiá-lo).

Paulo fala que sua luta é diferente do grupo, porque não se sente obrigado a pegar em armas, o que leva ao capitão do grupo a questionar qual causa o interessa, além de assinar manifestos. O escritor responde que ainda não sabe, mas afirma que houve uma mudança, uma vez que tem andado atrás de patriotas que desejam salvar a nação.

O capitão diz a Paulo que sua ficha é boa. A avaliação que Sílvio, Macedo e Vera fizeram dele foi necessária para manterem um nível de organização que garantisse o sucesso do movimento e, como ele havia passado nos exames, estava apto a receber a promoção. O homem também o questiona sobre uma possível participação e o alerta sobre o risco de morte durante a luta. A resposta de Paulo espanta: “Não adianta estar ou não disposto, a gente sempre morre. Pessoalmente prefiro morrer na rua do que em uma cama. É mais higiênico”<sup>213</sup>

Renato Franco questiona esta forma de envolvimento de caráter “gratuito”<sup>214</sup>, motivo de críticas feitas também por Leandro Konder e intelectuais da época sobre o fato de Cony relacionar o engajamento de Paulo Simões primeiramente ao amor dele por Vera e não a um amadurecimento político e intelectual que ocorre no período em que o personagem fica alojado na fazenda.

A estratégia do grupo é ocupar vários pontos do território nacional e com isto aumentar a pressão contra o governo militar. O princípio da estratégia é provocar uma detonação, tomado uma pequena parcela do território que será controlada pela

<sup>213</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 272.

<sup>214</sup> A discussão sobre a gratuidade do engajamento político de Paulo Simões que Leandro Konder aponta está baseada na influência que ele e parte da crítica brasileira de esquerda tinham da estética marxista de natureza jacobina e que Renato Franco assim define: “o teórico mais expressivo era o húngaro Georg Lukács – , considerava a que a narração realista era a única forma (artística) capaz de romper a reificação – que é o olhar cativo da aparência ou seduzido pela plumagem da superfície – para captar, em profundidade, nos nervos tensos da realidade, as contradições e, nesse movimento de ruptura e descoberta, permitir ao personagem implicado na trama optar por transformar conscientemente essa mesma realidade, cuja natureza mais íntima foi desvelada para ele”. FRANCO, Renato. **Itinerário político do romance pós-64:** a festa. São Paulo: Ed. Unesp, 1998, p. 62.

organização em torno de uma semana a dez dias, prazo considerado suficiente para que outros escalões, em diferentes pontos e por diferentes motivos, forcem uma negociação política para pôr fim à ditadura.

O mapa atualizado do Serviço Cartográfico do Exército do Rio Grande do Sul é colocado sobre a mesa para que Paulo entenda por que Capão Seco foi escolhida para a missão de ocupação. Dentre os fatores analisados na escolha se destacam a facilidade de acesso à fronteira do Uruguai, o risco de traição por parte da Argentina devido a acordos entre as ditaduras militares dos dois países, acesso às três principais grandes cidades do Rio Grande do Sul: Bagé, Pelotas e Rio Grande.

O engajamento de integrantes da Marinha, do Exército, da Aeronáutica e da Brigada Militar do Rio Grande do Sul garantiu a posse de materiais de uso militar nos grupos revolucionários. Cabe lembrar que, de 1964 a 1974, o regime militar abriu 39 processos contra militares acusados de simpatizar com o governo janguista.

O apoio dos habitantes na cidade de Santa Vitória do Palmar é importante para a organização focar suas forças para Canudos e Cassino, vilarejos situados na ponta leste do estado e estratégicos para a defesa aos ataques que virão do Rio Grande ou Pelotas.

Os praças da Marinha também são citados pelo capitão como aliados. Ele afirma ser este setor o mais reacionário das Forças Armadas e seus militantes tão radicais como os praças do filme *O encouraçado Potemkin*. A partir da deflagração do movimento, nenhum navio de guerra terá condições de zarpar.

De acordo com dados de *Brasil nunca mais*<sup>215</sup>, nas Forças Armadas, a Marinha sofreu o maior número de processos punitivos. Era a corporação melhor organizada politicamente e contava com a Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais em

---

<sup>215</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: nunca mais.** , p. 120.

1962. Ainda tinha oficiais superiores que apoiavam a política de João Goulart, como o almirante Cândido Aragão, comandante do Corpo de Fuzileiros Navais.

Em 3 de abril de 1964 foram indiciados 1.123 fuzileiros e, destes, 284 foram alvos de processos judiciais que deram início aos maiores IPMs (Inquérito Policial Militar) do período de caça às bruxas do regime militar.

A compra de alguns aviões é a parte mais ambiciosa do plano da organização, que investe na construção de uma pista especial, camouflada durante o dia. Os vendedores de armamentos seriam os fornecedores dos aviões, caças modernos pilotados por antigos membros da FAB (Força Aérea Brasileira) que a ditadura considerava como mortos ou exilados. Paulo se surpreende com tantos detalhes sobre um plano que para ele era apenas, de início, o desvario de uma louca como Vera, de um homem frustrado como Sílvio e de um mutilado e amargo como Macedo.

Novamente a presença militar é citada e isto se deve à presença de membros da Aeronáutica de seis estados: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Ceará e Pará que, após o 1º de abril, estavam sendo julgados apenas pelo apoio que tinham às idéias constitucionais defendidas por Jango. Uma parte deles acabou participando de alguns movimentos, como o MNR (Movimento Nacional Revolucionário).

Agora, a organização prendera Paulo pela perfeição na estratégia das missões. Ele admitia que entre o carro enguiçado de Boneca e os aviões do capitão havia uma grande diferença a favor destes.

Acerca da reação dos EUA, Paulo pede mais alguns esclarecimentos ao capitão, que declara que os EUA terão que compreender que não será anunciada uma república socialista, apenas a queda da ditadura, pois o governo militar, conforme Daniel Aarão, "tinha um perfil, e um programa, o internacionalismo que rompia com as

pretensões automotivas do nacional-estatismo e enveredava por uma proposta de alinhamento com os EUA”<sup>216</sup>.

A oposição estadunidense a qualquer forma de ditadura é mencionada pelo capitão como sendo exercida por membros do próprio Congresso americano e pela opinião pública, que tem forte prestígio internacional.

Em contrapartida, os exilados brasileiros<sup>217</sup> são citados por representarem uma parcela de apoio muito importante para as organizações de esquerda que se opunham ao regime militar, pois o apoio internacional advindo de diversas partes do mundo em que estas pessoas estavam exiladas, como Genebra, Washington, Paris, Moscou e Vaticano, ajudariam na pressão da opinião pública internacional que se posicionaria contra os exageros militares que se acentuaram após o AI-5.

Os erros da participação norte-americana nos conflitos em Cuba e no Vietnã resultaram em um estado de intranqüilidade para os EUA e motivaram atenção e apoio monetário para países que estavam afastando o fantasma do comunismo.

Paulo demonstra um maior interesse em saber qual será a sua participação na luta, apesar de considerar que a vitória seja um pouco problemática. É então questionado pelo capitão sobre o motivo que tem para arriscar sua vida, porque o dele estava claramente definido.

O papel de Paulo na luta é bem simples: seguir o grupo do capitão na tomada de uma das posições.

– Vou responder à sua pergunta: o seu papel aqui é de simples participação na luta. Seguirá o seu grupo e ajudará na tomada de uma de nossas posições. Jaguarão tem uma equipe treinada e formada há muito para isso. Você irá para outro lugar, dentro do território que lhe mostrei.<sup>218</sup>

---

<sup>216</sup> REIS FILHO,Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Op. cit. p. 38.

<sup>217</sup> CAVALCANTI, P.C.U.; Ramos, J. (Orgs.). Op. cit.

<sup>218</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit., p. 278.

A importância da figura de Macedo é outro ponto referenciado pelo capitão, que ressalta a força da liderança que ele exerceirá entre os grupos que atuam na região de Lagoa Mirim e Lagoa Mangueira. O mapa é aberto novamente para mostrar claramente o ponto de atuação de Macedo; é apontada a região de Stella Mares.

O destacamento militar de Stella Mares está reduzido a um sargento, um cabo, dois soldados da brigada estadual e o delegado local que está em Porto Alegre. Na cidade de Santa Vitória do Palmar, o destacamento é ainda mais fraco: apenas um cabo e dois soldados. A ocupação será feita com dez ou vinte homens que Macedo deixaria, antes de seguirem viagem para outros povoados e vilas, até chegarem a Cassino, que receberá retaguarda de quarenta homens para se defenderem do ataque que deve vir de Rio Grande.

Um homem ferido cruza o carro do grupo e, antes de morrer nos braços de Macedo, fala sobre a traição que o grupo de Capão Seco sofreu com a chegada das tropas federais de Bagé que contornaram Pelotas para desviarem a atenção da movimentação que estes soldados faziam para cumprir a sua missão em Capão Seco. O resultado foi a morte do capitão, que fora degolado, e dos demais membros, transformados em poças de sangue.

A decisão de Macedo é traçar um plano de fuga para o grupo, evitando deixar rastros ou pistas. O grupo volta para Povo Novo, onde abandonam o carro e tenta atingir a fronteira pelo mato.

A primeira etapa da caminhada é por uma região de lagoas e próxima a Curril Novo, uma pequena cidade a cem quilômetros da fronteira com o Uruguai. Neste momento, Paulo tem uma sensação de liberdade, mesmo estando correndo o risco de ser preso. Pensa na surpresa que sua atual condição causaria entre seus conhecidos quando descobrissem que ele estava engajado em uma luta.

Edmundo consegue um jornal, armas, munição e mantimentos que trouxeram de Curral Novo para a caminhada até a fronteira do Uruguai. O jornal tem data de 13 de maio. Na primeira página, o massacre de Capão Seco que é descrito como vitória militar.

‘Exército desbarata movimento armado no Sul’. Fala em mortos, mas não se refere ao massacre geral. Macedo procura nomes, locais, o jornal é pouco informativo e muito opinativo, enche duas laudas de editorial louvando o patriotismo do comandante da guarnição de Pelotas, a bravura dos soldados que conseguiram debelar o foco de subversão.<sup>219</sup>

A próxima página informa sobre prisões em Jaguarão e Santa Vitória do Palmar e isto desespera Macedo, que deduz que foi tudo por água abaixo. O jornal do Rio também traz um comunicado oficial do Ministério de Guerra, avisando que foi descoberto e exterminado o grupo de subversivos que agia no Sul do país e se preparava para iniciar uma onda de terrorismo que incluía o assalto aos campos e cidades.

O grupo recebe um telegrama de Brasília, informando que o Conselho de Segurança Nacional encaminhará o pedido de estado de sítio, medida ociosa, já que a ditadura é um sítio permanente, considera Macedo. Esta medida do governo procurava ser justificada como a tentativa de solução para “um grave problema de segurança nacional”<sup>220</sup>, neste caso, a perda de controle político para conter as agitações de esquerda que cresciam desde 1965.

A morte do capitão deixa Vera horrorizada, enquanto Macedo considera que foi um favor, já que vivo seria torturado e poderia dizer alguma coisa, revelando nomes, endereços e as próximas missões. Macedo viveu na pele, literalmente, os atos de tortura mais cruéis que um ser humano pode agüentar e por isso sabe que a violência consegue fazer as pessoas revelarem segredos.

---

<sup>219</sup> Ibidem. p. 291.

<sup>220</sup> GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 310.

Macedo não acredita que a traição tenha sido de dentro do grupo, mas sim de algum membro do Partido. Vera não aceita a hipótese e analisa que a traição possa não vir do PCB, mas de alguém ligado ao Partido que conhecia o movimento e procurou contato com o governo para barganhar os cabeças do grupo, uma tática com vantagens para ambos os lados.

Macedo arrisca o nome do traidor, após insistência de Vera. Débora e seu amante, que é filiado ao Partido, poderiam utilizar qualquer informação para conseguir a concessão de um jornal. Macedo ainda tem esperanças em uma reabilitação da organização após alcançarem o exterior, passados cinco meses, tempo necessário para levantarem o que sobrou. Acredita ainda que a vitória tem que esperar algum tempo.

A menção à abertura de um jornal por um membro do Partido Comunista remete ao fato de que vários donos de jornais mantinham “comunas” em suas redações com o interesse de não os estarem discriminando e ainda conseguiam estar com profissionais extremamente organizados, pessoas de confiança dos donos destes jornais.

As prisões continuavam sendo feitas em Porto Alegre e no Recife, com o auxílio do Serviço Secreto do Exército que ainda acreditava que o plano partia do exterior.

A fronteira com o Uruguai estava completamente vigiada por patrulhas que vinham de São Borja ao Chuí. A caminhada teria então de ser noturna e precisariam encontrar um lugar para se esconder por dois dias. Importa destacar que outros países visados para o exílio temporário na América Latina eram a Argentina, o Chile, o Paraguai, a Bolívia, o Peru, Guiana Francesa e Panamá.<sup>221</sup>

O governo, aproveitando a onda de prisões, prendeu também deputados, jornalistas e políticos – segundo Macedo, pessoas inocentes ou pertencentes a escalões

<sup>221</sup> CAVALCANTI, P.C.U.; Ramos, J. (Orgs.). Op. cit., p. 18.

inferiores – como resultado dos poderes que o AI-1 dava aos militares para decretar a suspensão das imunidades parlamentares e autorizar o comando da revolução militar a cassar os mandatos políticos, além de estabelecer regras para o IPM (Inquérito Policial Militar).

O esfacelamento do grupo do Capão Seco atingiu a estrutura à qual pertenciam Vera, Paulo e Macedo, sendo o exílio a única saída. O rastreamento pela polícia seria fácil, porque Paulo havia esquecido a máquina de escrever e o esboço do romance em Capão Seco, mas Vera levanta a possibilidade de a casa ter sido destruída pelos morteiros e isso ter inutilizado todas as pistas.

Os rastros que Paulo deixou seriam comprometedores, já que, após a invasão do local ocupado por revolucionários, o Exército tem como intuito procurar pistas que levem a outros grupos ou a estratégias de fuga. Por isso, como lembra o militante Herbert Daniel, um dos requisitos era ter boa memória.

A maior parte dos militantes foi presa assim, nos **pontos caídos** (grifo do autor). Como eu sempre tinha um número gigantesco de contatos a fazer, em várias cidades do país, multiplicava o risco de queda. Pior para mim, era ter de guardar de cabeça lugares, datas, horários, às vezes com semanas de antecedência. Excluía, evidentemente, a hipótese de deixá-los por escritos, pois nunca se sabe se o tempo será bastante para o banquete de banqueiro de bicho, isto é, se a polícia vai dar folga para engolir as minhas listas. Boa memória, sem problema eu tinha; mas não queria ter. Fazia esforço para apagar da lembrança dados comprometedores. Cheguei a esquecer, com sinceridade, o endereço dos meus pais.<sup>222</sup>

A rota de fuga que Macedo traça para o grupo não deixa de apresentar alguns riscos. O trajeto consistia em atingirem a cidade de Chuí, mas antes teriam de passar próximo a Santa Vitória do Palmar e é aí que a cautela deveria ser maior, devido ao grande número de soldados do Exército.

---

<sup>222</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia T.; WEIS, L. Op. cit., p. 382-383.

A fome, o cansaço e a sede são os principais obstáculos para o grupo alcançar um bom rendimento e desempenho na caminhada, sendo alguns tabletes de chocolate o único alimento para comerem quando começassem a cansar.

O primeiro abrigo que acham para se protegerem da vigilância do Exército é uma olaria que está próxima a uma plantação de milho abandonada a vinte e cinco quilômetros da fronteira. Macedo informa que precisam andar dez quilômetros e se escondem em novo abrigo para, na noite seguinte, poderem atravessar a fronteira, o que leva Macedo a fazer referência à passagem bíblica do Mar Vermelho e a como Moisés conduz o povo hebreu nesta travessia.

Paulo complementa o comentário de Macedo, dizendo que ele parece um “Moisés esculpido em carne”, mas Macedo afirma que seria carne queimada, por ser um homem mutilado, e acrescenta que “cada um faça sua própria travessia”<sup>223</sup>.

A nova direção que a vida de Paulo toma demonstra uma travessia para um mundo que ele recusava, mas agora, convivendo diretamente com grupo de Macedo, começa a fazer parte de outro mundo e a buscar o sucesso de missões com riscos de morte e forte carga de aventura.

O envolvimento de Paulo Simões no projeto guerrilheiro de Macedo reflete o sentido missionário que, de acordo com o sociólogo Herbet José de Souza (o Betinho) – cientista político, líder estudantil e organizador da Ação Popular (AP) –, a literatura marxista<sup>224</sup> impunha aos militantes de esquerda, representando uma tendência religiosa

<sup>223</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. op.cit., p. 305.

<sup>224</sup> Betinho cita as leituras que lhe influenciaram desde os seus dezoito anos: Acho que só começo a deixar de ser religioso e a entender a realidade como tal recentemente. Quando estou na casa dos 40 anos. Isso é terrível! Você leva vinte anos vinte anos de atividade, passando por diferentes tipos de rótulos, de humanismo integral, Moutnier, Maritain, T. Cardin, Debray, Guevara, Mao Tse-Tung, marxismo-leninismo e tudo isso dentro de um denominador comum uma “atitude religiosa diante da realidade”, da vida, de si mesmo! Chegar aos quarenta anos e dizer: “Ah, agora eu começo a entender que política não é resultado de vontades individuais. Que partido político não é vontade de um grupinho que resolve criá-lo e lidera milhões de pessoas”. CAVALCANTI, P.C.U.; Ramos, J. (Orgs.). Op. cit., p. 100.

de padrão dogmático, já que esvaziava o sentido político para definir quem era de direita ou de esquerda, definindo quem entraria na estratégia de enfrentamento ao comando militar que, para alguns ex-exilados brasileiros que estavam no Uruguai entre 1964/1965, desenvolvendo o foco de guerrilha da serra de Caparaó que começava sua movimentação em fins de 1966 e começo de 1967, já era uma realidade.

A AP defendia, em 1965, um trabalho no qual o intelectual teria que defender o operário e não os interesses de sua classe, o que, para Betinho, liquidou com o “intelectual de classe” para transformá-lo apenas em “força de trabalho desqualificada, incapaz”. Esta comparação se deve ao fato de no início da AP, segundo Betinho, “se você era um professor você trabalhava com os professores, se você era um padre trabalhava com os padres, se era um jornalista trabalhava com jornal”<sup>225</sup>

Nesta mudança de identidade, Betinho descobriu que este sentido missionário nunca daria certo e quando foi novamente para o exílio em 1971 – prevendo o clima de represália do governo militar que após o AI-5 de 1968 se intensificou –, agora no Chile, desabafou:

A primeira coisa que descobri foi a perda do sentido missionário. Olha, eu não sou nem um dos 12 apóstolos, nem o décimo terceiro. Descobri que eu sou um cidadão comum e corrente. Que não tenho a missão e dever de estar convencendo ninguém a entrar no seu apostolado. Estou exatamente para liquidar essa visão religiosa do revolucionário como um apóstolo.<sup>226</sup>

A caminhada do grupo reinicia após uma última consulta ao mapa que eles carregam, mas é interrompida quando, próximo à estrada, eles se encontram um grupo de soldados acampados.

Pouco a pouco desenha-se, à nossa frente, o perfil das duas barracas de lona, das pequenas, e concluímos que, na pior das hipóteses, temos cinco soldados pela frente: dois em cada barraca, dormindo e uma sentinela, até agora não localizada. Estarão ali aguardando algum atalho que liga Santa Vitória do

<sup>225</sup> Ibidem. p. 86-87.

<sup>226</sup> Ibidem. p. 102.

Palmar ao Chuí, armaram as barracas voltadas para o lado oposto ao nosso, imaginavam que os vencidos estariam abandonando Santa Vitória por ali. É vantagem a nosso favor.<sup>227</sup>

O confrontamento com os sentinelas seria inevitável e Macedo prepara o grupo com os fuzis, revólveres e granadas que conseguiram carregar. Em seguida, aproximam-se das barracas com certa cautela, buscando uma posição de tiro.

As primeiras perdas do grupo são dois gaúchos que acompanhavam o grupo desde Capão Seco. A fronteira está a 15 quilômetros e é preciso uma noite de caminhada para o grupo alcançá-la, mas existe o risco de novo confronto com os soldados que estão ao longo das saídas que a estrada oferece para o grupo chegar ao Uruguai.

Por volta das três horas, o cansaço atinge Vera, que tem os pés inchados e sangrando. O grupo pára para um breve descanso e come o restante das barras de chocolate que evitara até o momento devido à sede que sentiam e por não terem água nos cantis.

Após Vera se recuperar, a marcha prossegue por poucos quilômetros e logo Macedo orienta que todos se escondam em uma vala aberta no meio do mato, aguardando a chegada da noite. A posição é ideal, a estrada é vista por ambos os lados, além de ser uma excelente plataforma de tiros caso o Exército tente uma aproximação.

A presença de soldados que surgem ao lado da fronteira surpreende Paulo, que esperava aproximação pelo caminho que o grupo estava fazendo. A suposição de Paulo para justificar esta estratégia é que após a descoberta do acampamento destruído, as turmas se separariam, metade viria da fronteira em direção ao Norte e a outra metade desceria ao Sul.

---

<sup>227</sup> CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. Op. cit. p. 306.

Em algum ponto do caminho, as duas volantes se encontrariam. A sorte deles seria encontrá-los separadamente. A performance dos militantes é observada por Paulo, que conclui que são soldados em exercícios de rotina.

Não são muitos, lá fora. Onze ao todo, consigo contá-los. Andam de acordo com normas militares, duas alas, uma de cada lado da estrada. Uma das alas tem cinco homens, a outra seis. Não parecem procurar ninguém: cumprem com má vontade uma obrigação, dormiram a noite anterior em algum ponto da fronteira, se tivessem visto os companheiros mortos estariam tensos e irritados – ou pelo menos, amedrontados. Vistos à distância, são soldado em exercício de rotina.<sup>228</sup>

Macedo procura aproveitar o momento para informar qual a posição que o grupo terá que tomar para que alguém chegue à fronteira.

– Você atira daqui. Vera também, com os dois revólveres. O importante é fazer bastante fogo, eles não terão abrigo. Eu vou para a estrada e jogo a granada no meio das duas alas. É o jeito.

– Você será morto!

– Não importa. Importa é que alguém chegue à fronteira. Você e Vera, ou você ou Vera, isso é que importa. Vamos pegar essa gente de surpresa. Tenho duas granadas, não será fácil detonar as duas ao mesmo tempo, uma delas estourará muito próximo. Quando pular para a estrada vocês começam o fogo, não antes. Se eles responderem será inútil, vocês estão abrigados.<sup>229</sup>

O confronto suicida de Macedo foi tão rápido que nenhum dos soldados percebeu os tiros que os caçavam.

A visão que surgia à frente deles, o louco no meio do caminho, braços abertos, o vento fustigando a barba empoeirada, duas lágrimas de ferro e pólvora em cada mão – imobilizou-os e receberam duas granadas em cheio, não puderam perceber, que nós aqui da vala, tínhamos o alvo fácil e imóvel.<sup>230</sup>

A atitude de Macedo remete a uma racionalização do suicídio<sup>231</sup>. Ele é atingido na cintura por uma metralhadora que o picota, dividindo seu corpo ao meio.

<sup>228</sup> Ibidem. p. 311.

<sup>229</sup> Ibidem. p. 312.

<sup>230</sup> Ibidem. p. 313.

<sup>231</sup> CAVALCANTI, P.C.U.; Ramos, J. (Orgs.). Op. cit., p. 89.

Uma das partes é ainda atingida por uma granada que lhe arranca parte do rosto e do peito. Vera vai ao seu encontro para tentar socorrê-lo, mas, ao se deparar com a cena, imobiliza-a o pavor.

Paulo afasta Vera do corpo de Macedo e buscam os fuzis e a munição dos soldados mortos, apanham duas metralhadoras portáteis, muita munição e quatro cantis que parecem cheios.

Vera quer continuar a caminhada à noite. Paulo procura impedi-la de ir para a estrada. Andam apenas cem metros e já são surpreendidos por novos tiros. Paulo apenas tem tempo de empurrar Vera, que cai na beira do caminho no lado oposto do seu. Agora estão separados e se tornam alvos individuais para os soldados que atacam de algum lugar. Ambos estão sendo seguidos por soldados que rastejam em busca de uma posição para que possam atirar de forma certeira.

Paulo percebe na escuridão o vulto de um homem agachado no mato, rastejando em direção à Vera, e espera sua aproximação para atirar, tendo a certeza de que irá atingi-lo, mas Vera surpreende Paulo quando levanta subitamente e faz fogo em sua direção para apanhar um homem que iria alvejá-lo pelas costas – “o tiro fora certeiro e oportuno”<sup>232</sup>.

Vera, no entanto, não tem tempo para perceber que agora é ela quem está na mira de um soldado e Paulo procura atirar para defendê-la dos tiros que seguem seus pés, mas sua silhueta esconde o homem que a alveja. Paulo se levanta, segura a moça e consegue atingir o vulto que estava no mato.

Isso não significa nada. Vera empurra Paulo para o chão e recebe um tiro no peito que a joga para trás. Seu corpo protege Paulo, que seria atingido nas costas.

---

<sup>232</sup> Ibidem. p. 315.

A bala a pegara no peito, um pouco para o lado. Está viva ainda, respirando fundo, os olhos esbugalhados e aflitos, de sua boca sai um gosto de sangue, de vinho estragado – já é um gosto de morte.

– Corra, Paulo, atravesse a fronteira, só resta você!<sup>233</sup>

A última coisa que Vera diz para Paulo antes de morrer o surpreende mais uma vez: “O mais estranho Paulo é que eu acho que estou grávida ... aquela vez...eu...eu...”<sup>234</sup>.

Paulo carrega o corpo de Vera e o coloca numa vala, utilizando as unhas e os braços para ganhar tempo e devolver o mais rápido possível o corpo da mulher à terra.

[...] Não sinto cansaço, nem sinto o sangue que se mistura ao sangue que Vera deixara em mim. A terra me fere, arranjo uma pedra e com ela improviso uma pá, não me ajuda muito, mas me poupa as mãos sangrentas e aflitas. Finalmente surge um pequeno monte na minha frente: Vera está protegida.<sup>235</sup>

O comprimido de cianureto que Paulo recebeu de seu pai na tarde de seu aniversário e que ele carrega em sua mochila, dentro de um envelope impermeável, está agora esfarinhado e branco, misturado a terra e a chocolate. Está úmido de suor e de sangue. Novamente, a idéia de suicídio reaparece no romance como uma forma de interromper uma possível perseguição ou prisão.

A fronteira está agora bem perto e Paulo analisa o novo caminho que está à sua frente.

Não preciso de armas. Ouço o barulho das águas, a fronteira está perto. Sigo pela estrada sem cautelas. Vou trôpego, o cansaço de muitos dias, a confusão de quarenta anos me pesa e opõe. Estou barbado, sujo de sangue, fedendo a terra e morte. Mas há luz à minha frente, a aurora que nasce para mim – e para ela caminho.<sup>236</sup>

<sup>233</sup> Ibidem. p. 316.

<sup>234</sup> Ibidem. p. 317.

<sup>235</sup> Ibidem. p. 317-318.

<sup>236</sup> Ibidem. p.318.

Paulo avalia o que está à sua volta, após lavar o rosto no riacho que se abre aos seus pés, sentindo o calor do homem que está dentro dele.

Dou alguns passos em direção à outra margem. Estou deixando a terra e penetrando num estranho espaço, sem raízes. Faço uma volta em torno de mim mesmo, contemplo o que ficou para trás, mundo de chão e céu... Do outro lado está o nada, que é pior do que a morte.<sup>237</sup>

A decisão final de Paulo revela que ele abandonou decididamente sua vida anterior e desiste da travessia, sentindo-se eufórico por esta escolha.

Sinto uma alegria selvagem quando abandono a travessia e retorno à margem. A aurora, agora atrás de mim, esquenta com a vertigem e o clamor de sua luz vermelha, um novo corpo que surge afinal, obstinado, lúcido. Desenterro a metralhadora e volto<sup>238</sup>.

No trecho final, temos a consagração da travessia de Paulo Simões da literatura para a luta armada, do ficcionista para o revolucionário, finalizando o seu conflito interior na busca de uma nova identidade pessoal que o arranca da monotonia e do tédio nos quais sua vida estava mergulhada e que tornavam os seus quarenta anos mais pesados.

Neste momento, a atitude é de não “passar por cima” desta realidade, mas sim encará-la através da luta armada. Ao contrário de parte da esquerda, Paulo prefere não deixar o país ou se exilar. Já Cony não segue a postura de seu personagem. Após a publicação de *Pessach*, foi para Cuba participar do júri do *Prêmio Casa de las Américas*, ficando em um auto-exílio por quase um ano e, quando retornou, foi preso já no aeroporto. Porém, nesta obra, ele procurou, mesmo não escolhendo as armas, condenar “quem, mesmo estando na oposição, passou por cima de ‘companheiros’ para

<sup>237</sup> Ibidem. p. 318.

<sup>238</sup> Ibidem.

impôr uma imagem desfocada da realidade. Nesse sentido, critica quem acreditou nos direitos e na lei em uma terra que vivia momentos de desmandos”<sup>239</sup>

Portanto, *Pessach* conseguiu expressar conflitos do autor e do cotidiano do intelectual e militante, expondo à nação uma realidade de limitações sociais e políticas que o regime militar impunha e alcançando “a dor através do riso, as complexidades do presente através da simplicidade do passado (ou do futuro) e a frustração coletiva através da angústia individual”<sup>240</sup>.

---

<sup>239</sup> KUSHNIR, Beatriz. Op. cit., p. 241.

<sup>240</sup> SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o novo romance brasileiro**. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 429.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As críticas lançadas por *Pessach* à postura de afastamento do Partido Comunista da luta armada aumentou ainda mais a importância deste romance como registro de uma época.

A recepção do romance gerou críticas por parte de alguns membros do Partido – por exemplo, Leandro Konder e Ferreira Gullar, membros do Comitê Cultural do Rio de Janeiro –, o que, para Cony, demonstrava que a censura não era somente política partidária ou vinha apenas da direita, mas tinha origem também na esquerda, já que vários membros do PCB trabalhavam em postos-chaves da imprensa e “tinham o poder de iluminar e obscurecer quem quisessem”<sup>241</sup>.

Beatriz Kushnir procurou tecer alguns questionamentos referentes à recepção de *Pessach* e as polêmicas e debates que as três edições – 1967, 1975, 1997 – geraram e que representam apenas discussões em função da “disputa de memória”.

Em 1996, durante o processo para reedição do livro em 1997, Cony comentou sobre a tentativa de sabotagem do PCB a *Pessach*, em uma entrevista à Folha de São Paulo.

[...] foi sabotado de toda maneira, inclusive dentro da editora, a Civilização Brasileira. Havia um grupo grande do Partidão com interferência na editora. O livro foi considerado uma pedra no sapato. Achava-se que não era o momento de questionar a pureza ideológica, a pureza tática da esquerda. Ora, não fiz outra coisa a não ser isso. Levei para a ficção o meu questionamento como jornalista. Não é porque eu critico o vencedor que estou dando razão ao vencido.<sup>242</sup>

---

<sup>241</sup> KUSHNIR, Beatriz. Depor as armas - a travessia de Cony, e a censura no Partidão. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **Intelectuais, história e política**: século XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 236.

<sup>242</sup> Ibidem, p. 234.

O teor biográfico que *Pessach* apresenta e como ele entrelaça três histórias: “a de Cony, a de seu personagem e a da trajetória do livro, a partir do contexto em que esses se desenrolaram”<sup>243</sup>, traça orientam as discussões empreendidas por Kushnir para compreender as “lutas pela apropriação e constituição da memória”<sup>244</sup> entre Cony e o Partido, gerando, no escritor fortes feridas que ainda não cicatrizaram.

A postura de Cony, manifestada nas crônicas publicadas na sua coluna do jornal Correio da Manhã depois do golpe de 1964, tornaram-no um porta-voz, segundo Ruy Castro, de “um atrevimento quase suicida”, porque “denunciou as perseguições e torturas, zombou dos militares e propôs abertamente a anistia e a volta ao Estado de direito. Sua cruzada era muito mais humana que política”<sup>245</sup>.

Esta decisão pessoal de Cony passou a orientar a sua carreira jornalística e literária que se voltou para refletir a sua trajetória intelectual e as situações da época que, em seus vários trabalhos, são abordadas trazendo referências a alguma pessoa ou fato real.

As críticas que *Pessach* recebeu de alguns intelectuais e também do Partido se referem ao fato de a obra ter sido escrita sem Cony realmente ter tido uma experiência direta com a luta armada.

A censura do Partido Comunista já se deu em parte na orelha da primeira edição, escrita por Leandro Konder, que elogia a primeira parte do livro, salientando que “pode ser incluída entre as melhores páginas da ficção brasileira de todos os

<sup>243</sup> Ibidem, p. 220.

<sup>244</sup> Ibidem, p. 220.

<sup>245</sup> Ibidem, p. 221.

tempos”<sup>246</sup>. Em seguida, Konder critica a opção de Cony em falar de questões que a ficção não dá conta.

[...] ao abandonar o “pequeno mundo” privado e ao lançar-se resolutamente à abordagem de questões mais difíceis de serem tratadas em termos ficcionais, Cony mostrou que a sua experiência já realizada como romancista não matou nele a inquietação, a audácia na busca de caminhos novos. Ao meu ver, a audácia acarretou certo prejuízo estético para a unidade, o equilíbrio da obra.

Konder ainda avalia que Cony correu o risco de falar de uma matéria que não dominava e com a qual não estava familiarizado.

Eu acho que uma pessoa que conhece o Partido Comunista através de livros, de relatos, através da história de alguns momentos da militância comunista, da atividade comunista em outros países em outras épocas, fica marcado por isso. E isso alimenta uma certa paranóia. Eu acho que Cony, por nunca ter sido do partido, ele projeta alguns fantasmas [no que seriam as atividades] da militância<sup>247</sup>.

Desta forma, percebemos uma certa censura intelectual que provinha de um período em que os textos referentes à luta armada tinham um cunho memorialístico e eram escritos por ex-militantes, principalmente durante a década de 1970. Trata-se, na perspectiva de Reis Filho, de uma “memória da conciliação, esquecendo a dor”, identificada também pelo autor em outros trabalhos, como o filme *O que é isso companheiro?*, de Lima Barreto, baseado na obra homônima do ex-militante do Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), Fernando Gabeira.

A respeito de *Pessach*, Reis Filho também tece as seguintes considerações:

[...] a pessoa pode escrever sobre o que bem entender, mas, para ganhar credibilidade, é preciso estudar, pesquisar etc. Do jeito que está feita a parte do *Pessach* que fala da luta armada, fica evidente que o Cony não meditou bem a respeito. Por que digo isto? Porque ele é um grande escritor, quando escreve sobre algo a respeito de que tenha uma reflexão séria (que implica

<sup>246</sup> Ibidem, p. 233.

<sup>247</sup> Ibidem, p. 236.

estudo, pesquisa etc.). E a parte daquele livro que fala da luta armada é simplesmente inócula, não convence, é artificial.<sup>248</sup>

Beatriz Kushnir questiona este ponto de vista, levantando as seguintes discussões: “um escritor ficcional só pode narrar acontecimentos de que tenha participado? Ou será que iluminar uma determinada região pelo foco do não-engajamento condena a narrativa a um segundo escalão?”<sup>249</sup>.

Procuramos outras observações que o romance recebeu ainda em 1967, mostrando que a crítica não se posicionou apenas sobre a discussão da luta armada, mas também dirigiu atenções para a qualidade da narrativa.

No artigo intitulado *O momento literário*<sup>250</sup>, Nelson Werneck Sodré considera que Cony é um romancista da classe média brasileira e, por isso, já tinha uma posição política. *Pessach* veio apenas trazer a intencionalidade de apresentar uma crítica mais direta.

Werneck analisa a segunda parte do romance como um conjunto que consegue retratar a “perplexidade, a confusão da esquerda brasileira, após a derrota de abril de 1964”, desta forma garantindo verossimilhanças: “uma guerrilha organizada por tipos como os representados, pelo desespero estudantil e intelectual pequeno burguês, podia bem resultar nos quadros que o romancista apresenta – se não é verdadeiro, é verossímil”<sup>251</sup>.

Mesmo a travessia do autor não acontecendo, Werneck não desmerece a obra e elogia Cony como “romancista de primeira qualidade, cidadão digno de todo respeito,

<sup>248</sup> Ibidem, p. 243.

<sup>249</sup> Ibidem, p. 222.

<sup>250</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. O momento literário. **Revista Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, nº 15, setembro 1967. p. 223.

<sup>251</sup> Ibidem, p. 224.

escritor dos melhores que possuímos”. E conclui que a guerrilha da pequena burguesia representada no romance “é, felizmente, a de que se ela não fosse assim, teria de ser assim, porque ela, como é representada no romance, reflete também a deterioração, a angústia, a perplexidade, a confusão em que se debate a pequena burguesia”, camada social à qual Cony pertence e vive, o seu microcosmo<sup>252</sup>.

Callado, apesar de algumas divergências ideológicas, também acrescenta sua opinião, elegendo *Pessach* como o “livro que melhor registra, na literatura do Brasil, a angústia da época mais neurótica dos tempos modernos”<sup>253</sup>. Também comenta a orelha da primeira edição para entender a posição de Konder:

[...] Leandro, por exemplo, era engajadíssimo [...]. Até que ponto não lhe pareceu que o engajamento quase frívolo de Paulo Simões desmoralizava um tanto a luta? Não sei.<sup>254</sup>

Na reedição de 1975, houve mudanças na capa – em 1967 era um exemplar “vermelho com um rasgo roxo de onde se via o perfil de três homens com metralhadoras em punho” e em 1975 “tinha o desenho de uma grade e do lado de fora um foco de luz, que tanto podia ser o farol de um carro ou o cano iluminado de uma arma após disparos”. E a orelha, antes assinada por Leandro Konder, na segunda edição é de autoria de Paulo Francis – sobre esta, Ruy Castro considera que não tinha um motivo, já que a primeira estava “com livros sem manuseio e lotava os depósitos dos sebos do Rio”<sup>255</sup>.

<sup>252</sup> Ibidem.

<sup>253</sup> Apud. Cony, Carlos Heitor Cony e CALLADO, Antônio. “Dois livros que saíram da prisão”. Jornal **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 ab. 1993. In: KUSHNIR, Beatriz. Op. cit. p 232.

<sup>254</sup> Ibidem.

<sup>255</sup> KUSHNIR, Beatriz. Op. cit., p. 236-237.

A edição de 1997 ocorreu após uma pausa de vinte e um anos e o caráter autobiográfico do livro é acentuado ainda mais, já que a data de aniversário que aparece é a mesma de Cony. Em 1967, editado pela Civilização Brasileira, o texto inicia com a informação: “Hoje faço quarenta anos”. E agora, pela Companhia das Letras: “Hoje, 14 de março de 1966, faço quarenta anos”.

Durante o lançamento desta nova edição, a indiferença do Comitê Cultural do PCB a Cony levou os ex-integrantes do partido, Ferreira Gullar e Leandro Konder, a negarem esta visão de censura e afirmarem que as reuniões no Rio de Janeiro tinham o objetivo de “promover espetáculos, principalmente os realizados no Teatro Opinião”, acrescentando que “desconhecem qualquer censura a obra de Cony”<sup>256</sup>

João Máximo – amigo de Cony que se reunia mensalmente nos anos de 1960 e 1970 com ele, Jânio de Freitas e Ruy Castro na mesa vinte e um do restaurante Arlecchino, no bairro de Ipanema, zona sul do Rio de Janeiro – até tentou reaproximar Cony e Gullar em 1997, mas a tentativa não foi feliz. Cony o “acusou de ter sido condescendente com seus supostos algozes”<sup>257</sup>.

Em resposta a um artigo escrito pelo jornalista Máximo e publicado pelo jornal O Globo em 27 de março de 1997 sobre o seu ressentimento com Gullar, Cony identifica o Comitê Cultural do PCB do Rio como um “SNI às avessas”, analisando que a única atividade do partido naquele período era a desenvolvida pelo Comitê que “atuava somente no varejo, patrulhando as manifestações no jornalismo, nas editoras, nas gravadoras, na produção de shows, do teatro, do cinema e da MPB”. Cony acrescenta que Gullar confidenciou-lhe que teria pedido que a “turma” – como eram tratados os militantes do partido – comprassem seus livros no pós-1964. Este pedido de

---

<sup>256</sup> Ibidem, p. 235.

<sup>257</sup> Ibidem, p. 237.

apoio de Gullar deu certo na época, mas Cony avalia que se os livros “podiam ser comprados em determinado momento, também podiam ser boicotados em outro”<sup>258</sup>.

Leandro Konder, citado no artigo de Máximo, afirmou que não tinha nenhuma lembrança de mencionarem censura a qualquer obra de arte ou atividade artística.

[...] o comitê nunca tomou nenhuma decisão relativa à obra de nenhuma de ninguém, da atividade artística de uma pessoa. Por quê? Porque a nossa concepção era de que o comitê cultural seria o lugar de coordenação, de concatenação de movimentos, que não passam pela criação cultural, passam pela ação política. Na hora de coordenar ações políticas de diferentes áreas, nós desempenharíamos um papel, essa era a nossa concepção. Então, eu nunca me lembro de [ter havido censura]. Me lembro de opiniões pessoais. Nunca houve discussão [oficial no interior do partido] a respeito de obras individuais.

[...] Possivelmente, em alguns momentos, em alguns lugares existiram fatos terríveis que alimentam esta paranóia. No caso do Rio de Janeiro, o comitê cultural, eu posso garantir que nós dissemos bobagens, fizemos análises políticas absolutamente equivocadas, mas em nenhum momento nós fomos *stalinianos* (grifo do autor)<sup>259</sup>.

Cony revidou as colocações de Konder com um forte teor de mágoa, comparando o seu isolamento pelo partido com uma atitude comum na União Soviética, onde faziam “dissidente ou indesejada uma não-pessoa. Os exemplos são muitos. Não se polemiza com uma não-pessoa, isso a torna uma pessoa”<sup>260</sup>.

A discussão que *Pessach* deflagrou entre Cony e os comunistas sobre a quem pertence o passado retoma as colocações de Nicolau Sevckenco e Antônio Cândido sobre o vir-a-ser de cada obra literária e a versão da memória do autor sobre as tensões sociais que compartilhou durante determinado momento sócio-político. Para os autores, a junção destes elementos individuais e as condições sociais possibilita entender qual a função do artista e sua obra.

<sup>258</sup> Ibidem, p. 238.

<sup>259</sup> Ibidem, p. 235-236.

<sup>260</sup> Ibidem, p. 238.

Desta forma, a opinião que compartilhamos com Beatriz Kushnir é a de que devemos considerar *Pessach* uma importante referência no resgate da discussão sobre o engajamento do intelectual e a contribuição histórica que o trabalho dele pode oferecer, procurando não passar por cima ou negar uma determinada realidade, mas sim oferecendo uma possibilidade de reflexão para analisarmos as organizações de esquerda atuantes no período de ditadura e as tensões instaladas entre alguns intelectuais e o Partido Comunista, bem como o afastamento do partido da luta armada.

O discurso até aqui apresentado reforça a importância de obras como *Pessach* no movimento de contestação ao regime militar, apesar da forte censura sofrida pelo setor artístico. Procuramos mostrar a intencionalidade desta obra de Cony em alcançar parte da sociedade burguesa que já se envolvia politicamente e criticava a repressão causada pelo regime militar. Mantemos, com isso, uma discussão sobre as várias versões que o passado tem a possibilidade de oferecer e, como Beatriz Kushnir já salientou, não podemos fazer nenhum juízo de valor com relação à polêmica que envolve os divergentes pontos de vista de Cony e do Comitê Cultural do PCB sobre *Pessach*, pois estaríamos matando o rico debate que cada um propicia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Hermínia. T.; WEIS, L. Carro-zero e pau-de-arara: cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia M. (coord.). **História da vida privada no Brasil:** contraste da intimidade contemporânea. v-4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- ALTMAN, Fábio. 13 de dezembro de 1968- O dia do AI-5. **Época.** São Paulo: Edição Especial, dez. 1998.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil nunca mais** – um relato para a história. 30. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.
- CALLADO, Antonio et al. **64 d.C.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- CARVALHO, J. A. In: **Encontros com a Civilização Brasileira.** RIBEIRO, Darcy. et alli. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- Cadernos de literatura brasileira.** São Paulo: Instituto Moreira Salles, nº 12, 2001. Semestral
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** 8<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Pulbifolha, 2000.
- CAVALCANTI, P.C.U.; Ramos, J. (Orgs.). **Memórias do exílio.** São Paulo: Livramento, 1976.
- CONY, Carlos Heitor. **Pessach:** a travessia. 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Pilatos.** 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Revolução dos caranguejos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004 (Coleção Vozes do Golpe).
- \_\_\_\_\_. **O ato e o fato:** som e a fúria das crônicas contra o golpe de 1964. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- \_\_\_\_\_. O fato político e o ato fisiológico. **Folha Online**, São Paulo, 16 março, 2004. Pensata. Disponível em: <<http://www.folhaonline.com.br>>. Acesso em: 03 set. 2004.
- \_\_\_\_\_. Vaiaram o Marechal. **Folha Online – Pensata.** São Paulo, 17 fevereiro. 2004. Crônica. Disponível em: <http://www.folhaonline.com.br> Acesso em: 03 set. 2004.
- CRUZ, Cláudia Helena. **Encontros entre a criação literária e militância política:** Quarup (1967) de Antônio Cândido. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Uberlândia. 2003.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **O espaço da dor.** Brasília: Editora UNB, 1996.
- DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento:** de Pascal a Sartre. Bauru, São Paulo: Edusc, 2002.
- FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. **Liberdade e uma calça azul velha e desbotada.** Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo: Hucitec, 1998.

- FRANCO, Renato. **Itinerário político do romance pós-64:** a festa. São Paulo: Unesp, 1998.
- GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas, a esquerda brasileira:** das ilusões perdidas à luta armada. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de Hollanda e GONÇALVES, Marcos Augusto. Itaú Cultural-Panorama Poesia e Crônica. São Paulo. Disponível em: <<http://www.itaucultural.com.br>> Acesso em: 03 set.
- HUISMAN, Denis, LE BLANC, Sabine (Colab.). **História do existencialismo.** Bauru, São Paulo: Edusc, 2001.
- KUSHNIR, Beatriz. Nem bandidos, nem heróis: os militantes judeus de esquerda mortos sob tortura no Brasil (1969-1975). In: \_\_\_\_ (Org.). **Perfis cruzados:** trajetórias e militância política no Brasil. São Paulo: Imago, 2002.
- RAMOS, Alcides Freire Ramos. **Canibalismo dos fracos.** Bauru-SP: Edusc, 2002.
- MAZZINI, Leandro. O menino de Lins de Vasconcelos – Carlos Heitor Cony. Jornal Bienal On line, Rio de Janeiro, 17 maio. 2004. Entrevista. Disponível em: <<http://www.jornaldabienalonline.com.br>> Acesso em: 03 set. 2004.
- MORAES, Renato. O pêndulo de Cony. **Imprensa.** São Paulo: n º 193, ago. 2004.
- REIS FILHO, D. A; SÁ, J. F. de. (Orgs.). **Imagens da revolução:** documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961 a 1971. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerda e sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Intelectuais, história e política:** séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução.** São Paulo: Unesp, 1993.
- SANDRONI, Cícero. **Carlos Heitor Cony:** quase Cony. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SARTRE, Jean Paul. **O que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1999.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o novo romance brasileiro.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SODRÉ, Nelson Werneck. O momento literário. **Revista Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro, nº 15, set 1967.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3ª. ed. São Paulo: Record, 2000.